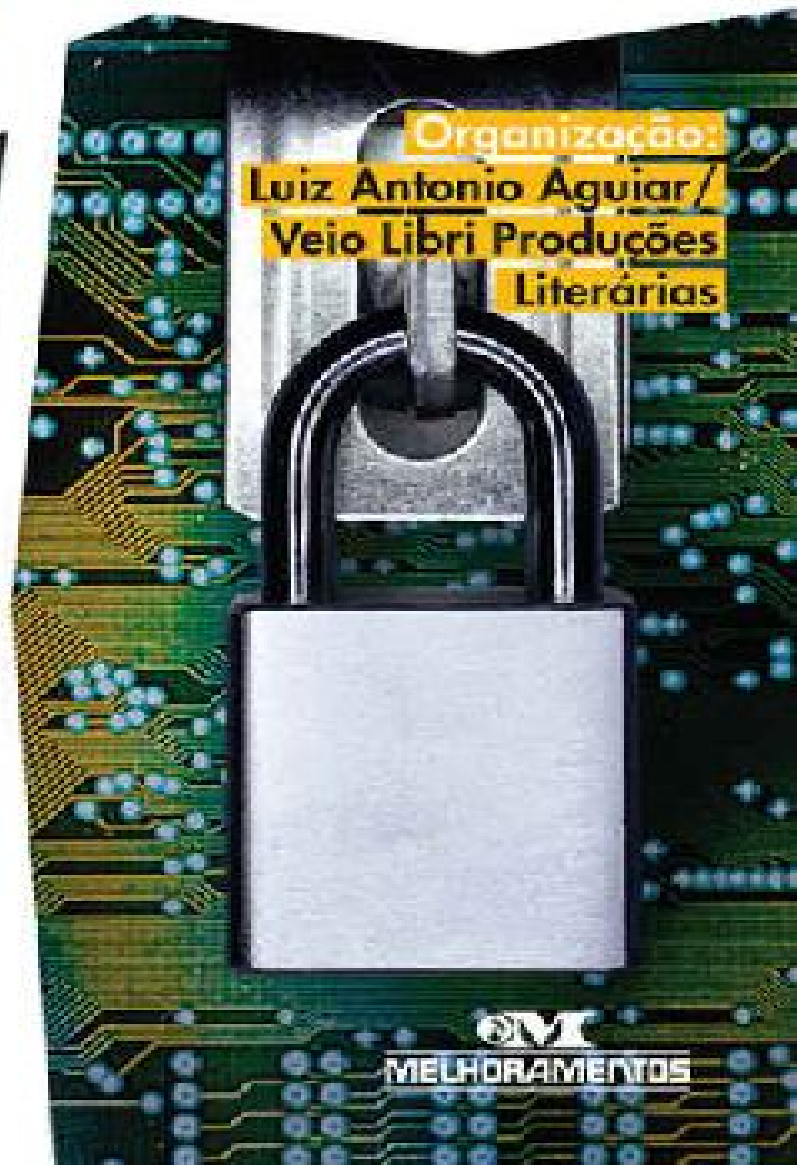




internautas

OS CHIPS
REINVENTANDO O
NOSSO DIA A DIA

20 contos



Organização:
Luiz Antonio Aguiar /
Veio Libri Produções
Literárias

OM
MELHORAMENTOS





internautas

OS CHIPS
REINVENTANDO O
NOSSO DIA A DIA

20 contos

Organização:

Luiz Antonio Aguiar/
Veio Libri Produções
Literárias

MELHORAMENTOS

internautas

Os chips reinventando nosso dia a dia





sumário

Apresentação: *Chips e chilies* - Luiz Antonio Aguiar

- 1 Angela Leite de Souza - *Olhos azuis*
- 2 Caio Riter - *voodeicaro.blogspot.com*
- 3 Celso Sisto - *Porque no peito de um nerd também bate um coração*
- 4 Edison Rodrigues Filho - *O cozinheiro digital*
- 5 Fernando Nuno - *Os Argonetz*
- 6 João Anzanello Carrascoza - *#Eu e ela*
- 7 Leo Cunha - *Gostos e desejos e mentiras*
- 8 Luciana Sandroni - *Trab Machado*
- 9 Luis Eduardo Matta - *Ação e reação*
- 10 Luís Pimentel - *Alt 0150*
- 11 Luiz Antonio Aguiar - *Desconectado ou É possível ser feliz sem internet?*
- 12 Luiz Rocha Soares - *Leia-me*
- 13 Miguel Sanches Neto - *Eu sou ela*
- 14 Raonix - *O garoto virtual*
- 15 Roberto Menezes - *Um coração acelerado*
- 16 Rogério Andrade Barbosa - *Ligação*
- 17 Rosa Amanda Strausz - *Game over*
- 18 Rosana Rios - *Blecaute*

19 Sandra Pina - *Uma nova mensagem*

20 William Amorim de Sousa - *Feliz Aniversário*

Para pesquisa, discussão e aprofundamento

Créditos



chips E chiliques

Luiz Antonio Aguiar

Verdade seja dita: a Internet não surgiu com o Big Bang – aquele boot primevo-primordial que inicializou o Universo. Nem ninguém, até agora, nasceu com o cordão umbilical já conectado à web. Tampouco há notícias de uma geração de mutantes em quem o celular (tipo amora-preta = BlackBerry) tenha se tornado um órgão, acoplado ao cérebro. Idem para iPods, iPads, e-readers, tablets e GPS.

Mas quem sabe, no futuro muito distante, a cultura humana terá mitos que contem como tudo começou, naquele período da Antiguidade entre os séculos XX e XXI?

E pode ser que comece mais ou menos assim:

“Faça-se a luz! E da luz nasceu a Internet”.

Serão, no futuro, as eras designadas como a.I. e d.I. – antes e depois da Internet?

Teremos então narrativas miraculosas sobre o nascimento do e-Universo e da i-nteligência-humana, e talvez até mesmo do e-spírito que anima cada um de nós. Será?

Outro começo, outra história. E ainda assim seremos esta mesma espécie humana, com suas utopias para o futuro e imagens de deuses e heróis para tentar explicar de onde viemos e o que estamos fazendo aqui. Quem não endeusa a tecnologia, que seja o primeiro a se desconectar!

A web pode ser essa cornucópia (um vaso miraculoso, em forma de chifre, que expressa na mitologia o sonho de abundância eterna) de recursos e engenhocas sucedendo-se num canibalismo cada vez mais vertiginoso (um computador último modelo que você compra hoje já chega em sua casa como o penúltimo modelo; idem para aparelhos celulares que a gente compra e, mal paga a segunda prestação, já fica

sabendo de um mais avançado... etc.). E, se a *traqu-i-tana* não nasceu com o Universo, alterou nosso cotidiano de maneira irreversível. É como se tudo houvesse se reinicializado assim que essas invenções entraram em nossa vida – mesmo que saibamos que a maior parte da população do Brasil e do planeta está assistindo à festa de fora.

O que, aliás, é bem diferente de estar de fora, sem olhar pidão pedindo para entrar e sem sofrer impactos do agito – algo mais do que impossível! E, de novo aliás, aí está um problema que começa a preocupar, a exclusão digital e seus prejuízos para a democracia, para a inserção no mundo do trabalho e até nos relacionamentos humanos. Olha só que importância a vida digital tem hoje!

É nessa banda larga que navegaram os internautas deste livro. Aqui temos autores de vários estados e cidades brasileiros, transformando em histórias – algumas divertidas, outras românticas ou dramáticas, outras, ainda, em matiz de aventura ou misturando gêneros – os chilikques por que nosso cotidiano vem passando, por conta desses chips abençoados (ou nem tanto, segundo alguns).

Mudou o namoro com o Facebook? E o amor, mudou também?

E como um 3G (re)modula o anseio dos mortais por privacidade?

Ora... Um dos mais ricos e complexos mitos que chegaram até nós, da Grécia antiga, foi o dos Argonautas. Contava a viagem de Jasão e dezenas de companheiros, entre eles os maiores heróis de seu tempo, como Hércules (ou Hércules, para os gregos) e Teseu, o que matou o Minotauro no Labirinto de Creta, que navegaram até a Cólquida, a bordo do *Argo* – e daí veio o nome pelo qual ficaram conhecidos os heróis –, para trazer o velocino de ouro. O velocino era a pele de um carneiro sagrado, guardado por um dragão e com poderes miraculosos, em grande parte desconhecidos. Ou seja, a grande aventura mítica foi penetrar nesses domínios em que real e imaginário se fundem e se confundem, para conquistar seu grande triunfo, superando seus limites, lutando às vezes contra as próprias paixões. Ora, curioso que se recorra a uma imagem mitológica dessas para nomear quem navega na internet...

Retornando ao presente...

O mais incrível é que estes contos de internautas seriam ficção científica trinta anos atrás, quando se imaginava, ao lado de viagens no tempo e travessia de buracos negros, uma rede que interligasse todos os sistemas de informação, quase um planeta paralelo, virtual, e algum recurso de comunicação que acompanhasse o usuário aonde quer que ele fosse. Na época, era coisa de ET, de jornadas pelas galáxias. Mas é assim mesmo: muito da ficção científica vira cotidiano hoje, mito amanhã.

Sabe então – dirão daqui a alguns séculos – de um tempo em que os seres humanos começaram a se relacionar com forças invisíveis, para as quais nada parecia impossível? Um tempo que mudou as fronteiras entre o natural e o sobrenatural? Entre o real e o vir a ser? E com o qual tivemos de lidar com os mesmos defeitos e desejos, os medos e os anseios de glória de nossos antepassados?

Pois esse tempo é o aqui e agora.

E os internautas somos todos nós.

NOTA EDITORIAL: Nesta obra não padronizamos a grafia de algumas palavras que vieram do inglês, obedecendo, em cada caso, a vontade do autor.



1 olhos azuis *ANGELA LEITE DE SOUZA*

O garoto era uma graça, e tudo parecia um desses encontros legais de shopping. Só que, quando ele encostou o revólver na nuca de Juliana e disse: “Calada!”, a história de “Olhos azuis” se transformou em pesadelo.

Foi só quando senti o frio do cano do revólver na minha nuca e ouvi a voz dele dizendo “Calada! Faça o que eu mandar e não vai te acontecer nada!” que compreendi o quanto tinha sido idiota. Também, o cara era um gato, com aqueles olhos azuis me perseguindo desde que saí da loja...

Por que não acreditei naquelas mensagens que volta e meia caem na nossa caixa postal, com um delegado alertando para os perigos que as mulheres correm, principalmente em estacionamentos de shoppings ou em ruas escuras? Não, para mim isso não passava de spam, deletava todos, não só do computador, como da minha cabeça. Mas não completamente, porque agora eu me lembrava muito bem do que *deveria ter feito e não fiz*.

Segunda burrice: pegar o carro da Joana emprestado, sem ela saber... Ela tinha viajado para São Paulo, ia demorar uns dias, resolvi aproveitar a oportunidade. “Afim”, pensei, “daqui a três meses eu posso tirar carteira, já sei dirigir muito bem, não tem problema dar um rolê rapidinho.” Eu só queria comprar o jeans que tinha visto no shopping, antes que saísse da liquidação.

Terceira idiotice: não ter chamado a Mari para ir comigo. Assim, quem sabe eu teria corrido menos risco.

Mas o pior mesmo foi ter achado que aquele rapaz lindo estava somente me paquerando. Quando saí da loja, dei de cara com ele, sentado num banco, olhando para mim. Fiz de conta que nem tinha reparado, fui tomar um sorvete. E olha ele de novo lá, me encarando. Aí, eu já fiquei mais interessada. Então peguei a escada rolante, para descer para o estacionamento. Notei, pelo canto do olho, que ele estava bem atrás de mim e fiz mais uma grande besteira: abri o celular e digitei meu próprio número, de modo que ele pudesse ver e anotar. Ainda dei uma olhadinha para trás, conferindo se ele tinha visto mesmo. Ele sorriu – uns dentes lindos – e fez um sinal de positivo com o polegar.

Chegando ao estacionamento, apertei o controle, desligando o alarme e abrindo as portas do carro. Entrei, na maior despreocupação. Só que ele entrou quase ao mesmo tempo no banco de trás e pôs o revólver no meu pescoço, falando o que já contei no início.

A adrenalina subiu a mil! E, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ele, com a mão trêmula, agarrou o celular, que eu tinha posto no assento do carona. Continuou falando, e sua voz era meio esquisita, desafinada: – Quietinha, viu, garota? Não vou te fazer mal. É só me obedecer. Estou precisando de grana e tenho certeza de que você tem muita, patricinha.

– Nã... nã... não! – respondi, apavorada. – Aqui comigo não tenho quase nada!

– Ah, mas na casa do papai e da mamãe deve ter muito dinheiro, não é? E é claro que você deve ter cartão de crédito. Vai ligando logo esse carro, que nós vamos passear até chegar a algum caixa eletrônico.

Enquanto eu tentava me acalmar para conseguir enfiar a chave na ignição, ele estendeu o braço e pegou minha bolsa. Mas não tirava o revólver da minha nuca, que já estava começando a doer.

Finalmente consegui dar a partida, e agora eu estava me lembrando de uma porção de filmes policiais, das cenas em que a vítima, que estava na

direção, conseguia abrir a porta, dar uma guinada no volante e rolar para fora, enquanto o bandido se esbarrachava com o carro numa coluna. Cadê coragem para tentar isso?

Tive ainda esperança de ver alguém ali por perto, entrando ou saindo de algum carro, para eu pedir socorro. Aquele seria o momento certo, já que o carinha estava meio distraído, vasculhando minha bolsa. Mas e se ele desse um tiro? Ou se me pusesse para fora do carro e me jogasse no porta-malas? Até que seria bom, porque eu ia fazer exatamente como aconselhou outro e-mail que recebi e li: era só dar um chute no farol e pôr a mão para fora, chamando a atenção de alguém, assim que estivéssemos no meio do tráfego.

Pura viagem minha... De onde eu estava, sem poder virar o pescoço, só dava para ver o que estava em frente. E eu nem fiquei sabendo que tinha, sim, naquele momento, um homem dentro de um carro bem próximo, com vidros muito escuros, que desconfiou de alguma coisa quando viu meu raptor entrar no banco de trás. Ele foi esperto e apenas anotou a placa do carro da minha irmã. O que fez em seguida, eu conto mais adiante.

– Tem um cartão aqui, anda logo, não posso perder tempo, não faz hora, menina!! – me ameaçava o cara, apertando ainda mais a arma contra minha nuca.

– Ai! Eu sou estudante, nem fiz vestibular ainda... – gemi.

– E daí? O que tem isso a ver com o cartão?

– É que eu tenho um limite bem baixinho para sacar, entendeu?

– Não interessa, vamos limpar o que tiver lá! – berrou ele, mas deu para perceber que a voz tremia, parecendo até que ia chorar.

Quando percebi essa insegurança, senti um pouco de alívio. Pensei: “O melhor é levar um papo com esse sujeito, fazê-lo ganhar confiança. Aí, pode ser que ele me liberte mais rápido ou então que consiga enganá-lo e escapar”. Mesmo assim, eu estava bem nervosa. Imagine só: com um carro que não era meu, sem carteira, menor de idade e um sequestrador descontrolado na minha cola.

– Estaciona aqui, Juliana! – ordenou ele, como se me conhecesse havia muito tempo. Levei um susto, depois me lembrei de que ele estava com meu cartão e sabia meu nome e sobrenome.

Freei de repente o carro, que morreu logo depois de um bom solavanco.

– Você não sabe dirigir, não, garota? Vai descendo e não tenta fazer nada. Vamos ali naquele caixa. Você está na minha mira, fica esperta!

– Tudo bem, mas só vai dar para eu tirar duzentos.

– Que pobreza, hein? Tá legal, depois tem mais, ah, isso tem!

Fazia já uma hora que estávamos rodando pela cidade. Agora era ele quem guiava o carro, segurando o revólver e o volante. A essa altura, eu já sabia que ele se chamava Luís Fernando, era de uma família rica de São Paulo, porém tinha se envolvido com drogas, depois com traficantes, e, por causa disso, estava com uma dívida grande para pagar. Tinha vindo para Belo Horizonte de carona com um companheiro de ativa, como eles dizem, que desapareceu assim que chegaram aqui. Só deixou com ele o contato com uns bandidos de Contagem, para armar a “operação”. Mas isso eu vim a saber depois, bem depois.

Foi difícil para ele tomar coragem de abordar alguém, nunca tinha participado de um sequestro. E, enquanto ia me contando essas coisas, o cara às vezes chorava, às vezes ria, meio histérico. Sabe que até cheguei a sentir um pouco de peninha dele?

Ao mesmo tempo, eu pensava na minha irmã, que com certeza já tinha me ligado várias vezes – meu celular não parava de tocar na mão do cara – e talvez estivesse começando a ficar preocupada. “Bom”, pensei, tentando me tranquilizar, “provavelmente está dando aquela mensagem ‘fora da área de serviço’ e ela ainda não desconfiou de nada.” Logo em seguida me veio o pensamento contrário: o que eu precisava era que *alguém ficasse preocupado comigo!*

Se ao menos eu pudesse mandar um e-mail para o iPhone dela! E o pior era que não havia papai e mamãe para me garantir, como esse Luís Fernando estava imaginando. Eles moram no interior, e nós duas viemos

morar aqui, para estudar. Isso quer dizer que eu estava na maior fria, não tinha a quem recorrer.

– Afinal de contas, onde é que você se esconde, pô? – O carinha estava ficando impaciente, porque, para ganhar tempo, eu tinha mentido, dizendo que morava num bairro de periferia e nada de ele achar o endereço. Meu plano era que ele desistisse ou que de algum jeito eu conseguisse fugir.

O problema era que o marcador de gasolina já acusava um quarto de tanque, e acho que ele só tinha o dinheiro que me furtou. Acabei abrindo o jogo e contando que morava no centro da cidade. Quem sabe, chegando em casa, algum vizinho desconfiasse e avisasse a polícia?

Já eram sete da noite quando entramos no meu apartamento. Ele deixou que eu preparasse sanduíches para nós, enquanto revistava a casa inteira. Foi arrancando todos os fios das tomadas – o do telefone na sala, o do computador da Joana – e ainda desligou algumas chaves de luz. Tomei um banho, com a porta só encostada, ele de vigia. Depois, me trancou no quarto de empregada, que só tem janela para a área de serviço, ou seja, de onde eu não poderia chamar a atenção de ninguém. O sujeito era mesmo esperto.

Mas eu tinha um trunfo, uma carta na manga: meu notebook, guardado exatamente no armário do quarto onde estava trancada. Com medo de alguém entrar no prédio e roubar meu laptop, eu o escondia dentro de uma gaveta fechada a chave. E essa chave só eu e Joana sabíamos onde ficava: pendurada num prego, atrás da escrivaninha que eu usava para fazer os trabalhos da escola.

O que eu não sabia, então, era que muita gente já estava agindo para me salvar. Joana tinha estranhado o fato de eu não atender nenhuma chamada no celular e não me encontrar em casa a tarde toda, nem mesmo à noite, quando conseguiu ligar para o fixo pela última vez. Diante disso, resolveu telefonar para nossa vizinha, que disse ter-me visto entrar no prédio na companhia de um rapaz. Foi aí que minha irmã ficou mesmo furiosa: quer dizer que eu estava aproveitando sua ausência

para levar namorados para nosso apê? A fúria, no entanto, se transformou em preocupação quando a vizinha acrescentou que quase não havia luzes acesas na casa e que o tal sujeito tinha saído sozinho, mais tarde, no carro dela, Joana.

A essa altura, também meu desconhecido quase salvador do estacionamento do shopping já tinha contado suas suspeitas à polícia, que logo tentou localizar os dados do carro no Detran. O grande azar foi que, na pressa, ele anotou errado um dos números da placa... Daí eu chamá-lo agora de quase salvador.

Enquanto isso – eu também soube mais tarde –, o Luís Fernando foi se encontrar com os tais caras com quem estava armando, pelo meu celular, a próxima etapa do sequestro. Era uma turma barra-pesada, envolvida com o tráfico e escolada em roubos e assaltos. Esse pessoal já tinha preparado um esconderijo para mim, perto de um condomínio nas vizinhanças de Belo Horizonte.

Assim que fiquei sozinha, peguei depressa a chave da gaveta onde guardava meu note e num instante já estava conectada. Escrevi primeiro para minha irmã, lógico, contando tudo, até mesmo o lance do carro... Sabia que ela ia ficar muito injuriada, mas provavelmente o medo do que podia me acontecer seria mais forte que sua raiva. Minha ideia era disparar mensagens para todos da minha lista, menos meus pais, que poderiam ter um piripaque quando soubessem.

Então, comecei a mandar o segundo e-mail, dessa vez para a Aninha, já que ela não larga o BlackBerry e com certeza ia ver logo meu S.O.S. e espalhar para todo mundo.

Estava clicando no “Enviar” quando escutei um barulhinho de chave na porta. Meu coração quase saiu pela boca! O Luís tinha voltado, meu Deus!

Não deu tempo de mais nada: assim que entendeu o que eu estava fazendo, ele me fuzilou com aqueles olhos azuis, que agora estavam negros de raiva.

– Sua imbecil! Traidora! – gritava enquanto ia agarrando o notebook e arrancando-o das minhas mãos. – Então eu trato você feito gente, e você tem coragem de fazer isso?

Em seguida, ele largou o note no chão e avançou para mim, me segurando pelos dois braços e me sacudindo.

– Agora você vai ver como é que se faz com uma sequestrada traíra! – berrou, sem se dar conta do quanto era ridículo falar aquilo. Como o cara queria que eu agisse, sendo uma se-ques-tra-da? Que obedecesse sem reagir?

Pois era isso mesmo que eu devia ter feito, porque havia acabado de perder o resto de liberdade que ele até então tinha dado: estava com as duas mãos bem amarradas nas costas e trancada outra vez naquele quartinho – sem luz, sem água, sem comida.

Agora era torcer para alguma das duas ler meus e-mails e agir, raciocinei. Será que iam avisar a polícia? Era perigoso, os sequestradores costumam ficar mais violentos se descobrem que alguém está no encalço deles. Pelo menos é o que a gente vê nas novelas e até na vida real.

A noite passou muito devagar, apesar de tanto sono e cansaço. O nervosismo foi substituído por uma crescente dor nos ombros, cochilos cheios de sobressaltos, uma vontade louca de fazer xixi e o estômago roncando de fome.

Finalmente, quando já entrava uma claridade fraquinha por baixo da porta, ouvi os passos do meu carrasco se aproximando. Carrasco, sim, porque eu me sentia à beira da morte nessa altura!

– E aí, como está a princesa? – foi ele perguntando num tom de gozação, assim que entrou. E continuou a me zoar: – Dormiu bem? Teve doces sonhos?

Aquilo me deixou possessa, mas fingi que não estava nem aí. Achei mais prudente voltar a ser aquela pessoa dócil que eu tinha sido até ele me encontrar com o notebook. Fiquei muda.

– Agora você pode ir ao banheiro e, depois, quem sabe eu dou alguma coisa pra você comer – disse meu sequestrador, carregando no tom de

desprezo, enquanto me desamarrava.

Nem me importei com a mudança na atitude dele, agora muito mais durão. A única coisa que eu sentia era uma câibra doida nos braços, mal conseguia mexê-los.

– E vê se anda rápido, porque vamos sair! – completou ele, nervoso.

Enquanto eu estava dentro do banheiro, escutei umas batidas na porta. Gelei de medo e, ao mesmo tempo, senti uma esperança, para logo depois me perguntar: “Será que ele vai fazer alguma coisa? Será que vai abrir e meter umas balas em quem veio perturbar seus planos?”.

Mas ele continuou quietinho, provavelmente com o revólver apontado para a porta, esperando. Bateram mais uma vez. E mais uma. Eram batidas meio leves, e, por fim, ouvi o barulho de saltos se afastando. Devia ser a dona Rosa, minha vizinha. Melhor mesmo ela ter desistido, ou poderia estar morta agora. Com esses pensamentos trágicos, abri a porta. Eu precisava de um banho, trocar de roupa, porém, dessa vez, o cara não ia facilitar nada.

Sáímos da garagem, pois ele tinha tido o cuidado de guardar o carro lá. Assim, ninguém viu se era eu quem estava dirigindo ou, ao menos, se havia mais alguém comigo.

Não perguntei aonde a gente ia, ele estava pouco a fim de papo, mas era tão amador que nem pensou em vendar meus olhos, de modo que pude ver que já era quase noite novamente e estávamos descendo a BR na direção do Rio de Janeiro. Logo adiante, ele pegou a estrada que leva a Macacos e dali entrou em outra, de terra, que nunca acabava. Eu estava ficando cada vez mais apavorada! Mesmo porque tinham se passado mais de vinte e quatro horas e nenhum sinal de socorro. Afinal, não aguentei: – Para onde você está me levando? – Minha voz tremia, ele deve ter notado que eu estava a ponto de chorar.

– Não te interessa, sua manteiga derretida!

Silêncio de novo, ou melhor, somente o som ligado na maior altura pelo maluco. Bem que eu tinha reparado nos olhos dele – estavam vermelhos, as pupilas dilatadas. Provavelmente tinha passado a noite em

claro, ou fumado, ou cheirado droga. O jeito dele não era o mesmo da véspera, porque agora estava parecendo mais dono da situação, menos assustado.

Tentei conversar, mas, além de não me escutar direito, por causa da música, ele decididamente não pretendia mais abrir a guarda. Minha situação tinha piorado muito.

Chegamos finalmente a uma casa pequena e pobre, com a porta e a janela fechadas. Dava para ver que tinha luz acesa dentro, porém o Luís me empurrou para um quartinho de madeira que ficava do lado de fora e me trancou lá. Aquilo era o banheiro do casebre e só havia um buraco no chão, de onde vinha um cheiro horrível. Por pouco não caí dentro dele, que nojo! Tive de ficar em pé, espremida num dos cantos e apertando o nariz para não sentir o fedor.

Como estava tudo silencioso em volta, deu para ouvir vozes de homens conversando. Prestei atenção e consegui entender algumas frases: – ...uma roubada, cara, escuta o que eu tô falando...

– ...lá na delegacia tá todo mundo de sobreaviso...

– ...é, foi só agora que fiquei sabendo do alerta... não posso dar mole, meu!

– ...sumir logo com a garota, porque nós já desistimos...

– ...tá bom, tá bom, melhor mesmo a gente vazar!

O último a falar tinha sido o Luís Fernando. Eu já não aguentava mais de cansaço, medo e fome. A comida que ele tinha “feito o favor de me oferecer”, antes de irmos para o local do cativo, não passou de uma fatia de pão de forma com manteiga...

Dali a pouco, a porta daquele caixote imundo onde eu estava presa foi violentamente aberta por meu sequestrador, que me puxou com força, dizendo: – Vamos embora depressa, mina, melou tudo!

Os comparsas dele, todos encapuzados, partiram a toda numa caminhonete. Entramos no meu carro, quer dizer, no carro da Joana, e o cara, correndo feito louco e cada vez mais nervoso, desandou a falar: – Vou deixar você o mais longe possível daqui. Os chegados contaram que

a polícia está atrás de nós. Deve ser por causa de um daqueles malditos e-mails que você mandou, sua bandida! Mas você nem precisa pensar em me denunciar, viu? Eu tenho seu celular, sei o nome de todos os seus amigos, sei onde você mora... Se fizer alguma coisa, eu vou lá e mato todo mundo! Você ainda vai me pagar por tudo isso, desgraçada! Continuo sem grana, os tiras estão na minha cola, e a fissura tá ficando difícil de segurar!

Essa última frase me deixou mais apavorada, porque estávamos a uns cento e trinta por hora, e, se eu escapasse viva, ainda assim nunca ia me livrar dele.

Foi então que vimos a blitz: dois carros da polícia com aquelas luzes giratórias acionadas, os cones estreitando a pista, alguns carros e motos parados no acostamento e vários policiais em volta deles. Vi que o Luís Fernando tinha levado a mão instintivamente até o bolso da jaqueta. Mostrou-me o cano do revólver e ameaçou: – Vê se não vacila, hein, garota?! Vou passar de qualquer jeito! E, se acontecer de nos pegarem, bico calado! Não se esqueça do que eu disse sobre sua família e seus amigos!

Mas acho que ele calculou que seria pior fugir da blitz, ainda mais que a polícia estava avisada sobre meu desaparecimento. Então, diminuiu a velocidade e obedeceu aos gestos que os policiais faziam para que encostássemos o carro.

– Você corre um bocado, hein, rapaz? – foi logo dizendo um dos homens. – Você está chapado ou o quê? Já sei, roubou o carrinho do papai! Deixa eu ver sua carteira e os documentos do veículo.

Eu, que já estava tremendo toda, não aguentei mais, caí no choro. O policial ouviu e se abaixou para me ver melhor.

– Ué, moça, tá chorando por quê? – E olhou para o Luís Fernando de modo estranho, como se estivesse desconfiando de alguma coisa.

Meu raptor, fingindo calma, virou-se para mim.

– Ju, fofa, pega aí no porta-luvas o documento, vai!

Ju? Fofa? O cara, além de tudo, era um grande ator!

Por sorte, ou por azar, o documento estava mesmo lá. O policial, depois de examiná-lo, me perguntou: – Joana é você? O que você é dele?

Comecei a gaguejar, mas tive forças para mentir: – Ele é meu amigo.

Exatamente nesse momento, um carro estacionou bruscamente bem atrás do nosso e um casal saiu apressado de dentro dele. Quase morri de susto quando reconheci minha prima Carol.

– Ai, que bom que você está viva, menina! – gritou ela, abrindo a porta do carro e me abraçando. Só então ela viu que ao meu lado estava o Luís Fernando, com uma cara furiosa. Imediatamente, ela berrou para o policial que estava mais perto: – Esse cara sequestrou minha prima! Prende ele agora!

O policial ainda duvidou: – Mas ela disse que são amigos...

Vendo a mão do meu sequestrador dentro do bolso e seu olhar ameaçador, ainda insisti: – É, ele é meu amigo, sim!

– Mentira dela – gritou Carol, desesperada. – Ela está é com medo desse sujeito! *Eu sei* que ela foi sequestrada! Faz alguma coisa, seu guarda, pelo amor de Deus!

Ainda bem que, a essa altura, todos os outros policiais já tinham se aproximado e, numa fração de segundo, um deles imobilizou meu sequestrador antes que ele pudesse usar sua arma. Foi então que me convenci de uma coisa: ou o cara era realmente um amador, um bandido improvisado, ou aquele revólver era de brinquedo, ou estava sem balas... Mais uma vez, senti uma absurda pena dele.

Daí para a frente é como se fosse um filme em que eu não fizesse um dos papéis principais, e sim estivesse na plateia, somente assistindo. Me lembro de que fomos todos para a delegacia, e o Luís Fernando foi preso. Só não sei se continua na cadeia até hoje, pois já se passou mais de um ano que todo esse pesadelo aconteceu.

Se não existisse a internet, não sei o que teria sido de mim: fui salva graças ao meu querido notebook, que tive a bendita ideia de esconder bem escondido. Sei agora que minha irmã, depois de ler meu e-mail, enquanto tentava comprar uma passagem de volta, disparou mensagens

e torpedos para todos os amigos e parentes. E a Carol, que já sabia de tudo, por uma dessas coincidências que ninguém explica, estava justamente indo com o namorado jantar na casa de uns amigos, em Macacos, quando reconheceu o carro da Joana. Coisa que não foi tão difícil assim: ele é amarelo neon!

Volta e meia esse drama passa pela minha cabeça de novo, acho que nunca vou esquecer! E sempre bate um frio no estômago quando chego à portaria do prédio e encontro algum homem parado por ali. Medo de que ele me encare com seus olhos azuis e eu sinta, no fundo, um pouco de pena do sujeito.

* * *

AUTOR E OBRA

Angela nasceu e mora em Belo Horizonte, mas viveu no Rio de Janeiro dos oito aos trinta e cinco anos, tanto que considera a cidade “sua pátria afetiva”. Tem três filhos e cinquenta livros publicados. Seu marido é sempre o primeiro leitor de suas obras, e “Olhos azuis” passou pelo controle de qualidade dele.

Veja mais e contate a autora em: www.caleidoscopio.art.br/angelaleite



2 voodeicaro.blogspot.com *CAIO*

Riter

Em "voodeicaro.blogspot.com", o namoro internauta de Ícaro e Nárnia é desses em que os dois nunca se encontraram, nunca se tocaram e nunca se beijaram. Mas será que assim engrena?

* * *

Meu pai

Meu nick é Ícaro. Nick igual ao meu nome de verdade. Não invento apelidos na web, acho nada a ver ficar se escondendo atrás de outros nomes que não sejam o meu mesmo. Tem gente que gosta. A maioria. Não crio vidas virtuais nem invento nada que eu mesmo não seja. Parece estranho, né? Muito estranho quando se pensa que na web é isso mesmo o que conta: inventar uma vida que não é a da gente. Todo mundo se escondendo de todo mundo. Eu não. Não consigo. Acabo digitando, teclando tudo o que eu sou. É assim que gosto de ser. Talvez tenha a ver com meu signo. Não sei.

Quando digo meu nome, é meu nome mesmo: Ícaro. Nome que meu pai, amante de mitologia grega, escolheu pra mim. Muitos nicks duvidam. Acham meu nome estranho, acham que é fake. Fazer o quê? Meu pai não entende nada de computador, o máximo que sabe é passar e receber e-mails, isso porque eu ensinei. O resto é enigma pra ele: Twitter, Facebook, Orkut, todas essas maravilhas da comunicação e do relacionamento. Um dia, falei pra ele criar um blog, eu disse que podia ajudá-lo. Mostrei o meu pra ele: *Voo de Ícaro*. Esse mesmo onde posto

minhas impressões sobre a vida, sobre a escola, sobre o amor. Ele me olhou com uma cara esquisita, aquele tipo de cara que os pais da gente fazem quando não entendem nada do que a gente tá falando e não querem dar o braço a torcer. Ficou calado. Eu também. Não sou de insistir. Eu até entendo. O mundo dele é outro. Isso ele sempre diz. Acha por demais estranho a gente ficar conversando com os amigos através do PC. Eu gosto. Às vezes, assim, parecendo perto, mas bem longe, a gente pode dizer coisas que cara a cara não teria coragem, jeito, vontade. Sei lá.

Só não curto aquela coisa de no Orkut ter que ficar aceitando amigos que nem sei quem são. Tem um cara lá do colégio que me add. Tá, tudo bem, aceitei. Mas aí o cara cruza comigo nos corredores e nem dá um oi. Amigo no Orkut, parece. Só no Orkut. Isso não curto, não. Nisso, acho que sou mesmo parecido com o meu pai.

Nesse blog, *Voo de Ícaro* (que você deve tá lendo agora), vou postando essas minhas encucações, mostrando minha cara, dizendo o que sou, o que me incomoda, as músicas que ouço e todo o *et cetera* necessário para quem resolve ter um blog. O que aconteceu de mais bacana no meu blog foi há um tempo atrás, quando recebi o comentário de uma garota. Ela se apresentou como Nárnia. Curti o nick dela. Achei bem legal. Trocamos MSN e hoje somos namorados.

Meu pai, só pra variar, não entende bem esse meu namoro. Fica dizendo: “Como assim, Ícaro? Como vocês podem namorar se nunca se tocaram, se nunca se beijaram, se nunca dançaram juntos, olho no olho?”.

Ele não entende. Por mais que eu explique, ele não entende. Claro que se ele já tivesse visto as fotos da Nárnia no perfil do Orkut dela, como eu vejo todos os dias, ou se tivesse conversado com ela, como eu faço todas as noites após as dez, que é o horário que ela sempre entra no MSN, ia entender. A Nárnia é linda. Coisa de filme 3D. Um dia eu disse isso a ela e ela achou o máximo.

Ícaro diz: Oi.

Nárnia diz: Oi, bonitinho. Sudadi.

Ícaro diz: Eu também.

Nárnia diz: Shsishshsuhsushsushsushsas Ícaro diz: Liga a cam.

Nárnia diz: Continua estragada.

Ícaro diz: Põe foto então.

Nárnia: Tá. Mas é q hj entrei correndo. Vou numa janta na minha vó.

Bju. T amo.

Ícaro diz: E quando a gente se vê di novo?

Nárnia... parece estar offline. As mensagens serão entregues quando esse contato entrar.

Nárnia

Faz uma semana, contadinha no calendário, que não tenho notícias da Nárnia. Nosso namoro estava súper e, de repente, ela some, desaparece. Entro no MSN todas as noites, entro disponível e também invisível. Até cheguei a pensar que ela tá me evitando, mas, sei lá, não aconteceu nada que pudesse levar a Nárnia a fazer isso. Deixei vários recados no Orkut dela. Deixei até um depoimento do tipo: *Eu tô vivo, viu?* E nada. Fico pensando que a última frase dela foi *T amo*. Ah, ela não ia teclar isso se não gostasse mais de mim, ia? O Frederico acha que sim. Ele acha que as mulheres são mesmo assim. Enchem o saco rápido da cara da gente, trocam de namorados, de ficantes, como trocam de roupa para ir às festas. Homem não, ele diz. Homem só tem um terno. No máximo troca a camisa e já se sente outro. Coisas do Frederico. Acho que a Nárnia não ia simplesmente me bloquear da vida dela. Acho que não.

Ia, Nárnia? Não, né?

Meu pai esses dias até perguntou, meio rindo: *E o namoro, Ícaro, como anda?* Eu respondi assim, como quem não tá nem aí, como quem nem se incomodou com a pergunta dele: *Na boa, pai. Na boa.* Que mais

podia dizer? Se eu falasse o que realmente tava acontecendo, ele ia rir de mim e dizer que, afinal, namoro pela rede, namoro apenas teclado não era namoro de verdade. Mas eu sei que o meu namoro com a Nárnia era verdadeiro, sim. Bah, teclei “era”. Quer dizer que não é mais? Ando na dúvida. Às vezes, acho que alguma coisa muito ruim aconteceu na vida dela, o que a impede de entrar no MSN. Talvez o PC tenha ficado infectado de vírus, talvez. Mas aí penso: ela podia ir numa lan house. Não podia? Ah, depende. De repente os pais dela não topam que ela saia sozinha e coisa e tal. *Tá, me diz o Frederico, e ela não tem amigas? Toda garota tem amigas e as amigas das garotas têm PC, não têm? E no colégio, na hora do recreio, ela pode usar o PC do colégio, não pode?* Ah, o Frederico me enche mais de dúvidas ainda. Fica o tempo todo querendo dizer que a Nárnia enjoou de mim e me bloqueou. Pra sempre.

Penso em postar esse comentário no meu blog. Desisto. Pessoal demais.

Amor

Acho que agora vou mesmo é criar um diário. Até a Nárnia reaparecer não posto nada no blog. Deixo o MSN sempre aberto, eu lá, sempre disponível. Meu subnick atual: *À espera de Nárnia*. Já usei um assim: *Nárnia, cadê vc, eu só entrei aqui pra te ver*. Nada. Só silêncio. O nome dela apagadinho, mais nada. Outro que botei foi o seguinte: *Nárnia, ando com sudadi de ti*. “Sudadi”, ela adora escrever assim. Mas o Frederico entrou e mais uns parceiros meus e todos ficaram debochando da minha cara no MSN e no colégio. *Sudadi, sudadi*, ficavam dizendo e escrevendo no quadro. Um saco.

Mas o maior saco é que eu tô apaixonado mesmo. De verdade. Fico só vendo o rosto da Nárnia, naquela foto do perfil dela, em que ela tá olhando pra câmera, sorrindo. Linda, linda. É amor, eu acho. Acho, não, tenho certeza.

Só que também vêm à minha mente as palavras do meu pai dizendo que amor precisa da presença da pessoa, ali, bem do lado da gente. Não sei se o meu pai tem razão. A Marta, minha colega do colégio, namorou durante dois anos um carinha de Brasília. E eles só se encontraram duas vezes. Mesmo assim, ela diz que foi o melhor namoro que ela já teve. Não sei se pra namorar precisa mesmo tá grudado na pessoa vinte e quatro horas por dia. Amor é amor, ora.

Frodo diz: ainda sudadi Ícaro?

fala meo tah mudinho Você acabou de chamar a atenção.

Frodo diz: fala cara ah, tah, vai se fazer de mudo, é?

Ícaro diz: Se tu parar de encher o saco, eu teclo.

Frodo diz: tah entaum fala ainda tá fissurado na tal da nárnia Ícaro diz: Aham.

Muito.

Frodo diz: esquece isso meo a criatura era fake pode acreditah Ícaro

diz: Bah, Frederico, não acredito, não. Ela sempre foi legal comigo.

A gente se gosta.

Frodo diz: vai t dah mal esquece essa daí, eh fake tah curtindu ctgo

toindu neça Ícaro diz: Tô indo nessa, enguinorânti. Ah, e “nessa”, assim mesmo, com SS.

Frodo diz: hehehehehehehe

Nada dela

Faz um tempão. Pelo menos, pra mim é um tempão, uma vida. Faz duas semanas que eu não falo com a Nárnia. Duas semanas de silêncio, em que ela não responde aos meus e-mails e aos meus scraps, não entra no MSN, não me deixa nenhum depoimento. Já começo a pensar que o Frederico e o meu pai têm mesmo razão. Fico pensando nas nossas conversas, no tanto de coisas em comum que a gente tem. A gente gosta dos mesmos livros, dos mesmos filmes, das mesmas músicas, dos

mesmos seriados. Tinha vezes que a gente ficava um tempão só trocando ideias sobre algum livro que nós dois tínhamos lido. Tipo quando ficamos até às duas da madrugada falando sobre *O Senhor dos Anéis*. É que o livro é bom demais, até o Frederico curtiu. E, além de falar sobre livros, a gente também trocou várias juras de amor. Amor eterno até, ela disse certa vez. Falou que nunca tinha encontrado na web (e nem realmente) alguém tão legal quanto eu. Bah, falou um monte de coisas bem bacanas sobre mim, coisas que eu nem tinha me dado conta e ela foi descobrindo. A Nárnia.

Disse (quer dizer, nesse dia a gente não se falou pelo Skype, foi só MSN mesmo. Ela lá na foto, rindo pra mim. E agora me dou conta de que ela sempre dizia que a cam tava encencada. Nunca abriu a dela. Só eu a minha) que eu sou um cara que sabe das coisas, que tenho a cabeça no lugar, que não fico só teclando abobrinhas, que sei sobre o que falar. Ah, fiquei me achando o cara, fiquei acreditando em tudo aquilo que ela dizia de mim.

E agora.

Ah, sei lá. Tô com a cabeça confusa demais. E não posso fazer nada além do que tenho feito. Mais nada. Não tenho o fone dela, não tenho o endereço. Sei que ela mora aqui, na mesma cidade que eu. Não é como o namorado da Marta, que vivia em Brasília e ela aqui. Não. Só que eles, pelo menos, se viram duas vezes, mas eu e a Nárnia nenhuma.

Nenhuma.

Eu:

– Pai, você acha mesmo que não dá pra namorar assim, via web?

Meu pai: – Olha, Ícaro, são outros tempos, eu sei. Mas namoro é namoro, os dois têm que passear, pegar na mão.

Eu:

– Então.

Meu pai: – Como é que pode alguém amar alguém que nunca viu, nunca beijou, nunca nada?

Eu:

– Ah, pai, mas tem gente que se conhece via web e depois de um tempo se encontra e coisa e tal.

Meu pai: – Ah, aí até pode ser. Mas namoro-namoro tem que ter mão na mão. No meu tempo, pelo menos, era assim.

Eu:

– Foi assim contigo e com a mãe?

Meu pai: – Aham.

Eu:

– E era bom?

Meu pai: – Muito, Ícaro. Muito.

De verdade

Fico pensando nas palavras do meu pai, no jeito do meu pai, no brilho que apareceu nos olhos dele na hora em que ficou se lembrando do namoro com a minha mãe. Fiquei querendo ver aquele brilho nos olhos da Nárnia, fiquei querendo sentir o que o meu pai deve ter sentido quando pegou na mão da minha mãe pela primeira vez, quando a beijou, quando a ouviu dizendo que o amava. A Nárnia já teclou que me ama, certa vez até falamos pelo Skype, voz doce, linda-linda. Naquela noite em que eu a ouvi fiquei mais apaixonado ainda; acho que foi ali, naquele momento, que me apaixonei de verdade-verdadeira.

E agora tô aqui. Quem mandou se apaixonar por uma imagem e por uma voz?, eu mesmo me pergunto, eu mesmo me condeno. Começo a aceitar que tudo não passou de um trote de alguém, de repente até de alguma garota lá do colégio. Vai ver a guria fica rindo da minha cara cada vez que eu cruzo com ela no colégio. Me tirou pra palhaço, só pode. E sou palhaço mesmo. Afinal, não me apaixonei por um perfil fake?

Volverine diz: dae romeu apaixonado ainda curtindo dor de cotovelo??????

Ícaro diz: Dae, Frederico.

Volverine diz: e a tal da nárnia?

Ícaro diz: Nada. Nem sinal.

Volverine diz: te falei cara ela eh fake tah mais praquela bruxa gelada do filme do que pra princesa sai deça sabi a nina? tá afim di ti q eu sei **Ícaro diz:** Nada a ver, cara. Ela é a fim do Tadeu. Ah, e para com essa mania de botar Ç em tudo quanto é palavra que tem SS.

Volverine diz: o q? Ç o q?

?????????

ah a nina era afim do Tadeu mas naum eh mais a marta me disse
Ícaro diz: Sei.

Volverine diz: cara i si a nina for a nárnia?

tem as mesmas letras no nome **Ícaro diz:** A Nina ser a Nárnia... não sei, cara.

Acho que não. Será?

Mas e as fotos? E a voz doce?

Volverine diz: hehehehehehe tudo fake **Ícaro diz:** Será?

Nina-Nárnia

A conversa com o Frederico me deixou com a pulga atrás da orelha. Meu pai sempre diz isso quando tá incomodado com algo. Só que a minha pulga é enorme, gigantesca. Imagina se a Nina for a Nárnia? O que eu faço? Não foi pela Nina que eu me apaixonei. Foi pela Nárnia, pela voz doce da Nárnia, pelos cabelos pretos da Nárnia, pelos olhos e pelo sorriso da Nárnia. Não pela Nina. Pela Nina, não.

Sigo fazendo meu diário virtual. Nada de postar qualquer sinal de vida no blog. O *Voo do Ícaro* tá parado. Se a Nárnia anda se escondendo, mas anda também me espionando, não vai saber mais nada de mim. Meu blog tá mudo, tá em greve de silêncio. Não escrevo mais nada lá. Hoje até

apaguei meu subnick do MSN que falava nela. Escrevi assim: *Tô de bem com a vida*. Sei que é frase besta, boba, banal, mas e daí? Tá, sei que tô mentindo, sei que não tô nada bem, sei também que não sou cara de mentiras, porém essa é por uma boa causa. Fazer a Nárnia aparecer. Quer dizer, isso se ela não for fake, isso se ela gostar de mim de verdade, como eu gosto dela. Ah, claro, e se ela não for a Nina.

Nina-Nárnia. Nárnia-Nina. Bah, nem quero acreditar nisso.

Babaca

Embora o Frederico e a Marta fiquem enchendo o meu saco, insistindo, insistindo pra eu ficar com a Nina, não fico. Não quero ficar. Afinal, se ela for a Nárnia, eu vô me sentir enganado, traído. Se não for, vô me sentir traidor. Gosto é da Nárnia, não da Nina. *Pra ficar não precisa gostar, cara*, me disse o Frederico. *Pode não precisar pra ti, meu. Pra mim precisa. E, mesmo que não precisasse, eu tô apaixonado. Entendeu?*, foi mais ou menos assim que eu respondi pro Frederico. E ele ficou me olhando com aquela cara de sabe-tudo, com cara de quem acha o seu melhor amigo um babaca. Fazer o quê?

Sou mesmo. Um babacão.

Há quanto tempo eu não falo com a Nárnia? Umas três semanas, eu acho. Às vezes, ainda espio o Orkut dela, o Facebook. Fico olhando se tem alguma foto nova, algum novo recado. Nada.

MSN

Ontem, sei lá por quê, entrei no MSN como quem não quer nada. E ela tava lá. A Nárnia. O coração disparou, mas eu não teclei nada. Fiquei só esperando, esperando. Aí, de repente:

Nárnia diz: Ainda é meu namorado?

Eu não digitei nada. Fiquei frio. Teclava e apagava, teclava e apagava, tudo pra ela achar que eu tava falando com alguém e que não tava nem aí pra ela. Tudo mentira. Tava mesmo era louco pra teclar com ela e saber por que ela tinha sumido daquele jeito.

Nárnia diz: Me esqueceu? Me trocou por outra?

Tah tc com quem?

Adoro quando ela tecla comigo. Fiquei mais feliz ainda quando ela veio com esse papo meio de ciúmes. Bah, se o Frederico estivesse on-line, eu ia copiar as mensagens dela e jogar na cara dele.

Ícaro diz: Oi!

Nárnia diz: Como assim oi? Não tava com sudadi?

Ícaro diz: Você sumiu, desapareceu.

Nárnia diz: Eu fiz uma pergunta lá em cima.

Ícaro diz: Qual?

Nárnia diz: Perguntei se vc ainda é meu namorado.

Ícaro diz: Sou???

Vc é que tem que dizer... não fui eu q sumi...

Nárnia diz: Tava cheia de sudadi de vc.

Juro.

Pode acreditar.

Ícaro diz: E pq sumiu, então?

Nárnia diz: Problemas familiares, pai, mãe, essas coisas.

Mas não quero falar aqui.

Quero te contar tudo ao vivo.

Tá a fim de me encontrar amanhã?

Bah, quando ela disse aquilo, eu paralisei. Encontrar a Nárnia. Ao vivo e em cores. Surtei. Fiquei pulando e correndo pelo quarto feito um maluco. Meu pai até gritou da sala: *Que é isso, guri? Ficou louco?.*

– Fiquei, pai. Louco de amor – eu berrei. Então, me sentei diante do PC e teclei aquilo que eu sempre quis teclar.

Ícaro diz: Claro. Onde? Que hora?

Nárnia diz: Pode ser no Parcão, às 3?

Demorei um pouquinho pra teclar a resposta. Aí digitei, como quem não quer nada, não tá nem aí.

Ícaro diz: Pode ser. Combinado então. Amanhã no Parcão, às 3, perto do lago.

Encontro

Boto minha camiseta preta dos Beatles, meu bermudão cinza. Ajeito meu cabelo com gel, deixo ele bem arrepiado. Me olho no espelho e gosto do que vejo. Tirando um ponto vermelho de espinha que tá

ameaçando nascer, tudo tá perfeito. Rio pra mim mesmo. Pego meu skate e saio.

Caminho apressado. Mal me aproximo do lago, eu a vejo. Ela está de costas: os cabelos escuros, longos. Meu coração dispara. Chamo: – Nárnia!

Ela se volta. Sorriso de sol que se abre.

* * *

AUTOR E OBRA

O gaúcho Caio Riter mora em Porto Alegre, é escritor, professor e doutor em literatura brasileira. Entre seus livros destacam-se *Meu Pai Não Mora Mais Aqui*, *O Outro Passo da Dança* e *O Rapaz Que Não Era de Liverpool*. Caio recebeu alguns prêmios literários, tais como 1.º Barco a Vapor, Orígenes Lessa, Açorianos e Prêmio AGES Livro do Ano.

Veja mais e contate o autor em: www.caioriter.com
caioriter.blogspot.com



3 porque no peito de um nerd também bate um coração *celso* *sisto*

Todo mundo achava Wagner o maior nerd do colégio. Do tipo que só entendia de notebook e física quântica. E, pior, que jamais olhava para garota alguma. Só que Tati cismou que Wagner ficava olhando para ela e não conseguiu mais pensar em outra coisa. É assim que rola “Porque no peito de um nerd também bate um coração”.

I

Ele era desafinado. Aliás, desafinadíssimo. Nem cantando no banheiro, com a casa vazia, conseguia acertar os gorjeios de pássaro em época de muda... Você sabe, uma voz, assim aos treze, catorze ou quinze anos, tem lá seus altos e baixos! Escapa sem comando, não obedece. Quando a gente pensa que ela vai sair mais grossa... *fiuuuuuuu!*... ela corre lá pra cima e desafina de um jeito que deixa qualquer cara envergonhado!

Pra falar a verdade, o que ele cantava não era nada específico! Nenhuma música conhecida, nenhum sucesso de banda famosa. Não! O que ele gostava mesmo era de ficar imitando aquelas musiquinhas de videogame. *Tum-tururutum-tum-tum. Tãtãtã-tãtãtã. Tãtãtã.* Especialmente aquela do seu primeiro Sony PlayStation 2... Música de fundo! Tipo trilha sonora pra incentivar as mudanças de fase! E ele estava mesmo pra mudar de fase... mas isso ele nem sabia. Ainda.

Quem notou esse pormenor foi Tatiana. Um dia, voltando com as amigas pra sala de aula, depois do recreio, afogada em risadas, Tati sentiu que alguém a olhava, ali, logo na primeira fila, enquanto passava rumo ao seu lugar, no fim da sala. Foi tudo muito rápido. Ninguém mais viu. Nem ela mesma sabe se viu de verdade! Mas viu! Achou que viu! Pensou ter visto! E falou: – Gente, gente, quem é aquele guri ali, da primeira fila, que eu nunca tinha reparado nele?

– Qual? – disseram Mari e Bia juntinhas.

– Um que tem o cabelo assim meio escorrido...

– De óculos? – de novo perguntaram elas em coro!

– Escondido dentro de um boné? – continuou Bia, que não resistiu ao comentário.

– Sim... Aquele – e apontou. – Ele tem... potencial... não acham?

– Que que é isso, Tati! Ficou louca? – espantou-se Mari.

– Aquele é o maior nerd da escola! Fica na sala, na hora do recreio, estudando os princípios da física quântica no notebook... Ha! Ha! Ha! Credo! – disse Bia.

– E nunca olha pra nenhuma garota – completou Mari.

– Não pode ser verdade! – retrucou Tati. – Eu tenho certeza de que ele acabou de me olhar, agora, quando a gente passou por ele...

– Duvido! Só se ele achou que você se parecia com uma micropartícula! – disse Bia, que continuou: – Ou talvez com um novo programa de computador, para um supermodelo Mac com capacidade para descrever os movimentos dos sistemas de raios relevantes de um olhar 43 dando piruetas, que toda boa menina gostaria de detectar quando se interessa pelos efeitos quânticos de um menino!

– Ha! Ha! Ha! – riram Mari e Bia, balançando a cabeça e se abanando um pouco, por causa daquele calor que insistia em ser exagerado depois do recreio. Mas os risos continuaram a pipocar em sons abafados, enquanto elas se dirigiam aos seus lugares. Agora, sentando rápidas, porque o professor Isaac Ação-e-Reação, de Física, já entrava na sala.

Dali pra frente, Tati não conseguiu prestar atenção em mais nada. De repente se viu pensando em passeios de barco, em maçãs açucaradas, cristalizadas e vermelhonas, em músicas lentas... Não, não! Tentou mudar de pensamento. Isso! Viu que o professor ia fazer a chamada e finalmente ficou atenta, pra descobrir nome e sobrenome do moço da primeira fila...

– Wagner... Toledo... Rubi... – anotou na agenda do seu telefone. – Me aguarde, que eu vou descobrir tudo a seu respeito!

Falou baixinho, porque não queria, evidentemente, que as amigas ouvissem. Se bem que aula de Física era para Mari e Bia o momento de fazer faxina na bolsa, procurar lixa, pinça, encontrar tampas órfãs de canetas revoltadas, chicletes velhos completamente massacrados e enrolados em lenços de papel etc...

II

Naquele dia Tati chegou em casa depois da aula e não foi direto almoçar. Foi pro quarto. Ficou no computador, levando um lero com Master Google. Procura daqui, entra ali, lê uma informação acolá, acabou descobrindo que Wagner tinha Orkut, MSN, Facebook e e-mail. Demorou um pouco, mas conseguiu tudo o que queria.

A situação não era muito animadora. O que esperar de um sujeito que tem como amigos do Orkut 826 garotos que só querem saber de computação? Com nomes do tipo: Haroldo Mac OS X; Luís Linux; Cleiton Calculador Aficionado; João Debian; Rafael Novo Hacker; Zacharias Gentoo; Théo Guru Dynavision; Marcus Pokémon Obsessivo; Matheus PlayStation Z; e por aí vai.

Ela fuçou, procurou e, quando já estava quase desistindo, encontrou uma menina na lista dos amigos dele, uma tal de Lúcia Mozilla Raposa de Fogo. Mas, como tinha o mesmo “sobrenome” de outro garoto – Lucas Mozilla Raposa de Fogo, deduziu que só estava ali porque era “irmã de amigo”. E isso era perigoso! Será que era namorada? Não, não podia ser.

Tentou olhar as comunidades dele: “nerds Brasil”, “Os maníacos por computador”, “Novas tecnologias virtuais”, “nerds da gema”, “Triunfo dos nerds”, “Somos emuladores Super Nintendo”, um monte de baboseira, e, por fim, a comunidade “Será que eu sou nerd?”. Ah, tenha santa paciência!

Aquela era uma batalha perdida! Foi o que pensou Tati quando descobriu que Wagner era o moderador de pelo menos cento e cinco daquelas comunidades. Que tempo ia sobrar pra ela? E ficou um pouco impaciente quando começou a ler as discussões que eles levavam nos fóruns, coisas do tipo: “Você conversa com seu computador quando ele está entediado?”, “Que tipo de nerd é você: jedi, blogueiro ou

gamemaniaco?”, “Como se escreve zero em algarismos romanos?”, “Quando inventaram o relógio, como sabiam que horas eram para poder acertá-lo?”. Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! Tati suspirou profundamente quando descobriu algo que lhe dava uma ponta de esperança: ele participava de uma comunidade chamada “Dicas de cantadas para os nerds”! Já era um pequeno consolo.

Mas, agora, nada a fazer. Como ela não aguentava mais a fome, se rendeu e foi almoçar. Todo mundo já tinha saído da mesa e a comida estava fria. Melhor assim. Seus irmãos eram muito espertinhos e iam logo perceber que alguma coisa estava acontecendo com ela. E ela não queria saber de perguntas!

Comeu rápido, voltou pro computador e procurou a comunidade que ela achou que podia ser o seu caminho: “She-nerds do Brasil”. Finalmente clicou em “Participar”. E disse: – Ai, meu Deus! Tomara que eu não me arrependa de ter feito isso!

Mas aí já era tarde demais!

III

Depois de pensar horas sobre o que escrever no primeiro e-mail que ia mandar pra ele, Tati decidiu: “Meu nickname vai ser neutro, com certeza!”. E assinou: “Origami Killer”. Pronto! Enviou!

Era uma mensagem enigmática. Pedia informações sobre um novo jogo chamado *Rhodopis*. Dizia que a última moda entre os internautas insones era um jogo que simulava, em 3D, os voos de um sapato de cristal, capaz de derrotar qualquer inimigo. *Rhodopis* era a heroína do jogo, e nenhum jogador seria capaz de vencê-la. As competições já haviam se espalhado no Japão e na China, mas o jogo nunca chegava ao fim, porque os adversários não conseguiam passar da quarta fase, pois os filetes de gelo emitidos pelo sapato de cristal nunca erravam o coração do adversário.

Foi infalível! Não demorou nem meio dia e ela já tinha obtido resposta: “Passei horas seguidas tentando localizar o game *Rhodopis*. Falei com Deus e o mundo e parece que é mesmo uma criação japonesa, ainda sem tradução. Como não leio japonês, ainda não consegui saber exatamente como é o jogo. Mas me dê mais umas horas e eu descobrirei tudo. Só sei que o cenário do jogo é do século I a.C. e que o vilão se chama Strabo. Curioso que esse não é um nome japonês, não é mesmo? Parece mais um nome grego!”.

Ah! O resto não interessava. Tati estava com o coração aos pulos, ou melhor, estava com o coração rodando na mais alta velocidade que se poderia alcançar. Talvez umas dez mil rotações por minuto. Uma leitura de dados pode não chegar a tanto! E os bits? Será que ela ia ter espaço em seu disco-corção quase rígido para armazenar tudo aquilo?

Tinha que dar uma resposta, com certeza, e clicou em “Responder”: “Também continuo procurando”. E, pra não levantar mais suspeitas, informou: “Descobri que o nome do vilão é Watanabe Koucha Strabo”.

Era um japonês assim meio emendado, mas quem ia poder negar que Watanabe era um nome japonês? Ou era chinês? Não, era japonês mesmo! Bom, pelo menos tinha ouvido em algum lugar que “*koucha*” era “chá” em japonês! Watanabe, sendo o primeiro nome, era o nome da família, o sobrenome. Isso ela também sabia! E adorou quando descobriu, logo em seguida, que Watanabe significava “atravessar pelas beiradas”. Tudo a ver! Finalmente clicou em “Enviar”!

Precisava manter a calma pra não fazer burrada! Por isso não desgrudou mais do PC. Leu, se informou e continuou a troca de mensagens. Até que a mãe apareceu no quarto, já bem tarde, repetindo aquela sua velha frase preferida: – Vai dormir, Tatiana! Só quero ver como você vai pra aula amanhã! – E foi apagando a luz.

Mãe é assim mesmo! Ainda bem que computador ligado no escuro é igual lanterna e ilumina só as minicertezas. Que pena! Por enquanto ela tinha apenas macrodúvidas... E aquela era uma noite de lua cheia. Mas isso era bom sinal!

IV

Tati entrou na sala, no dia seguinte, bem atrasada. Teve que mentir, dizer pra supervisora que era dia de prova! Essa desculpa era infalível!

Quando passou pela primeira fila, no intervalo, pra lavar o rosto e espantar o sono, viu um grupo de amigos do Wagner em volta dele. Tinha até aluno de outra série. Parecia uma verdadeira assembleia. Enxame de garotos é pior do que enxame de meninas! Eles falam sem parar! Um atropelando o outro! Ela foi andando devagar pra tentar escutar o que diziam: – Meu, isso não pode ser verdade! Esse jogo não existe!

– O negócio é tentar descobrir quem é esse Origami Killer.

– Esse cara tá curtindo com a tua cara!

– Olha, Origami Killer é um matador cruel, afoga crianças depois de longos períodos de chuva, por isso o jogo se chama *Heavy Rain*.

– E ele ainda deixa uma dobradura sanguinária como pista dos crimes que pratica.

– Já consultamos mais de trezentos fóruns e ninguém soube dizer nada sobre o jogo *Rhodopis*!

Tati ficou pálida. Iam rastrear as mensagens e chegar a ela, sem dúvida. Aquele Wagner parecia ser amigo de todos os nerds do mundo! Tinha que pensar numa solução o mais rápido possível.

Desistiu momentaneamente de ir ao banheiro. Voltou para o seu lugar e do seu telefone enviou uma mensagem para o telefone dele, lembrando de deixar oculto o seu número: “Cansei de esperar sua ajuda! Eu mesmo descobri o jogo. Consegui uma cópia pirata. Mas é um pouco pesado. Se quiser, traga o seu pen drive e copio pra você”. Bastou mandar e ouvir o PLIM! O telefone dele estava avisando que tinha algo em sua caixa de entrada. Só então ela se levantou para ir ao banheiro. Bem devagar. Passou e viu quando ele lia a mensagem. Dessa vez ela também

aproveitou para enviar a imagem de um sapato de cristal, que ficava piscando na tela... E com som! SCHIM! SCHIM!

– O outro está comigo... – disse ela, quando passou. Ainda bem que ninguém ouviu. Quer dizer, agora Mari e Bia ouviram. E perguntaram imediatamente, em coro: – Que outro? Que que você disse? – Que mania de fazerem sempre juntas a mesma pergunta, parecia até ensaiado! Que coisa! – Que que você está escondendo da gente? Que que você está tramando? Não vai nos contar? – Era verdadeiramente uma enxurrada de perguntas!

– Eu vou explicar...

E saíram rápido da sala.

V

O encontro era naquele lugar. Wagner entrou e foi logo procurando o tal Origami Killer. Viu em cima de um PC da lan house uma dobradura sanguinária, sinal de que aquela era a máquina que ele estava usando. Sentou-se ao lado. Estava nervoso. Ligou o computador e começou a navegar. Entrou no seu MSN e imediatamente recebeu um recado: “Estou bem atrás de você!”

Wagner se levantou rápido! Olhou para todos os lados. Não viu ninguém. Ou melhor, atrás da máquina que ele estava usando havia alguém de boné. Ele olhou de novo. A pessoa deixou o rosto aparecer. Não era rosto. Estava usando uma máscara! Era a máscara do Origami Killer. Ele também se levantou. Wagner foi na direção do mascarado. Perguntou rápido: – Quem é você?

O mascarado tinha na mão um sapato de cristal. Apontou para outra mesa, onde estava o outro pé do sapato, e disse: – Traga-o! O jogo é esse!

Wagner não estava entendendo nada. A voz era falsa, teatralizada. Ele hesitou. Examinou o sujeito. Roupa es-tra-nha... Mas acabou indo buscar o outro sapato. Virou de costas. Pegou. Quando voltou, teve uma surpresa.

Tati estava tirando a máscara, soltando os cabelos, segurando firme o sapato de cristal e rindo.

– Esse é o jogo. Eu sou Rhodopis, a verdadeira Cinderela. Egípcia. A primeira Cinderela, século I a.C., lembra? – e riu uma risada irresistível.

Wagner entendeu tudo. Riu timidamente. A ficha caiu. Sabia que a vida às vezes imitava a arte. Apesar de a jogada ter sido totalmente imprevisível e ele não saber como se comportar numa situação dessas, tentou lembrar-se dos conselhos que encontrou na comunidade “Dicas de cantadas para os nerds”, mas não havia lá nada parecido. Nada que pudesse ajudar nesse momento...

Voltou pra casa, depois de tudo o que rolou naquele dia, pensando em entrar para uma academia de ginástica, pensando em diminuir o tempo de navegação na internet, pensando em condensar o tempo dedicado aos games... Voltou até cantarolando, pela primeira vez, a música preferida do seu pai, da qual ele incrivelmente lembrou a letra justo naquela hora: – ...que no peito dos desafinados, no fundo do peito bate calado, que no peito dos desafinados também bate um coração...

Assim que ligou o computador, quando chegou ao seu quarto, pulou uma mensagem instantânea: “A proposta de *Heavy Rain* é descobrir até onde uma pessoa está disposta a ir para salvar alguém que realmente ama”.

Nesse mesmo momento, Mari e Bia, as amigas inseparáveis da Tati, recebiam outra mensagem instantânea: “Promessa cumprida: beijo sabor de quero mais. Eu sabia!”.

E Tati, sorrindo no seu quarto, em frente ao computador, pensava: “Imagina se eu tivesse ficado esperando ajuda da comunidade ‘She-Nerds do Brasil’?”.

E deixou no fórum da comunidade o seguinte recado: “Meninas! Começou o jogo! *Game on!* Começou o jogo! *Got game!*”.

* * *

AUTOR E OBRA

Celso Sisto é escritor, ilustrador, contador de histórias, arte-educador. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil (UFRJ), mestre em Literatura Brasileira (UFSC) e doutorando em Teoria da Literatura (PUC-RS), tem mais de quarenta livros publicados para crianças e jovens. Entre outros prêmios, recebeu os de Autor Revelação (1994) e Ilustrador Revelação (1999), ambos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Nascido no Rio de Janeiro, mora no Rio Grande do Sul.

Veja mais e contate o autor em: www.celsosisto.com



4 o cozinheiro digital *Edison* *Rodrigues Filho*

Ser ligado em redes sociais, tudo bem. Mas, quando a linguagem internauta invade a vida da gente... tudo mal. Perigo à vista em “O cozinheiro digital”!

* * *

Gilberto se preparava para deitar quando viu na tela do seu computador o ícone que sinalizava o recebimento de uma mensagem. Era Roberto, seu colega de escola, que o chamava para conversar – se bem que esse talvez não fosse o termo correto para definir o que faziam de um computador para outro. Aquilo mais parecia uma troca de sinais de fumaça digital.

Já era tarde, e se ele não dormisse logo a prova de Português do dia seguinte seria ainda mais difícil. Para Gilberto, interpretar textos de Machado de Assis era uma tarefa hercúlea e, depois de uma noite maldormida, se tornaria quase impossível.

E aew, Gil, blz?

|-)

Isso aí, na tela de Roberto, é Gilberto, com sono.

Tah preprdo p/ MaxadodAsis?

No computador de Gilberto os caracteres codificados apareceram de imediato. Roberto era de pouca conversa e, naquele exato momento, sua linguagem era um balde de água fria na fervura das palavras que teria de decifrar na manhã do dia seguinte. A última coisa de que Gilberto precisava antes de dormir era alguém lembrando aquele sombrio encontro literário, por isso ele foi curto e grosso na resposta:

+ ou - MaxdAsis me dah pezdlo

Pesadelo Gilberto teria se não fosse logo para a cama.

Amnh a gnt se v, ok?

Flw

Bons sonhos é o que Gilberto não teria, mas quem consegue dormir bem com a obrigação de tirar a maior nota possível? Sem margem de erro e sem dicionário, as coisas ficariam ainda piores. Com esse último pensamento, Gilberto desligou o computador e esperou que o travesseiro honrasse sua reputação de bom conselheiro.

Apesar da tensão, o sono veio como um trem-bala, rápido e pesado. Uma onda de palavras varreu seu cérebro e uma inundação de substantivos, verbos e preposições engoliu tudo até chegar a hora providencial de acordar. Antes de se afogar em frases e parágrafos completos e indecifráveis, Gilberto ouviu a voz da sua mãe.

– Acorda, *Gil*, está na hora, querido!

Gilberto saltou num único pulo, feito um boneco de molas saindo da caixa. Nunca ouvira sua mãe chamá-lo de *Gil*, isso era coisa para seus amigos.

– O café está na mesa! *Gil*...

Ele cambaleou até o banheiro, meio zozinho, tropeçando no jeito esquisito daquelas palavras que vinham da cozinha. Gilberto trancou a porta, abriu o armário, apanhou a escova e a bisnaga com a pasta de dentes. O estranho era que na embalagem vinha escrito: *crm dtl de hrtlã*. Aquilo não fazia o menor sentido, embora o gosto da pasta fosse mesmo de hortelã.

Na mesa do café, seu pai lia o jornal na página de esportes. Na manchete, em letras grandes, vinha escrito: *Vxame da slç brslra*.

– Não é possível! – exclamou Gilberto, referindo-se àquele texto.

– Com esse time é possível, sim, *Gil*! – exclamou o pai de Gilberto, desalentado, resumindo o desastre da noite anterior com uma palavra: – Vergonha! – referindo-se ao desempenho dos jogadores da seleção.

Gilberto engoliu o café e saiu correndo antes que, além da confusão de letras e palavras, seu atraso terminasse com a possibilidade de se recuperar em Português e Literatura. Ele pegou o ônibus de sempre, já

que os itinerários eram codificados por letras e algarismos, e eles sempre foram inexplicáveis. Ocorre que sua escola ficava na Rua Quintino Bocaiuva e, de repente, estava na *R Kintino Bokiuhva*, pelo menos aparecia escrito assim na placa. Aquilo era realmente estranho, embora conseguisse entender tudo. De fato o mundo como ele conhecia tinha mudado muito e, sinceramente, não sabia se era para melhor.

Na porta da *skola*, Gilberto encontrou Roberto.

– E aí, beleza, Gilberto?

Gilberto olhou com atenção para ter certeza se quem lhe falava era seu amigo Roberto.

– Beto, é você mesmo?

Roberto achou engraçada a pergunta, ou seria o apelido pelo qual era chamado?

– E quem você queria que fosse?

– N-ninguém... Claro que é você. Não é?

Roberto sorriu bem-disposto e entrou na sala de aula ao seu lado. Em nada lembrava aquele garoto ranzinza que odiava estudar.

O professor Firmino, de Português e Literatura, não tinha nada a ver com o homem severo e exigente de todos os dias.

– E aí, *rapaziada*! Prontos para o *MaxdAsis*?

Gilberto olhou espantado para Roberto, viu que ele estava ansioso por se encontrar com o temido Machado de Assis e seu vocabulário insondável. Gilberto se beliscou, mas nada aconteceu. Aquilo tudo era tão real quanto um bando de elefantes jogando futebol no pátio da escola. Essa visão o fez considerar a prova diante dele o menor dos problemas a enfrentar naquele dia esquisito.

O texto de Machado de Assis era um conto que se chamava “Curta história”. Embora fosse curto de verdade, as palavras também vinham escritas de forma estranha, resumidas, abreviadas, vocábulos que se misturavam em frases que não tinham o menor nexos. Uma delas vinha assim grafada: *A lnguagm dl er tl ql a pessoa, tb sek, e tb andnd c/ os olhos n chão, ua lnguagm q, pr sr coznhro, só le fltva sal.*

Aquilo não fazia o menor sentido para Gilberto, que se levantou, foi até o professor Firmino e cobrou dele uma explicação; afinal, seu desempenho escolar estava em jogo. Mais do que um punhado de palavras mal escritas, aquele emaranhado o estava pondo maluco sem saber ao certo o que dizer ou escrever para dar mostra de sua capacidade de interpretação de textos. Aquilo nem mesmo era um texto.

– Isso aqui nem texto é! – repetiu em voz alta o pensamento para dar força e contundência à sua afirmação. – Afinal, que brincadeira é essa? – Mostrou-se exasperado, com a folha impressa numa mão e o dedo em riste na outra.

O professor Firmino manteve o sorrisinho maroto.

– Ué, *Gil*, isso é um *MaxdAsis* legítimo. Você está vendo mais alguém reclamar?

Gilberto explodiu num acesso de cólera: – Quer, por favor, parar de falar desse jeito? Que história é essa? Isso tá me deixando maluco! ISSO TÁ ME DEIXANDO MALUCO!!!!

Foi aí que uma voz distante, mas persistente, ocupou a mente de Gilberto.

– Acorda, *Gilberto*, está na hora, querido!

Gilberto saltou num único pulo como um boneco de molas saindo da caixa. Sempre ouvira sua mãe falar daquele jeito, e isso o deixou satisfeito como nunca.

– O café está na mesa!

Antes de ir ao banheiro, Gilberto ligou o computador e mandou uma mensagem para Roberto.

Beto, você já está acordado?

A resposta veio imediatamente. Roberto estranhou aquela forma de escrever, assim, com todas as letras.

O>> Ueh, quem é vc tc cmg no lgr do Gil?

Sou eu mesmo, o Gilberto. Só queria saber se você está preparado para encontrar o Machado de Assis.

: -)))) Vc sonhou c/ Max? Vc s é q tah preprdo...

Tudo parecia ter voltado ao normal. Na mesa do café, o jornal anunciava na manchete mais uma vitória avassaladora do escrete canarinho e, depois, a escola voltou para a Rua Quintino Bocaiuva; embora não fosse lá um nome muito bonito, estava impresso corretamente na placa. O professor Firmino entrou na sala com seu ar sisudo de sempre, e a prova diante dele continha um texto de Machado de Assis chamado “Curta história”. Aliviado, Gilberto leu palavra por palavra e, na frase que havia sonhado, as letras estavam corretamente alinhadas: *A linguagem dele era tal qual a pessoa, também seca, e também andando com os olhos no chão, uma linguagem que, para ser cozinheiro, só lhe faltava sal.*

Gilberto agradeceu por ter de volta o texto tal como era no original. Ele acabou tirando uma nota excelente. Afinal, não queria ser seco como Juvêncio, o personagem do conto “Curta história”, de Machado de Assis.

* * *

AUTOR E OBRA

Autor de literatura juvenil e de projetos de preservação da memória, vencedor do Prêmio Jorge Andrade de contos, da Academia Barretense de Cultura, Edison publicou, pela Editora Melhoramentos, os romances *O Segredo da Chave*, *O Segredo da Invisibilidade*, *O Segredo da Longevidade* e, recentemente, *Jardim do Céu*. Mora em São Paulo.

Veja mais e contate o autor em: ideiasdearmazem.blogspot.com
ideiasdearmazem-cultural.blogspot.com
ideiasdearmazem-editorial.blogspot.com



5 os Argonetz *Fernando Nuno*

Existe mitologia internauta? Sim, pelo menos em “Os Argonetz”...

* * *

OS ARGONETZ

EQUIPE REDACIONAL

TEXTO PRINCIPAL (CARTA): Jasão (sobrenome não encontrado no Google)

EDIÇÃO E REDAÇÃO FINAL DO TEXTO: Fernando Nuno (de Mimos e Inventos Culturais) **SUPERVISÃO TECNOLÓGICA:** Diego Rodrigues e Bruno SR (do Estúdio Sabiá)

NOTA PRÉVIA DO EDITOR: O texto copiado nas páginas seguintes foi digitalizado e enviado para o meu blogue por um amigo hacker que aprecia fuçar a vida dos outros na megarrede.

<< De uma cabana de camponeses na Cólquida, em algum dia de maio
de 2030

Querida mamãe,

escrevo esta cartinha assim mesmo, à mão, por motivos já conhecidos de todos. Espero que o serviço de Correios seja restabelecido logo e passe a funcionar normalmente. Sei que, como a entrega de correspondência comum está desativada há mais de uma década, será difícil encontrar carteiros qualificados. Os cursos das faculdades de postagem e de correiologia foram abolidos há tempos. Nem sei exatamente que dia é hoje. Estava acostumado a ver a data nos rotovisores, mas nenhum funciona mais. A pane é geral.

Disseram que Hermes deve passar por aqui a semana que vem, pois estão preparando uma festa para ele. Se vier mesmo (sei como andam complicadas as comunicações depois desse último grande incidente), pedirei que leve esta mensagem a você. Com aquelas asinhas que ele tem nos pés, vai rapidinho.

O problema é que o velho Hermes, depois que descobriu o MSN, lá no começo do século, só se comunica por meio dele até hoje com os antigos colegas. Porém, como agora até o jurássico MSN também foi desativado,

não sei se haverá outra forma de convidá-lo para as comemorações, a não ser rezando. Espero que ele se lembre dos devotos que tem por estes lados e venha para a festa, já que ela sempre acontecia todos os anos na mesma data. Aqui ainda usavam o Twitter da era pré-Twister, e estavam todos tuitando de contentes com a perspectiva da volta de Hermes.

No momento estamos todos ansiosos porque a grande conquista se aproxima. Eu, em particular, fico mais ansioso ainda, porque vou finalmente conhecer a Medeia, que até agora só vi no Facebook. (Por sinal, como é longo esse Facebook!) Na foto em 3D, ela é linda. Mesmo nos hologramas giratórios não se vê nada que se possa criticar nela, sob ângulo nenhum. Acontece que os irmãos gêmeos de Helena (Castor e Pólux) ficam rindo de mim e dizendo “Medeia-Mocreia, Medeia-Mocreia”. Eles é que são mocreus! Imagine, nascer em ovo de cisne que nem eles! Se continuarem assim, vou fazer os dois verem estrelas. Ou eles próprios é que vão virar estrelas.

Para completar, o Orfeu fez uma música no megassintetizador com esta letra ridícula:

*Jasão não faz ideia Do que será o seu futuro Seu coração virou geleia
Deu um salto no escuro Se apaixonou pela Mocreia Oh, que amor tão puro!*

A catástrofe que atingiu a Terra até que teve um lado bom, apesar de ter prejudicado todos nós: o multiteclado do Orfeu parou de funcionar. Só que aí vem o Héracles e, depois de tomar umas doses de hidromel, começa a cantar a música do Orfeu com aquele vozeirão de marinheiro desafinado – e todos entram no coro. Ainda se o velho iPod (que o Quíron me deu quando eu era criança) funcionasse para eu tampar os ouvidos... Foi Quíron também que me ensinou a ver o lado bom das coisas. Agora, por exemplo: o Héracles estava implicando com todo o mundo e o mundo todo estava implicando com ele, por isso já anunciou

que vai sair do grupo. Pelo menos ele vai embora dando risada para cuidar dos próximos serviços que tem pela frente.

Mas não se preocupe. Você me disse para eu tomar cuidado com os nervos, mamãe, e essas brincadeiras todas mais a ansiedade me deixam mesmo nervoso. Não se preocupe mesmo, já falei com o Asclépio (que todos chamam de “doutor Esculápio”, mesmo sendo mais novo e brincalhão que muita gente aqui), e ele vai me dar um medicamento de ervas aqui da Cólquida mesmo. Foi bom trazer um médico na tripulação – ainda mais ele, que conhece bem os remédios naturais de todas as regiões –, agora que os laboratórios químicos tiveram de interromper as atividades.

Depois, eu sei que tenho o sangue-frio necessário quando o assunto é para valer. Quando eu pegar o velocino de ouro, todos vão ver como é que se faz um herói de verdade.

Talvez seja um problema voltar para a Tessália do jeito que a coisa está. Seria bom se o Pégaso estivesse à mão. Eu iria montado nele pelos ares assim que pegasse o velocino – que o pessoal chama de “velo”. Mas agora o Pégaso fica só lá no Olimpo, a serviço do Amontoador de Nuvens...

Nosso piloto é um filho de Posêidon que se chama Ergino. Como Posêidon volta e meia sai do mar para os encontros com a turma dele no Olimpo, bem que poderia nos dar uma ajuda daquelas que só um deus é capaz de dar e pedir que o Pégaso fosse liberado umas horinhas para nos tirar daqui. Mas o Ergino não tem como falar com o pai. Agora todos os celulares estão fora de área – mesmo que estejam bem no centro dela. Ficamos sem celular (tanto o molecular como o subatômico), sem zez-mail, sem nada. Nenhuma bateria funciona. Aqui e ali, umas pilhas quânticas ainda dão um sinalzinho, que não serve para nada. Só me resta escrever com esta caneta que nem sei como uns camponeses daqui ainda guardaram como relíquia. A carga dela está perto do fim, mas é das boas,

porque não ressecou. Foi só aquecer o tubo um pouquinho e a tinta começou logo a descer.

Agora preciso contar para você como isto tudo começou. Estou tão ansioso que nem contei quem é Medeia, nem contei como Héracles, Asclépio, Castor, Pólux, Teseu e até o próprio Argos se juntaram a mim. Formamos um grupo chamado Argonetz, e eu fui escolhido para ser o chefe de todos durante a expedição que estamos fazendo, imagine.

Aliás, é verdade que fiquei bastante tempo sem dar notícias. Não respondi aos seus zez-torpedos. As suas mensagens pararam no antiantiantispam. Ninguém gosta de ser controlado o tempo todo, mãe, entenda isso. Só nos vimos uma vez na vida (pelo menos na minha), e nessa única vez já deu para perceber tudo. É impossível conversar com você sem ser interrompido o tempo todo com observações ou broncas. Falei com outros argonetz sobre o assunto e todos disseram que na casa deles era a mesma coisa, com a agravante de que o sistema é dobrado, porque além da mãe para controlar existe geralmente o pai, também. Será que todas as mães e pais são iguais? Até achei bom ter sido criado pelo Quíron, me desculpe. Não fique chateada. Sabe que, assim que vi você, aquela única vez, meu coração bateu mais forte. Senti que, mesmo tendo passado tanto tempo afastados, tenho por você o mesmo amor que um filho tem pela mãe quando é criado por ela. Não sei se faz parte de mim essa característica ou se foi Quíron que me incutiu isso como parte da educação sentimental, não importa.

Com esta carta, e com bastante tempo disponível para escrever (já que é impossível jogar um macrotelagame a esta altura), dá para contar tudo o que se passou. Só espero que o papel e a caneta sejam suficientes para contar tudo o que eu quero contar hoje. O curioso é escrever à luz dos archotes. Agora que todos os fogões e fornos são eletrônicos, e muitos deles funcionam a nano-ondas, pensei que nunca mais fôssemos precisar do fogo. Mas agora que ficamos sem eletricidade para nada... E, além

disso, os microcampos magnéticos estão todos malucos... Realmente, o uso do fogo é uma bela invenção humana.

Ainda precisamos resolver melhor essa história de vocês terem me mandado para fora da cidade e eu ter sido criado desde bebê pelo Quíron, lá no monte Pélion. Ele é muito legal, me ensinou tudo o que eu sei, principalmente a cavalgar como ninguém. E você não imagina a sensação que é poder conversar de igual para igual com a própria montaria. Mas senti falta de ter crescido em casa junto aos pais.

Bom, tudo começou para mim quando o Quíron me autorizou a ir até Iolco para participar das festas do deus do mar. No caminho, aquela senhora bonita, com jeito de mãezona de todo o mundo, me pediu ajuda para atravessar o rio. Falei dela para você, lembra? Foi então que perdi uma sandália. Quando cheguei aí, em Iolco, vestido com aquela roupa de pele de leopardo que o Quíron me fez, o próprio rei Pélias me detectou de cara. Olhou de um jeito estranho para o meu pé descalço, depois para o outro com sandália, e fez aquela pergunta estranha: – Meu jovem, o que você faria se encontrasse uma pessoa cujo destino manifesto é matá-lo?

Realmente muito estranha aquela conversa. Mas, vindo de um rei, a gente não pode questionar nada. Além disso, como aprendi com o Quíron que não se deve fazer mal aos outros, pensei numa resposta que servisse apenas para afastar o perigo. Fiz esta sugestão: se por acaso um dia aparecesse alguém que constituísse uma ameaça mortal, ele devia enviar essa pessoa perigosa para longe numa missão impossível: – Eu mandaria o assassino potencial buscar o velocino de ouro, na Cólquida. – Fiquei orgulhoso e satisfeito de usar essa palavra naquela hora, “potencial”. O velho Quíron sempre fez questão de que eu aprendesse a me expressar “com mais propriedade”, como ele diz. Nenhum filósofo se iguala a um centauro quando está inspirado.

Mas, claro, você sabe, o velocino, o velo, a pele de um carneiro com toda a lã... E o rei da Cólquida, que tem o tal velo, faz de tudo para impedir que alguém se aproxime dele. Pôs até um dragão de guarda

junto ao velo. Pois bem, então o rei Pélias me disse: – Muito bem! Nossa ordem majestática é que *você* vá buscar o velocino de ouro, na Cólquida.

Fiquei mais confuso ainda. Mas essa parte toda da história você já conhece, porque depois desse encontro indescritível com o rei fui à sua casa, conforme o Quíron me havia orientado. Meu pai adotivo queria que eu a conhecesse, a você, que havia me entregado ainda bebê para ser criado por ele. Foi aí, quando finalmente nos conhecemos (porque não posso dizer que a conhecia quando eu era recém-nascido, embora você me conhecesse), que você me explicou: Pélias tinha medo de ser morto por mim quando eu crescesse porque meu pai, Éson, irmão dele, é que era o legítimo herdeiro do trono. E Pélias tinha usurpado a coroa do meu pai.

Você me contou que os oráculos haviam dito para o rei se prevenir contra um rapaz que chegasse calçado num pé só. Foi somente então, na nossa conversa, que entendi tudo. E concluí que o melhor era cumprir o compromisso que tinha assumido diante de todos durante a festa de Posêidon, como exigem os deuses: eu *tinha* de ir buscar o velo de ouro, para não causar mais tragédias. Além disso, quando eu voltasse – ou melhor, quando eu voltar, porque tenho certeza de que vou trazer o velo de ouro para a Tessália –, eu ficarei com mais moral para lutar pelos meus direitos e pelo trono que era do meu pai. Mas isso tudo você já sabe. O que não sabe é o que aconteceu depois que nos despedimos. E, se demorei tanto a escrever, já expliquei por que não fiz isso.

Depois que nos despedimos, fui para o porto. Lá, encontrei Argos, que sabia toda a história e se prontificou a construir um barco muito especial para a viagem à Cólquida. (Daqui a pouco eu explico por que o barco é tão especial. Sabe, eu tenho sempre muita coisa para contar ao mesmo tempo, os acontecimentos se atropelam na cabeça, aí fica difícil organizar as informações, as sensações, as ideias. Mas não se preocupe: você vai entender tudo, nem que tenha de ler esta carta duas vezes.) Sabe, mãe, no porto eu descobri que os navios de cruzeiro já estavam completamente lotados de estrangeiros que vêm do hemisfério Sul. O

turismo se desenvolveu muito, principalmente nas nossas ilhas. Já os navios cargueiros haviam sido todos arrendados pela China. O mesmo com os aviões: tudo lotado. Apesar da crise na Europa, o pessoal do Novo Mundo que viaja para cá tinha reservado todos os assentos disponíveis. Para a Ásia Menor, só havia lugar em voos daí a seis meses. Nem jatinho pude alugar. Depois, eu precisaria de vários aviões pequenos para alojar os cinquenta e dois membros da expedição. Resultado: tivemos de recorrer ao método dos nossos ancestrais míticos e construir rapidamente uma galera a remos. Já, já conto como consegui fazer isso. Com a crise econômica da Grécia, seria fácil arranjar desempregados que aceitassem trabalhar como remadores. Mas não precisamos disso, porque todos os heróis quiseram remar eles próprios. Eles se divertem carregando pedras...

A maior sorte mesmo foi podermos contar com Argos, o Rápido, que havia conservado (em livros de papel, imagine!) toda a técnica de construir um navio de mais de cinquenta remos em pouquíssimo tempo e tinha a equipe para fazer isso. A novidade é que ele usou o melhor material do mundo – na verdade, um metamaterial que só pode ser produzido pela manipulação de moléculas. Logo você vai ver por que esse é o melhor material. E, ainda por cima, mandou chamar os amigos dele, todos heróis, que estavam espalhados pela Grécia. Vieram cinquenta e dois. Acho que eu já disse que eram cinquenta e dois, não, mamãe? Mas não vou ficar relendo a carta para ver o que já escrevi ou não escrevi.

Veio gente como Héracles e Teseu, por exemplo. Já falei neles. O Teseu é aquele tipo sedutor, que joga charme para todos os que estão em volta. Mas ninguém se iguala a ele em coragem. A não ser os outros argonetz, claro. Não é à toa que é considerado o maior herói dos gregos. Só pela história do Minotauro, em que o Teseu nos livrou da tirania dos cretenses, já merecia essa fama. E fez muitas outras coisas. É uma honra mesmo que ele faça parte da nossa tripulação. Mas foi em homenagem a Argos que resolvemos chamar o grupo todo de Os Argonetz. E demos o nome de *Argo* ao barco.

A partida foi tranquila, porém aconteceram muitos incidentes durante a travessia pelo mar. Como já disse, tenho poucas folhas de papel, então vou fazer um resumo dos principais acontecimentos: Quando ancoramos na ilha de Cízico para descansar, os gigantes de seis braços que moram nas montanhas desceram para jogar umas pedras enormes na direção do barco. O Héracles, com toda aquela força, não perdeu tempo. Atirou flechas nos gigantes e eles se dispersaram. Tinha que ver como foi divertido olhar aqueles corpanzis (essa é mais uma palavra que Quíron, o sábio, me ensinou: “corpanzil”) correndo ladeira acima com a língua de fora. Já imaginou um gigante, enorme daquele jeito, subindo um barranco à toda? Não existe coisa mais desengonçada.

Por falar em Héracles, ele ficava o tempo todo falando nos doze trabalhos que tinha acabado de fazer. Dizia que essa tarefa de ir buscar o velo de ouro com a gente não é nada comparada com a limpeza das estrebarias do rei Augias. Bom, pelo menos nesta nossa aventura ele não tinha de lidar com toda aquela sujeira (o Héracles usou outra palavra, que não vou repetir aqui porque o Quíron não gosta que eu a use; imagine que ele me passava laser higiênico na boca sempre que eu dizia alguma dessas coisas que ele chama de “palavrão”!).

O Héracles é sempre tão ocupado que vai pular fora do barco antes do fim do caminho. Também é verdade que ele andou se desentendendo com Zeus e o mundo durante a viagem. Mas só o que fez por todos nós em Cízico já valeu. Poucos de nós têm a força suficiente para atirar as megaflechas do Héracles, e flechas comuns não dariam conta do trabalho. E olhe que somos os cinquenta e dois sujeitos mais fortes de toda a Grécia! O Héracles já vai embora, não faz mal, a gente entende. Ele deve ter, no mínimo, mais uns trinta e seis trabalhos para fazer em pouquíssimo tempo, como sempre. Fora o casamento com a Dejanira, melhor nem falar nisso. Dos cinquenta e um que sobraram talvez ninguém seja tão forte como ele, mas nenhum é menos corajoso ou menos hábil.

Antes da escala em Cízico, porém – eu não contei esta etapa primeiro porque achei que você ia implicar com a história, mas vou contar mesmo assim, bem resumidinho –, o primeiro lugar em que paramos um bom tempo foi a ilha de Lemnos, que é habitada somente por mulheres. E elas tinham um problemaço: queriam muito ter filhos para que a ilha não acabasse ficando desabitada daqui a uns anos. Agora, graças à nossa passagem por lá, esse risco não existe mais. Foi a melhor parte da viagem.

Logo adiante, em Salmidesso, na costa da Trácia, livramos o adivinho Fineu das Harpias, aquelas aves com jeito de abutre e cabeça de mulher que viviam azucrinando o coitado. Só faltou darmos nó na língua delas. Dificilmente vão dar as caras por lá de novo. Como recompensa, Fineu nos ensinou a passar pelas Simplégades, umas ilhas rochosas que não paravam de se mexer diante do barco, formando um estreito superperigoso. Foi só soltar uma pomba na frente das rochas. Ela perdeu umas penas do rabo, mas passou. Nós fomos atrás, remando bem rápido, e perdemos um pedacinho da traseira do barco, porém nada que prejudicasse a navegação. Cumprindo uma profecia antiga, as ilhotas pararam de se mexer assim que nós passamos.

O problema maior mesmo era passar pelo dragão que protege a chegada à Cólquida. Claro, o rei Eetes não quer que ninguém sequer se aproxime do lugar em que ele guarda o precioso velocino de ouro. E já sabemos que junto do velo ele tem outro dragão. Mas esse eu tenho certeza de que nós também vamos vencer.

Porque, por incrível que pareça, passar por esse primeiro dragão foi o desafio mais fácil de superar. Veja só: ele é cego e lança umas ondas de rádio pelas ventas, uma espécie de radar (ou melhor: de sonar), para detectar qualquer coisa que se aproxime da costa. Foi aí que os conhecimentos de Argos nos serviram mais ainda. O metamaterial hipermoderno de que o barco é feito nos propiciou a invisibilidade sonora, formando uma espécie de manto acústico. Não deu para entender? Vou explicar direito: as ondas eletromagnéticas e sonoras

emitidas pelo dragão simplesmente se desviaram do barco sem detectá-lo, nem a nós que estávamos lá dentro, como se fôssemos invisíveis.

Agora, o outro lado da moeda: é incrível como esse pessoal que embarcou comigo é ligado em tecnologias ultrapassadas: pen drives, laptops, até um toca-discos de vinil (uma vitrola, já ouviu essa palavra?) trouxeram para bordo. Parecem até aquela gente da Grécia antiga, dos tempos da mitologia. Se bem que não posso falar muito, por causa do meu iPod, que só tem músicas velhas que o Quíron me passou. E ainda por cima sei escrever à mão.

Pelo menos Orfeu, que entende de música, baixou uma coisa audível: “Η λίρα Απόλλωνα” (“A lira de Apolo”), com a banda Olympic Games – o megassucesso deste ano que finalmente bateu o recorde da ultrapassada “I Gotta Feeling”, do Black Eyed Peas, como música mais baixada de todos os tempos até agora. *[A base de dados de Quíron, que Jasão consultava desde criança e que sabia quase de cor, está desatualizada nesse quesito. A música do Black Eyed Peas foi superada no início de 2014, em quantidade de downloads, pela brasileira “A Taça do Mundo é... e o pré-sal também”, reciclagem de uma velha música de 1958, em gravação coletiva, logo batida por “采 普” (algo como “Que maravilha de mundo-compras!”), gravada em 2021 por uma megabanda maior ainda, cuja quantidade de integrantes demandaria paciência chinesa para determinar. – Nota do supervisor tecnológico Bruno SR.]*

Bom, como a carga da caneta agora está mesmo chegando perto do fim, vou ter de resumir bem o resto da história.

Quando desembarcamos na costa da Cólquida foi que ocorreu a catástrofe. Nada mais funcionava. Nem a vitrola! Então tive a feliz ideia de ir até a Universidade do Litoral Georgiano, onde conheci o professor de astronomia, que sabia explicar o que tinha acontecido.

Foi uma tormenta espacial (gerada por uma tempestade solar) ainda maior que a ocorrida em 1.º de setembro de 1859 – ou seja, há quase dois séculos. Graças a Zeus que isso aconteceu numa época em que ainda não

se usava a eletricidade nem o computador, porque senão... Imagine, esse tipo de “evento” é causado por uma CME (sigla em inglês para “ejeção de massa coronal”), uma erupção solar que pode causar uma tempestade magnética com a força de vários furacões na Terra, além de empurrar os objetos da magnetosfera para cima de nós. Ele disse também que, pelas fraquíssimas ondas que o supermegananorrádio (não sei se escutei bem esse termo) da universidade ainda conseguia receber, tinha captado os sinais de vários satélites artificiais que estavam caindo da órbita, entrando na atmosfera e se incendiando. Eles não tinham combustível suficiente para levá-los de volta à órbita normal, e isso simplesmente acabou com todo o sistema de GPS da Terra. Colapso total.

Até a Estação Espacial Internacional, pelo que ele constatou, está perigosamente baixa e pode despencar a qualquer momento. Quando a atividade solar esteve mais intensa, nos idos de 2000, a EEI (ou ISS, na sigla em inglês) havia chegado a cair 336 metros por dia. Foi um trabalho levá-la de volta para o lugar naquela época, há trinta anos. Lá por 2016, para prevenir maiores problemas, já haviam tentado levar a estação espacial para uma órbita mais alta na magnetosfera, mas a coisa parece que não funcionou direito por falta de verbas.

Muitos ambientalistas dizem que já estava na hora de isso tudo acontecer. Mas veja só: a catástrofe veio de fora, antes que fôssemos nós próprios, habitantes do planeta, a causá-la com o nosso consumo excessivo e com o nosso desperdício crônico dos recursos da Terra. Do jeito que a coisa ia, com verões de calor insuportável e invernos cada vez mais frios, enquanto várias cidades litorâneas iam sendo tragadas pela água do mar, tudo indicava que alguma coisa pior estava por vir. Só não sabíamos que essa coisa pior ia chegar de fora do planeta – e certamente não causada por nós –, como se fosse um castigo mandado pelo Sol, nosso pai. Zeus é que deve estar rindo com seus trovões lá no Olimpo. Mas é bom lembrar que, como tudo na vida é contradição, foi Ele próprio que criou a Universidade Olímpica, onde os nossos jovens mais inteligentes iam estudar as tecnologias de ponta nas artes do domínio da

natureza. Foi justamente lá, por exemplo, que Argos aprendeu a usar metamateriais pela manipulação de moléculas, juntando a nova técnica à velha, e a construir um barco a remos enorme recorrendo às informações dos livros. Agora me diga: se Zeus nos estimula a desenvolver novas tecnologias, como é que ele mesmo permite que nós usemos essas mesmas tecnologias para acabar com o planeta? Dá para entender os desígnios dos deuses?

Antes, porém, uma coisa muito importante para mim: para o mês que vem está prevista a abertura da próxima Copa do Mundo de Futebol, em um país lá do outro lado da zona tórrida do globo, naquele mesmo lugar em que fizeram a Copa de 2014, da qual ninguém se lembra mais, puxa vida. E, já que não temos mais GPS, preciso consultar as anotações de Eratóstenes que o Argos trouxe num livro para saber exatamente onde fica. Eu não queria perder nenhum jogo. Sou doido por futebol. E ainda bem que nesta tripulação existe alguém que ainda gosta dessa coisa obsoleta e gostosa que é um livro.

Além disso, na volta você vai conhecer quem eu acho que vai ser sua futura nora. É, falei na Medeia. É o seguinte: ela é filha de Eetes, o rei da Cólquida que não quer sair de cima do velo de ouro, e me descobriu no Facebook. A Medeia diz que se apaixonou pelo perfil deste seu garboso filho e vai me ajudar a pegar o pelame do carneiro de ouro. Pela foto é muito bonita, mas os colegas aqui, só para fazer pouco, dizem que ela é bruxa, que é feiticeira. Mas eu não ligo. Quem não vai gostar nada dessa história de ela me ajudar é o pai dela, eu tenho certeza...

Como já disse, a tinta da caneta está bem no fim, começou a falhar, e agora tenho de retocar algumas letras que estão ficando meio apagadas – além de tudo, estou na última folha e o papel é escasso por aqui. Por isso só contei as coisas principais que aconteceram. Se conseguir, escrevo de novo outro dia. Espero que logo os cientistas descubram um jeito de reativar a eletricidade e as telecomunicações. Dizem que é uma questão

de ciclo das manchas solares, uma coisa que de tempos em tempos dá para passar da conta mas nunca tinha acontecido desse jeito desde a época em que ainda não havia nem eletricidade. Sim, eu sei, isso eu já contei. Ainda bem que o Quíron me ensinou a escrever a caneta, agora que todo o mundo só escreve no teclado ou ditando para a máquina ou com aqueles eletrodos malucos tirando as letras direto do cérebro. Na volta vou visitar você e conto toda a hist >>

Nota final do editor: Meu amigo hacker acaba de me contar que a história dos antigos Argonautas acabou mais ou menos se repetindo na saga dos Argonetz. Para ter uma ideia do que realmente aconteceu, ele sugere acessarmos estes sítios:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Argonautas>

<http://www.algosobre.com.br/mitologia/argonautas.html>

<http://www.bicodocorvo.com.br/cultura/historia/mitologia-grega-jasao-e-os-argonautas>

[Mas desconfie do que ler! Pois, como ocorre com quase tudo o que pesquisamos na internet, nada é absolutamente confiável nessa história... Inclusive, há quem diga que a história dos Argonautas foi contada aos gregos antigos por um mensageiro do futuro, vindo da Cólquida de meados do século XXI... Um mensageiro anônimo, que viveu décadas depois dos Argonetz... – Nota do supervisor tecnológico Diego Rodrigues.]

AUTOR E OBRA

Fernando Nuno já publicou treze livros, entre eles a versão integral de cinco peças de William Shakespeare em forma de romance e em linguagem atualizada. Também escreveu um livro que, no Brasil, se

chama *Antônio* e, em Portugal, *António*, apesar de dizerem que a ortografia foi unificada... Também é editor. Dirigiu grandes casas de publicação brasileiras, tendo editado mais de três mil obras. Mora na cidade de São Paulo.



6 #EU E ELA *JOÃO ANZANELLO* *CARRASCOZA*

Em “#Eu e ela”, Fernanda está na maior expectativa pelo reencontro com o pai. Mas como fica essa de conversar consigo mesmo em tempos internautas?

* * *

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Passei pelo raio X do aeroporto, depois de despedir da minha mãe e do namorado dela. Eles tão preocupados comigo.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza É a minha primeira viagem de avião. Mas só uma coisa importa: é q eu vou encontrar o meu pai!

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Saudade é isso: estar sentada nessa sala, esperando a hora de ficar junto.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Lembro qdo ele foi embora de casa. A mala na mão, como se fosse fazer uma viagem. E essa viagem nunca acaba...

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Fecho os olhos e vejo ele de novo, de costas, indo embora devagar. Parece o fim de um filme...

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Uma vez, ele disse pra minha mãe: sabe qual a coisa mais frágil no mundo? Uma pessoa de costas! Nunca mais esqueci.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza A gente se fala toda semana pelo Skype. O pai na webcam. Dá vontade de tocar o seu rosto. Mas eu só posso tocar a tela.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Ele me chamava de princesa. Agora me chama pelo meu nome. Às vezes, diz apenas: filha.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Filha. Só ele pode me chamar assim. A gente sabe qdo uma pessoa nos ama pela maneira de nos chamar.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Um avião chegando. Ou será q tá partindo? O coração de cada um é q sabe a resposta.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Outro avião. Fico pensando nos passageiros. Será q eles vão se encontrar com alguém?

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Meu pai sempre vem me visitar.
Mas faz um tempão q não vem. Agora sou eu q tô indo até ele.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Por pouco, não cruzei com a turma toda aqui. Excursão do colégio, cidades históricas. Pra aproveitar o feriado.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Quando eu disse q não iria, as meninas estranharam. Esse é o motivo.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Ouro Preto, Mariana, Tiradentes.
Deve ser lindo. Mas eu vou pro Rio. Lá é onde meu pai vive. Lá é q tá
a minha história.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Uma comissária de bordo me levou até o avião. Me ensinou a colocar o cinto de segurança.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Poltrona 3A. Que aperto! Ao menos fiquei na janela. Pra ver tudo. Sentir com os olhos.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza É preciso desligar os aparelhos. Até já.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Tamos voando!!! Nunca imaginei q fosse assim. Nuvens, nuvens, nuvens. O mundo lá embaixo. Meu corpo inteiro ri.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Tão diferente ver a cidade daqui de cima. O pai daqui de dentro de mim.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Ele fazia aviãozinho com a colher pra me dar comida. Me contava histórias pra dormir. Toda noite eu sonho com a sua voz...

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Tem uma coisa q eu nunca disse a ele. Mas um dia vou dizer. Acho q já tô dizendo aqui.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Olha, o sol! O sol, o sol, o sol. Hoje eu também tenho um sol desses comigo.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Serviram um lanche. Cochilei.
Sonhei q chegava. Daqui a pouco, daqui a pouco...

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Pão de Açúcar. Corcovado. Ipanema. Ele me ensinou q tudo é mais bonito se vc tá com quem gosta.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Vamos descer. Friozinho na barriga.
Tenho de desligar.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Na subida e na descida, a emoção maior. Assim também é nos encontros: chegar e partir, aí é q a coisa pega...

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Pé no chão, tapete vermelho da TAM, sigo a fila pra pegar a bagagem. Todo mundo falando no celular!!!

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Um torpedo pra minha mãe. Tudo certo. Cheguei bem!

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza A esteira começa a girar. Lá vêm as primeiras malas.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Tô pertinho do meu pai. Mesma cidade, mesmo lugar.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Ele sempre diz: tem coisas q vc pode contar pras pessoas. Outras não. São só suas. Segredos.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Minha mala vem vindo na esteira. É bom estar com as nossas coisas.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Ele tá ali, me esperando. Acho q é ele, atrás da porta de vidro.

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Tô tão feliz q é bem capaz de eu não falar nada. De ficar quieta, como meu pai. Eu tenho pra quem puxar!

30 Nov

fecarrascoza Fernanda Carrascoza Peguei minha mala. Agora, é só eu e ele.

30 Nov

* * *

AUTOR E OBRA

João Anzanello Carrascoza nasceu em Cravinhos (SP). Redator publicitário e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, publicou os livros *Dias Raros*, *O Volume do Silêncio* e *Espinhos e Alfinetes*, além de obras infantojuvenis, como *Prendedor de Sonhos* e *A Terra do Lá*. Recebeu vários prêmios, entre eles o Jabuti e o Guimarães Rosa, da Radio France Internationale.



7 gostos e desejos e mentiras **LEO** **CUNHA**

Você abre seu computador e tem mais de quinhentas mensagens, entre Facebook, e-mail e Orkut. Todas falando sobre a tragédia que aconteceu em sua vida. Só você ainda não sabe de nada...

* * *

Naquela segunda-feira, minha irmã Carol se levantou depois das dez. Sua filha tinha passado o domingo na casa do pai e de lá ia direto pra escola. Isso liberava Carol pra acordar mais tarde, depois de espichar a madrugada vendo mais um show de seu muso Rafael Nadal, o Rafinha, como ela gostava de chamar.

Caminhou preguiçosamente até a cozinha, preparou um café extraforte, encheu até a borda uma das canecas de porcelana da sua coleção e voltou pro quarto, pra conferir as novidades na internet. Os vizinhos estavam mais barulhentos que de costume, com suas reformas intermináveis. Carol ligou o som e aumentou o volume, num CD dos Orishas. Diante do computador, teve o cuidado de deixar a caneca a dois palmos do teclado, pra evitar outra lambança. Alguns meses antes, tinha derrubado um milk-shake de flocos no notebook do marido, em plena praça de alimentação do shopping center. Ex-marido, na verdade; depois disso os dois tinham se separado. Não por causa dos flocos.

Se fosse à tarde, Carol provavelmente abriria primeiro o MSN, mas, àquela hora da matina, nenhum de seus amigos devia estar on-line, então preferiu começar pelo Facebook mesmo. Má escolha. Ela logo riu

de lado, quando topou com 153 solicitações de amizade. Aliás, 159: mais seis tinham chegado só no tempo daquele primeiro gole no café. O Facebook estava cada dia mais inviável...

Ah, quer saber, era melhor deixar essa epopeia pra mais tarde. Ela ia gastar no mínimo duas horas pra aceitar ou recusar esse tanto de futuros prováveis amigos. Clicou no menu de favoritos e foi de Orkut, o “Facebookinho tupiniquim”, como ironizava o ex-marido. E foi só então que ela começou a desconfiar que tinha alguma coisa muito, mas muuuuuuito errada. O Orkut indicava 355 novos recados. Trezentos e cinquenta e cinco, com todas as letras e números. “Só podem estar de sacanagem!” Ela foi clicando e já na primeira mensagem sentiu na nuca aquele arrepio inexplicável, que sempre fazia a vovó Olívia dizer: “A morte passou por aqui”.

Ana Carolina, peço a Deus e Nossa Senhora que te ajudem nesta hora tão difícil. Você não me conhece, mas tenha certeza de que estou rezando por você e por sua filha.

“Como é que é? Que mulher maluca!”

O segundo recado, também de um desconhecido, era ainda mais estranho:

Imagino a dor de uma mãe diante de uma tragédia dessas. Como alguém tem coragem de fazer isso com uma menina indefesa?

A mão tremendo no mouse, Carol pulou pro próximo.

Não sei se você acredita em vida após a morte, Ana Carolina, mas eu tenho muita fé que sua menina está num lugar muito melhor do que este nosso planeta sem sentido.

Os outros página abaixo ela nem leu direito, só escaneou com os olhos, em leitura dinâmica. Em cada recado, as mesmas palavras saltavam da tela: *tragédia, morte, Deus, pecado, queda, apoio, força, sua filha, sua filha, sua filha...*

– Minha filha? Mas o que que aconteceu com minha filha? – gritou, indignada. Virou-se num estalo pra catar o telefone, e a caneca de café voou longe, espalhando uma mancha melecada extraforte pelo edredom e pelo tapete.

– Ô, droga! – xingou ela, já ligando pro ex-marido. O coração disparado, um zumbido no ouvido, a garganta fechada... “Atende, vai!” Fora da área de cobertura. “Como é que pode deixar essa porcaria fora do ar numa hora dessas? Será que não pensa, não?”

E de repente deu uma risada no meio dos soluços: pra que xingar o pobre do ex-marido? Vai ver não era nada, com certeza não era nada essa história absurda. Precisava se acalmar.

Fechou os olhos e respirou fundo. No sonzinho, sua banda favorita cantava com a empolgação de sempre: “*Cada cual su dilema, cada loco con su tema, yo nací Oriiiiiiiishas, en el underground*”. Aquele ritmo empolgante não era a trilha sonora ideal para o momento. Apertou o pause e se deu conta de que não podia dar pause também nas furadeiras e martelos do vizinho.

– Calma, não é nada, calma, não é nada, calma, não é nada – sussurrou feito um mantra.

Tentou o telefone fixo do ex-marido. Ocupado. Mais uma vez. Ocupado. Ah, claro, era só ligar pra escola; se a Luísa estivesse lá, pronto, tudo resolvido. Mas na escola deu ocupado também. Celular de novo. Fora de área. Fixo. Escola. Celular. Não foi possível comple...

– Aaaah! – gritou na janela. – Parem com essa furadeira!

Catou no chão a caneca vazia e correu pra cozinha. Deu um trago voraz no café, mais um, e voltou pro computador.

Aquilo podia ser alguma espécie de brincadeira de mau gosto. O Orkut era muito livre, desorganizado, qualquer pessoa com um bocadinho de conhecimento de programação devia conseguir penetrar no sistema. Ou não?

Ficou ali parada, em silêncio, durante um minuto, ou mais, sem coragem de ler de novo os recados. Maldita internet e essas redes sociais! Maldita a hora em que topou entrar na onda! Até pouco tempo antes, ela já tinha ouvido falar muito do tal Orkut, mas não fazia ideia do que se tratava. Foi preciso que um amigo a sentasse na frente do computador e explicasse tim-tim por tim-tim. E o inesperado aconteceu. Ela ficou fascinada com aquele... aquele... não sabia nem como terminar a frase. Aquele programa? Não era exatamente um programa. Aquele site? Era mais do que um simples site. O que era, afinal, o Orkut? Um mundo paralelo ao nosso? Sem dúvida, mas habitado por nós mesmos, nossos amigos e conhecidos e conhecidos dos conhecidos e desconhecidos. Uma página em branco que a gente preenchia com nossas preferências e gostos e desejos e mentiras. Quem eu sou? Quem eu gostaria de ser? Quem eu gostaria que fulano pensasse que eu sou? O que fulana pensa de mim, ou diz pensar, ou pensa dizer? Uma agenda misturada com um diário misturada com álbum de retratos, mural de recados, correio, e-mail, ponto de encontro e cinto de inutilidades. Tudo ao mesmo tempo caótico e superorganizado.

Finalmente tomou coragem e abriu de novo o Orkut. Talvez tudo tivesse desaparecido, como um vírus que chega e vai embora, sem explicações. Talvez o Facebook não lhe sugerisse mais nenhuma amizade. Talvez tudo fosse apenas um delírio. Quem sabe tinha alguma coisa estranha naquele café? Melhor não beber mais nenhum gole. Melhor ficar esperta. Melhor pedir ajuda pro irmão.

Foi nessa hora que ela me ligou no celular.

– Leo do céu, cê tem notícia da Luísa?

Naquele primeiro instante, eu não consegui distinguir se a voz dela era de sono, de cansaço, se estava grogue ou o quê.

– Calma, Carol, o que tá acontecendo?

– A Luísa tá em perigo, ou coisa pior.

– Pior, como assim?

– Não sei, Leo, eu tô com muito medo. Aconteceu alguma coisa com ela! Alguma coisa horrível!

– Quer fazer o favor de explicar isso direito?

Mas ela não estava com tempo nem a fim de detalhes.

– Escuta, Leo, eu preciso de sua ajuda. Você tá à toa?

Escritor nunca está à toa, mas está sempre disponível.

– Claro.

Ela jurou que nunca ia pedir isso se não fosse muito, muito, muito sério: será que eu podia ir voando na casa do ex-marido dela? Ele não atendia, nem em casa, nem no celular.

– Só dá ocupado, fora de área, já tem um tempão. A Luísa dormiu lá, então se tiver acontecido alguma coisa...

– Mas esse desespero todo é só porque ninguém atendeu? Isso não quer dizer nada. Às vezes acabou a bateria.

Mas não era só no ex-marido. Na escola também não atendiam. E o Orkut, o pior era o Orkut. Eu tinha que entrar no Orkut e ler com meus próprios olhos as barbaridades.

– Olha lá pra você ver se eu tô ficando louca. Tem um tanto de gente falando que ela morreu, que ela está indo pro céu. Tem dezenas, centenas de recados! Tem uma avalanche de gente me mandando recado, pedindo pra ser minha amiga. Gente que eu nunca vi na vida!

Eu estava no caixa do supermercado, pagando as compras e, ao mesmo tempo, tentando encontrar uma explicação razoável.

– Deve ser algum vírus, alguma mensagem automática. Isso acontece muito.

– Eu pensei nisso também, Leo, mas não é nada automático, não: cada mensagem é diferente da outra. Olha só: “Estamos desolados com sua perda...”. Outra: “Ninguém merece um sofrimento desses...”. Outra: “Não esmoreça enquanto não encontrar o culpado...”.

Eu já estava começando a ficar aflito, mas tentei disfarçar.

– Ô, Carol, você sabe que notícia ruim viaja rápido. Se tivesse acontecido alguma coisa com a Lu, alguém já teria avisado.

– Alguém? Que tal 400 pessoas no Orkut e 159 no Facebook. Não, peraí, 182! O número não para de crescer. Eu tô com medo, Leo.

– Você já tentou... – comecei a perguntar, mas parei ao ouvir um grito do outro lado da linha. – Carol! Carol! O que tá acontecendo aí?

Nada. Ela não respondia. Não dizia mais nada. Quase um século depois, escutei um sussurro no telefone: – Você tá me ouvindo, Leo? Tem alguém lá fora. Tem alguém mexendo na porta da sala. Estão querendo abrir.

– Tem certeza?

– Absoluta. Tô escutando um barulho esquisito, como se alguém tentasse arrombar.

– Eu tô indo praí.

– Corre, então! Ai, meu Deus, o que foi que aconteceu com ela? Será que foi acidente, assalto, sequestro? Será que eu ligo pra polícia? Pro pronto-socorro? Olha, a porta parou. Acho que desistiram de entrar, graças a Deus. Não, começou de novo. Acho que é só o vento. Né, não, tão querendo entrar mesmo!

– Vá pro seu quarto, tranque a porta. Já, já eu chego.

Desliguei o telefone e, Deus me perdoe, minha primeira reação foi ligar pra *minha* casa e ver se estava tudo bem com *minha* filha.

– Sofia! – dei um berro quando ela atendeu.

– Oi, pai! – respondeu ela, rindo. – Tá achando que eu sou surda?

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Tá tudo bem aí, boneca?

– Tudo, pai. Já fiz o para-casa. Vou tomar banho agora, pra ir pra escola. Que voz é essa? Você tá triste?

– Né nada, não, Sofia. É sua tia Carol... depois eu te explico.

Queria dizer que estava tudo ótimo, mas minha intuição dizia bem o contrário. Desliguei o telefone e disparei pra casa da minha irmã. No

carro, tentei telefonar pro meu ex-cunhado, mas, como ela já tinha avisado, o celular estava fora de área e o fixo não atendia. O que mais eu podia fazer pra ajudar?

Enquanto isso, Carol não sabia se voltava pro computador, se ficava no quarto, se ia pra sala descobrir se tinha mesmo alguém à espreita. Andava até a janela, olhava o trânsito pesado na avenida, esperando não sabia nem o quê. Observava cada criança lá embaixo na rua, na calçada, tentava espiar dentro dos carros, pra ver se avistava a Luísa. Mas, não, se fosse sequestro os caras iam dar bobeira com a menina em plena luz do dia? De repente vinha uma sirene e ela tinha medo de ser uma ambulância, levando a filha. Não, ela não aguentava ficar na janela. Precisava voltar pra internet, tinha que descobrir mais alguma coisa.

Estacionei em frente ao prédio dela e examinei todos os lados. Não vi ninguém suspeito. O porteiro garantiu que a manhã estava tranquila como nunca, fora a reforma no sexto andar, que fazia um barulho dos infernos. Saltei do elevador ainda hesitante, mas não havia nada de estranho no andar da minha irmã. Toquei a campainha. Nada. Toquei de novo. Silêncio lá dentro. Toquei uma terceira vez e escutei passos rápidos se aproximando.

– É você, Leo? – perguntou ela quase sem voz.

– Eu mesmo, pode abrir.

Ela abriu a porta com um sorriso exagerado e os olhos arregalados.

– Alguma notícia?

– Ótimas notícias. O Rafinha arrebentou noite passada. Três a zero: seis, dois; seis, quatro; seis, dois.

– Ahn? – eu assustei pra trás. Que papo maluco era aquele?

– Amanhã tem a semifinal. Ainda não sei contra quem.

Notei que, enquanto falava, ela contorcia a boca e revirava os olhos, como se tentasse indicar que havia alguém atrás dela. Alguém escondido, talvez. Pronto, eu deduzi: os bandidos tinham entrado na casa, ela estava de refém, agora era que o negócio tinha complicado de vez. Ela só estava

falando do Nadal pra disfarçar. Certamente os bandidos estavam no apartamento e ameaçaram atirar se ela desse com a língua nos dentes.

Em coisa de um segundo me passaram pela cabeça mil planos malucos, mil cenas de filme de sequestro, romances policiais, histórias em quadrinhos. Uma delas devia servir praquela situação. Mas, de repente, quem é que me aparece saindo da cozinha? Minha sobrinha Luísa. Comendo uma maçã, com a cara mais sossegada do mundo.

– Tudo bem, tio Leo?

– Luísa, menina, onde é que você estava? Sua mãe te contou que...

Mas Carol não me deixou terminar. Agarrou meu braço e saiu me arrastando pro quarto, alegando que tinha que me mostrar uma coisa urgentíssima no computador.

Mal entramos no quarto, Carol bateu a porta e desabou a chorar.

– Tá tudo bem, Leo. A Luísa acabou de chegar em casa e eu não contei nada pra ela. Ela nem desconfia da confusão.

– Mas e os recados do Orkut?

– Não era nada, não era nada, não era nada.

O corpo dela chacoalhava, um choro descontrolado, gritado e gargalhado, um choro de alívio. E apontava pra tela do computador.

– Olha isso, você não vai acreditar!

A internet não estava no Orkut nem no Facebook, mas num portal de notícias. Uma reportagem dava conta da trágica morte de uma menina de cinco anos, Isabela Nardoni, jogada do sexto andar do Edifício London, no bairro Vila Guilherme, em São Paulo.

Não entendi nada. Qual a relação entre as duas coisas? Aquela notícia era de São Paulo e não aqui de Belo Horizonte. A menina morta tinha cinco anos e não oito, como minha sobrinha. Além disso, se chamava Isabela. Minha irmã estava maluca?

Ela indicou o canto inferior da tela, onde havia uma fotografia da mãe da menina. Na legenda da foto: “Ana Carolina Cunha de Oliveira, mãe de Isabela Nardoni”.

Balancei a cabeça, incrédulo. Carol nem precisou me explicar nada. Abri imediatamente o Orkut, na página dela: “Bem-vinda, Ana Carolina Antunes Cunha de Oliveira”.

– Tem cabimento, Leo? Você acredita numa coincidência dessas?

E, no entanto, era verdade. A mãe da menina morta tinha o mesmo nome que minha irmã, só mudando o Antunes.

– Então esse povo todo do Orkut e do Facebook... eles estão entrando na sua página achando que você é ela, a mãe.

Carol só conseguiu fazer que sim com a cabeça.

– Todos eles querem te dar apoio e solidariedade. E querem ser seus amigos. Assim, sem mais nem menos?

– É a internet, Leo. É assim.

– Que loucura...

– “Cada qual com seu dilema, cada louco com seu tema.” Já ouviu essa música dos Orishas? – E pôs o disco pra tocar, enquanto repetia desconsolada: – Coitada dessa mãe. Coitada, coitada.

Conferi o número de recados, já eram quase quinhentos. Alguns curtinhos, outros enormes. Todos com declarações de amizade e compaixão.

– Que coisa impressionante, Carol! Isso dá uma crônica. Ou um conto. Um dia eu vou escrever essa história. Você se importa?

Ela me deu um cutucão, debochando: – Olha que eu te conheço, hein? Já imagino o tanto que você vai exagerar. Cinco mil recados no Orkut! Uma quadrilha tentando invadir o meu apartamento...

– Que é isso? Eu vou seguir o conselho do Millôr Fernandes: “Jamais invente uma mentira que não possa provar”.

– Boa! – Ela abriu um sorriso, no meio dos soluços. – O Millôr é um gênio, né?

Espiei de novo os recados do Orkut. Era um material fascinante. Que fim minha irmã ia dar a eles? Deixar ali? Apagar? Responder um a um?

– Deus me livre, vou deletar tudo! – garantiu ela, batendo três vezes na madeira.

Meio sem jeito, pedi que ela deixasse, então, eu copiar alguns recados. Se algum dia eu resolvesse mesmo escrever a história, ia precisar das frases.

– Cuidado com a caneca de café, hein? – avisou ela. – Você adora derramar coisas no computador.

– Quem, eu?!

* * *

Durante muito tempo eu esqueci essa história, deixei de lado, até ser convidado pra escrever um conto para o livro *Internautas*. Esta semana, telefonei pra Carol pra saber se ela realmente não ligava de eu escrever a história. Perguntei também pra Luísa, que já tem onze anos.

Carol me contou que até hoje ainda aparece, de vez em quando, uma mensagem perdida em sua caixa de recados.

Ana Carolina, se você precisar de um ombro amigo ou um lugar pra desabafar, conte comigo, pode me escrever.

Quando isso acontece, Carol pensa até em responder, explicando que ela não é *aquela* Ana Carolina Cunha de Oliveira, que foi tudo um engano. Mas nunca respondeu. Simplesmente deleta e torce para que sua xará encontre força pra responder a cada mensagem que chegar à página certa. E, embora não seja religiosa, reza pra que esteja certo quem escreveu: ...sua menina está num lugar muito melhor do que este nosso planeta sem sentido.

* * *

AUTOR E OBRA

Leo Cunha, autor dessa história meio crônica, meio conto, *Gostos e desejos e mentiras*, comemora, em 2011, duas décadas de literatura infantojuvenil. Nesse período, escreveu mais de quarenta livros,

traduziu vinte e recebeu prêmios como Jabuti, Nestlé, João de Barro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), entre outros. É também jornalista, professor universitário e doutor em Cinema (UFMG). Mineiro, mora em Belo Horizonte.

Veja mais e contate o autor em: leocunha.jex.com.br

www.filmespolvo.com.br

twitter.com/frase_e_verso



8 trab machado *LUCIANA SANDRONI*

“Trab Machado” é uma conversa sobre Machado de Assis, na internet. Mas de repente... quem é que está on-line? Não, não pode ser... Ou pode?

* * *

Júlia disse: E aí, galera?

Vmos fazer o trab now?

Qum leu o conto?

Carol disse: Eu li.

Matheus disse: entao conta Júlia: Mat, era pra ler o conto!!!!

Carol: Cadê o Cauã?

Matheus: po, muito chato... deu sono Carol: E o Cauã?

Júlia: ele e atrasad ate pr reuni virtual Matheus: Pr qdo e o trab?

Carol: Amanhã.

Júlia: Vmos combinar assim: o Mat e o Cauã começam falando sobre o realismo, depois a Carol e eu falamos do conto. Blz?

Matheus: eu ã sei nada dessa parada aí Júlia: po, Mat, ã leu o conto, ã leu sobre o realismo. Se liga!

o trab é pr nota Matheus: Po, ã deu tempo! Foi mal...

Carol: Eu li sobre o realismo. Mas não seria melhor ligar pro Cauã antes de começar a reunião?

Júlia: ã, vamo começar sem ele.

Carol: Tudo bem...

Júlia: Carol, fala do realismo pr Mat Carol: O realismo é uma escola literária que surgiu no séc. 19 em reação ao romantismo que idealizava a realidade. O realismo mostra a vida como ela é, sem romantizar. Ele mostra o lado cruel do ser humano. O Machado é considerado o primeiro autor realista, com o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No conto “Pai contra mãe”, que a gente vai apresentar, o autor aborda a questão da sobrevivência, da pobreza. Sacou, Mat?

Matheus: To entendendo. Entao o realismo é cruel. Não tem namorinho, nem viveram felizes para sempre.

Carol: Tem namoro, casamento, tudo, mas pode ser falso, por interesse. No conto não é o que importa, e sim a luta pela sobrevivência.

Matheus: Td bem. Saquei.

Júlia: O conto “Pai contra mãe”, do Machado de Assis, fala do tempo da escravidão, do tempo em que os escravos eram torturados e por isso fugiam muito. O Machado diz que nem todos gostavam da escravidão. Mas será que alguém gostava?

Carol: Acho que isso é ironia do escritor. O professor disse que o Machado era muito irônico.

Júlia: Deve ser isso mesmo. Os senhores colocavam anúncio no jornal oferecendo dinheiro para quem encontrasse os escravos fugidos. O personagem principal do conto se chama Cândido Neves e ele é bem pobre e não tem trabalho nenhum, então resolve pegar escravos fugidos e ganhar um trocado. Um dia ele se apaixona pela Clara, os dois se casam e engravidam.

Matheus: Já sei! Ele não quer o filho e vai embora. Daí “Pai contra mãe”. Acertei?

Júlia: Errou feio. Continua aí, Carol.

Carol: A tia da Clara diz para o casal entregar o bebê, porque a situação financeira deles é péssima. Os dois ficam indignados e não querem dar o filho de jeito nenhum, mas Cândido não pega nenhum escravo e as dívidas aumentam tanto que os dois são despejados. A tia arranja um quarto numa casa para eles e diz que logo que a criança nascer vai levá-la à roda dos enjeitados, um lugar onde os bebês eram deixados antigamente para ser adotados.

Júlia: Quando o bebê nasce, Cândido Neves, muito triste, diz que ele mesmo vai levar o filho. No caminho ele vê uma escrava fugida, Arminda. Ele deixa o filho numa farmácia e sai correndo atrás da mulher. Ela foge, mas Cândido consegue pegar a escrava com facilidade. Arminda luta, grita e suplica que ele a deixe ir. No final, ela diz que está grávida. Cândido não quer nem saber e entrega a escrava para o seu senhor, que retribui com cem mil-réis, e no mesmo instante Arminda perde o bebê. Cândido volta para pegar seu neném feliz da vida.

Matheus: Caraca! Isso é que é realismo!

Júlia: Agora a gente tem que dizer o que achou do conto. Essa é a parte mais difícil.

Machado: Crianças, quero dizer, meus jovens, desculpem-me a intromissão assim, de repente. Eu poderia ter mandado um recado pelo moleque, mas resolvi experimentar a internet; só não me perguntem como. Mas o meu conselho é: deixem essa parte para lá. Vocês já trabalharam muito por hoje. Por mim, o “trab” está feito. Por que não vão apreciar as vitrines na Rua do Ouvidor ou respirar o ar puro no Passeio Público? Se bem que esses lugares faziam

sucesso no meu tempo, não é mesmo? Que tal a praia? O dia está esplêndido!

Não pensem vocês que não gostaria de saber a opinião dos três sobre o meu conto, mas é que esse tema é tão pesado, tão cruel, e eu sei muito bem que a escravidão é coisa do passado. Sei muito bem que no século XXI não há dessas cousas. Só a paz reina entre os homens aí, não é?

Creio que vocês devem ouvir o conselho de um velho que viveu muito e já até morreu: aproveitem a vida, a cidade, as ruas, o dia! Aproveitem até não poder mais!

Um abraço cordial, Machado de Assis Júlia: Que brincadeira foi essa?

Matheus: Até que eu gostei desse Machado de Assis.

Júlia: Mat, é claro que não era o Machado de Assis. Se liga!

Carol: Mas o professor disse que o apelido dele era Bruxo do Cosme Velho!

* * *

AUTOR E OBRA

Luciana nasceu no Rio de Janeiro, em 1962. Seus livros para crianças e jovens receberam diversos prêmios literários, como o Jabuti 1998, por *Minhas Memórias de Lobato*, e selos de “Altamente recomendável para criança”, concedidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Autora, ainda, de *Ludi Vai à Praia* e de uma série com o mesmo personagem, publicou recentemente *O Mário Que Não Era Andrade e Joaquim e Maria e a Estátua de Machado de Assis*.



9 AÇÃO E REAÇÃO *luis eduardo matta*

Uma história para jamais ser esquecida. Um suspense de tirar a respiração... "Ação e reação".

Foi uma noite para jamais ser esquecida.

Marcelo estava sentado diante da escrivaninha do seu quarto, conectado aos perfis que mantinha em várias redes sociais na internet. Ele adicionava fotografias da recente viagem de férias que fizera com os pais aos Estados Unidos e comentava despretensiosamente nas páginas de amigos, quando ouviu a campainha tocar na sala. Instantes depois, seu pai bateu à sua porta e entrou, com uma expressão carregada.

– Filho, a polícia está aí.

Marcelo teve um sobressalto. Aliás, quem não teria ao receber a visita da polícia àquele horário?

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou ele.

Os olhos do pai mesclavam pânico e tristeza.

– Estão querendo falar com você.

“Comigo?”, pensou Marcelo. “Mas por quê?” Algum amigo talvez tivesse se envolvido em um acidente ou se metido em alguma confusão e ele estivesse sendo chamado para testemunhar ou algo assim. Não havia outra razão. Marcelo desligou o computador e seguiu o pai até a sala. Espantou-se ao ver cinco policiais à sua espera e, mesmo sem fazer a menor ideia do que eles queriam, sentiu uma pontada de medo.

– Você é o Marcelo Souza? – indagou o mais velho deles.

Marcelo assentiu: – Sim.

– Recebemos uma denúncia. Importa-se se revistarmos seu quarto?

Marcelo olhou apreensivo para o pai e a mãe, que assistiam a tudo imóveis.

– Que denúncia?

– Tráfico de drogas.

Aquilo soou tão absurdo que Marcelo teve vontade de rir, mas se controlou.

– Isso é alguma brincadeira?

– Esperamos que não. Pode nos levar até seu quarto? – O tom de voz do policial soava autoritário.

Marcelo fez que sim.

– Por aqui.

Ele foi na frente, mostrando o caminho. Deixou que os policiais entrassem no quarto e abrissem seus armários e todas as gavetas visíveis. O chefe parecia particularmente interessado em uma das gavetas inferiores do guarda-roupa, uma gaveta que Marcelo pouco usava e onde guardava alguns brinquedos dos tempos de infância, dos quais, aos dezenove anos, não queria se desfazer, por razões sentimentais.

Foi com assombro que ele viu o chefe pescar uma sacola plástica azulada do meio dos brinquedos e retirar dela um pacote transparente cheio de pó branco.

– Quer dizer, então, que a denúncia não faz o menor sentido? – confrontou-o o policial, com uma ironia devastadora.

Marcelo atrapalhou-se ao responder: – Nunca vi esse embrulho em toda a minha vida. Eu juro.

– Talvez tenha caído do céu, não é? Ou, então, Papai Noel trouxe para você junto com esses brinquedos que estão na gaveta – falava o policial, com raiva. – Não tente me enganar, garoto. Pensa que eu sou trouxa?

– Não, é que...

– Você não é o primeiro filhinho de papai flagrado com drogas em casa. E não será o último a querer me engabelar com essa história de “eu sou inocente”, “nunca vi esse pó antes”... Todo mundo se faz de santo quando é pego com a boca na botija!

Marcelo ainda não acreditava que tudo aquilo estava acontecendo. O choque era tanto que ele nem sequer conseguia chorar.

Sua mãe tomou-lhe os ombros carinhosamente e perguntou: – Marcelo, fale a verdade. Como essa porcaria veio parar no seu armário?

Nem a mãe acreditava nele?

– Juro que não sei, mãe. Você sabe que eu não faria isso... Não sou traficante, não sou bandido.

– Confio em você, querido. O que eu quero é que você se lembre de alguém que pudesse ter tido acesso a este quarto com más intenções. Alguém que quisesse te prejudicar.

Marcelo sacudia a cabeça numa negativa insistente.

– Não sei. Ninguém tem entrado aqui. Até onde eu sei, pelo menos...

A polícia, porém, não estava convencida. Uma vez comprovado que o conteúdo do pacote era mesmo cocaína – e não havia nenhuma dúvida de que era mesmo –, as provas seriam fortes demais. A denúncia tinha se mostrado verdadeira e o celular do qual haviam partido várias ligações para o traficante Demerval da Costa, conhecido como Valinho, que seria o fornecedor de Marcelo, estava junto da droga. Ainda que, numa hipótese bastante improvável, o garoto fosse inocente, as evidências pesariam decisivamente contra ele.

Marcelo estava com dezenove anos. Tinha, portanto, maioridade penal, embora, para os pais, não passasse, ainda, de uma criança. Foi preso em flagrante e levado para a delegacia, onde prestou depoimento e, desesperado, negou tudo. Em seguida foi encaminhado à cadeia local, onde passou a madrugada chorando numa cela úmida, deitado num catre e ouvindo a cacofonia assustadora de vozes dos outros presos. Sentia um nó na garganta, por toda aquela injustiça. Pelo visto, ninguém acreditaria nele. Estava condenado a pagar injustamente por algo que não fizera.

Na manhã seguinte, o advogado contratado pelo pai fora visitá-lo. Conversaram numa sala reservada, onde havia apenas uma mesa e duas cadeiras. O advogado disse a Marcelo que ele provavelmente seria julgado por tráfico, mas que já estava trabalhando para conseguir um *habeas corpus*. A visita durou vinte minutos.

Depois que o advogado saiu, um guarda informou a Marcelo que o horário de visitação ainda não havia terminado e, misteriosamente, manteve a porta aberta.

Quatro anos antes, no final do mês de abril, Marcelo fora o aluno mais bem colocado de sua turma nas provas do primeiro bimestre, seguido do melhor amigo, Cláudio. Os dois superaram com ampla margem os colegas na escola onde cursavam o primeiro ano do Ensino Médio, repetindo uma espécie de tradição que vinha desde o sétimo ano do Ensino Fundamental. Se continuassem nesse ritmo, chegariam ao final do Ensino Médio, dali a dois anos, entre os cinco melhores formandos da escola, o que garantiria uma generosa bolsa para a universidade.

Naquela mesma época, um novo aluno tinha acabado de se juntar à turma. Seu nome era Jorge. Um jovem ensimesmado, esguio, de cabelos claros e escorridos, feições delicadas e olhar parado, sem brilho, transmitindo uma indiferença que, para muitos, soava desafiadora. Jorge pouco falava e não fazia nenhum esforço para se enturmar. Cumprimentava os colegas à sua volta com distanciamento, prestava máxima atenção às aulas e ia embora tão calado quanto chegava.

Nas duas últimas semanas de junho, aconteceram as provas do segundo bimestre. Foram as primeiras que Jorge realizava desde que entrara na escola e obteve nota máxima em todas elas, tornando-se, então, o primeiro da classe. Isso incomodou muitos colegas – especialmente Marcelo e Cláudio –, que, inconformados com o fato de um novato antipático e esquisito ser mais inteligente e bem colocado do que eles, passaram a ridicularizá-lo. A princípio, disfarçadamente, pelas

costas. Mas logo as gozações tornaram-se ostensivas e ao menor movimento de Jorge – nem que fosse para coçar a nuca – as risadas e cochichos começavam.

Um dia, durante o recreio, Marcelo e Cláudio ficaram a sós em sala de aula e conversaram sobre o assunto.

– O carinha faz de conta que ninguém aqui existe e ainda quer provar que é melhor do que nós? – disse Marcelo, que estava realmente irritado. – Quem ele pensa que é? Acabou de chegar e já vai colocando banca em cima de uma galera que estuda aqui há o maior tempão?

– Se ele ficar, corremos o risco de perder a bolsa... – comentou Cláudio.

– Temos que forçar esse mané a baixar a crista e, quem sabe, até a cair fora daqui. – Marcelo abriu um sorrisinho sádico, enquanto apanhava o celular na sua mochila e o exibia a Cláudio. – Meu pai acabou de me dar este brinquedo. A câmara tem uma resolução de 10 megapixels, ou seja, as fotos ficam nítidas, como se tivessem sido tiradas de uma máquina digital dessas bem modernas.

Cláudio não estava entendendo.

– O que está pensando em fazer? Tirar fotos do carinha?

– Sim. Mas vou dar um destino todo especial para elas. Você vai ver.

Durante os dez dias seguintes, Marcelo usou o celular para fazer os mais diferentes registros de Jorge, sem que ele percebesse. A rotina na sala de aula seguia a mesma. Jorge continuava sendo alvo de risadas e provocações dos colegas, sem, aparentemente, lhes dar a mínima. Quando concluiu que já tinha fotos em número suficiente, Marcelo reuniu-as no seu computador, criou um blog intitulado “blog do Retardado Ridículo” e começou as postagens diárias, com as fotos de Jorge acompanhadas de textos agressivos e mordazes, que fariam a pessoa mais autoconfiante do mundo se sentir devastadoramente humilhada. Depois, enviava os links para os e-mails da turma inteira e para outros alunos da escola e publicava chamadas do blog em todas as redes sociais das quais era membro.

Logo o “blog do Retardado Ridículo” alcançou uma audiência enorme, fazendo com que as gozações se tornassem ainda maiores e mais violentas. Jorge passou a ser ostensivamente hostilizado e até a sofrer algumas agressões. Era passar por qualquer dependência da escola, que logo se levantavam urros e gritos coletivos, como se os alunos fossem uma turba de revolucionários sedentos de sangue.

No entanto, Jorge permanecia, surpreendentemente, alheio a tudo, o que aumentou a fúria de Marcelo, que decidiu, então, radicalizar. Um dia, ele e Cláudio cercaram Jorge quando ele descia a escada principal para ir embora. Marcelo segurava uma corda e Cláudio, uma câmera. Seguindo o próprio instinto de sobrevivência, Jorge imediatamente deu meia-volta e saiu em disparada, com o coração aos pulos, sentindo que corria um perigo concreto. Ouvia os dois algozes vindo mais atrás e gritando, como se estivessem achando a situação divertidíssima: – É hoje! O mané não vai se safar. Vamos pegar ele!

Jorge entrou na primeira sala que encontrou. Trancou a porta por dentro, ofegante. Suando frio, pensou no que fazer. Precisava avisar algum funcionário – um professor, um coordenador, um servente – e pedir para ser escoltado até a saída. Jurou que, se conseguisse escapar dali ileso, nunca mais voltaria. Não podia mais suportar aquela situação. Era tímido demais, sempre fora. Em vez de compreender isso e buscar se aproximar dele, os veteranos da escola decidiram infernizar sua vida. E o pior de tudo: a escola não fazia nada. Com certeza, ela não queria perder os alunos cheios de caprichos, que pagavam mensalidades caríssimas e não admitiam ser admoestados, posição que era endossada por muitos pais.

A porta começou a ser esmurrada, enquanto as risadas perversas de Marcelo e Cláudio se multiplicavam do outro lado. Jorge não tinha, no celular, nenhum número da escola. Além do mais, sua linha era pré-paga e ele estava sem crédito.

Não havia nada parecido com um telefone na sala, só computadores, e todos precisavam de senha para funcionar. Notou que um estava ligado.

Com certeza, algum aluno o esquecera ali.

As batidas na porta cessaram. Jorge sentiu um alívio. Será que tinham desistido? Logo o laboratório seria aberto para a turma da tarde e tudo o que Jorge precisava fazer era esperar e pedir ajuda ao professor, assim que ele entrasse.

Jorge correu até o computador. Poderia mandar um e-mail para a secretaria da escola, pedindo ajuda. Ao sentar-se diante da tela, gelou.

Até aquele dia, se recusara a ver o tal “blog do Retardado Ridículo”. Não queria tomar conhecimento das coisas horríveis que diziam dele, pois sabia que ia se magoar. No íntimo, admitia que essa atitude era equivocada. Deveria ficar a par de tudo, até para poder tomar alguma atitude. Mas qual? A menos que todos os coordenadores e professores fossem cegos e surdos, era impossível que não soubessem o que vinha acontecendo. E Jorge não queria contar nada aos pais. Já se sentia um derrotado naquela família. O pai era um rico empresário da construção civil, que começara a vida como pedreiro e nunca perdera os modos toscos e uma noção caduca de masculinidade. Na cabeça dele, homem tinha de ser grosso e rude, sempre pronto para a briga. Jorge, com seu jeito educado e introvertido, era uma decepção para ele, que nunca perdia a chance de diminuir o filho, chamando-o de “fracote” e “maricas”, e arrasando sua já escassa autoestima. A maneira como os colegas o tratavam apenas servia para comprovar essa realidade massacrante. O pai não podia saber daquilo de jeito nenhum. Ainda mais porque Jorge duvidava que ele fosse ajudá-lo de alguma forma. Era até mais provável que se juntasse aos outros para humilhá-lo.

E agora o blog estava ali, aberto bem à sua frente. Muitos alunos deviam gastar os minutos ociosos nas aulas de informática se divertindo à sua custa. Com a mão trêmula, Jorge foi rolando a tela e lendo os posts em que era enxovalhado. Um deles dizia:

O Jorge retardado tem cara de lagarta velha. Vejam nessa foto. Vocês não acham que, com esse jeitinho delicado, ele parece uma

donzelinha fresca?

Era uma foto em que ele aparecia concentrado, tomando nota no seu caderno. Jorge não enxergou nada de mais nela.

O post seguinte era ainda mais agressivo:

Quem avisa amigo é: a lagartixa delicada veio para a nossa turma para nos humilhar, mostrar que somos um bando de burros. Ele tira as melhores notas e não fala com ninguém. Está na cara que não gosta da gente. Então vamos mostrar que também não gostamos dele.

Será que ninguém ali era capaz de perceber que, se Jorge não falava com ninguém, era por causa da sua timidez paralisante? Ele simplesmente não conseguia interagir com os outros. Era essa introspecção aguda que o levava a se voltar totalmente para os estudos, fazendo-o tirar boas notas.

Jorge correu os olhos por outros posts. As caixas de comentários estavam invariavelmente lotadas. Algumas chegavam a ter mais de cem. Muitos comentadores eram ainda mais agressivos que o próprio dono do blog, que nem se dava ao trabalho de ocultar sua identidade: Marcelo Souza.

Jorge não entendia por que era tão odiado, já que nunca fizera mal a ninguém ali. Extravasando todo o medo e tristeza acumulados, ele começou a chorar alto. Foi quando a porta finalmente se abriu. Congelou de pânico ao ver seus dois perseguidores entrando. Eles tinham conseguido uma cópia da chave.

– Está chorando, neném? – perguntou Marcelo, com deboche. – Mas a brincadeira nem começou...

Ele e Cláudio riram com maldade, antecipando a diversão que teriam, enquanto Jorge era agarrado pelos braços e imobilizado com a corda. A

porta tinha sido novamente fechada e trancada por dentro. Uma câmera de vídeo foi ligada e o tormento de Jorge começou, embalado pelas gargalhadas dos dois colegas.

Naquela mesma noite, Marcelo cadastrou o vídeo, devidamente editado, em vários sites da internet, atingindo milhares de acessos em poucos dias. Em todos eles, era contada uma versão distorcida da história, em que “os bons” haviam dado uma lição ao “maricas metido que quis destruir a honra de toda uma escola”.

Desde aquele dia, Jorge nunca mais deu notícias. E, aparentemente, ninguém lamentou ou quis saber para onde ele fora.

O advogado tinha saído, mas a porta da sala reservada da prisão continuava aberta. Marcelo não entendia a razão. Pelos seus cálculos, o horário de visitação já havia chegado ao fim.

Ele, então, viu um homem elegante, vestindo terno e gravata de marca, entrar e fazer um gesto para o guarda fechar a porta. Em seguida, sentou-se onde até instantes atrás estivera o advogado.

– Está gostando da hospedagem? – perguntou o homem.

Marcelo olhou-o, desconfiado.

– Quem é você?

– Não se lembra de mim? Do “maricas metido”?

Marcelo sentiu um arrepio. O olhar daquele garoto – hoje um homem feito, que aparentava mais do que os dezenove anos que deveria ter – continuava indiferente como antes. Mas, agora, ele tinha uma postura impositiva e demonstrava uma segurança que não era possível ignorar.

– Posso fazer uma pergunta? – prosseguiu Jorge. – Você não sente nenhum arrependimento por tudo o que fez contra mim quatro anos atrás?

– Foi besteira de adolescente, cara. A gente tinha quinze anos.

– Uma besteira que arruinou minha vida, sabia? Fui parar no hospital, desenvolvi síndrome do pânico e passei a tomar remédios pesados para não enlouquecer. Tenho pesadelos com aquela tarde até hoje. Além disso, você me humilhou com aquele maldito blog e com o vídeo...

Marcelo sentia-se vulnerável e até um pouco envergonhado. Tudo o que conseguiu dizer foi: – Desculpe...

– Não desculpo – retrucou Jorge, com firmeza. – Eu sei que você não se arrepende. Já era um monstro naquela época e continuará sendo um monstro pelo resto da vida. – Ele sorriu. – Mas agora chegou minha vez.

– Do que está falando?

– Quem você pensa que armou para você vir para a prisão?

Marcelo sentiu o coração quase parar. Encarou Jorge com perplexidade.

– Não me diga que...

– Seu azar é que meu pai morreu menos de um ano depois daquela tarde. Teve um infarto. Ele era dono de uma das maiores construtoras do país. Eu era seu filho único e hoje, aos dezenove anos, sou um homem rico. E juro que vou dedicar cada minuto da minha vida a destruir você. Seu destino já está selado.

Marcelo forçou uma risada, numa tentativa de reação.

– Não vai conseguir. Meu pai também é rico. E, agora que eu já sei de tudo, vou contar à polícia.

– É? E como vai conseguir provar?

– A polícia vai investigar. E vai descobrir...

Jorge deu uma gargalhada.

– Não me faça rir. Você pensa o quê? Que eu estou agindo sem pensar nas consequências? Eu contratei um grupo de profissionais muito bem treinados para forjar todas as provas sem deixar nenhuma pista.

Marcelo encarou-o por longos segundos em silêncio antes de perguntar: – Como conseguiu entrar na minha casa?

– Você deixa sua vida muito exposta na internet. Nela, descobri tudo sobre sua vida e a rotina da sua casa. Você, por exemplo, alardeou em todos os seus perfis nas redes sociais que ia passar quinze dias nos

Estados Unidos com a sua família. Sua casa, portanto, estaria vazia. Não o tempo todo, porque, graças também à internet, eu soube que vocês têm uma empregada chamada Neusa, que iria à sua casa na véspera da chegada de vocês para fazer uma faxina. Liguei para lá e me fiz passar pelo seu amigo Cláudio, dizendo que precisava pegar um livro que você tinha me emprestado. Falei para ela que trocamos uns e-mails e que você tinha me dito que ela estaria lá naquele dia. Ela, é claro, acreditou. Quando cheguei, fui direto ao seu quarto, abri seu armário, plantei a droga e o telefone cheio de registros de ligações reais para um traficante na sua gaveta e fui embora. Fiquei lá menos de cinco minutos.

– Se ela for convocada para depor, vai te reconhecer...

– Não vai, porque eu estava de peruca, boné e tinha deixado a barba crescer. Afinal, seu amigo Cláudio, pelo que tenho visto nos perfis dele na internet, está usando barba, não é? Bom, ainda que sua empregada me reconhecesse, bastaria dizer que vocês a tinham obrigado a mentir, oferecendo dinheiro ou ameaçando-a de demissão.

– Mesmo o celular estando no meu armário, não há como provar que ele é meu. Com certeza, está registrado no nome de outra pessoa.

– Está registrado no seu nome e no seu CPF. Fui eu que comprei o chip. É um celular pré-pago.

– Como você comprou um celular com meu CPF?

– Só o chip. O aparelho, comprei em dinheiro. Em muitas lojas, os vendedores querem atender o maior número de pessoas e nem checam os documentos. Só precisei ditar seu CPF para o cara que me atendeu registrar no sistema. E como eu descobri o número do seu CPF? Pela internet. Está num dos seus perfis. Naquele em que você colocou uma espécie de currículo para tentar um estágio enquanto faz faculdade.

Marcelo sentiu-se dominar por uma raiva desgovernada e, sem medir as consequências, agarrou Jorge pela gola do colarinho. Na mesma hora, a porta se abriu e o guarda penitenciário entrou, encarando-o com firmeza. Marcelo deu-se conta da besteira que tinha feito e largou Jorge, que disse: – Você nunca deveria ter criado aquele blog, Marcelo. Fiz

questão de vir aqui só para que você soubesse de tudo. E para informar que você jamais terá outra vez um instante de paz. A gente se vê no tribunal.

Foram suas últimas palavras e, a seguir, deixou a sala.

Por influência direta de Jorge na Justiça, Marcelo não conseguiu nenhum *habeas corpus* e permaneceu preso até o julgamento, um ano depois. Jorge depôs no tribunal, falando do passado de Marcelo e de todas as maldades que ele fizera, usando as páginas do blog e o vídeo – os quais ele, estrategicamente, gravou num pen drive – como provas irrefutáveis de que ele era um péssimo elemento na sociedade e que, portanto, tinha todos os requisitos para se tornar um traficante. Marcelo foi condenado por unanimidade. A revelação do blog e do vídeo em pleno tribunal levou Cláudio, cúmplice de Marcelo, a ser indiciado pela violência de cinco anos antes.

No entanto, apesar de se sentir justificado, Jorge sabia que conviveria com aquele trauma pelo resto da vida. E, intimamente, pressentia que experimentaria um grande remorso pelo que estava fazendo contra Marcelo. Ele sofrera uma injustiça ao ter sido vítima de um ato bárbaro e covarde, sem que nada tivesse feito para merecê-lo. Mas estava, agora, revidando com, talvez, uma barbaridade ainda pior. E igualmente injusta.

AUTOR E OBRA

Luis Eduardo Matta nasceu no Rio de Janeiro, em 1974. É autor de livros de mistério e suspense para os públicos adulto e infantojuvenil e tem diversos artigos e ensaios publicados, a maioria no portal Digestivo Cultural (www.digestivocultural.com).

Veja mais e contate o autor em: www.lematta.com



10 Alt 0150

Luís Pimentel

Vontade de escrever alguma coisa é um vírus. Quem tem de vez em quando é que sabe como perturba. Clarice Ramos – ainda mais com esse nome! – é uma dessas pessoas. “Alt 0150” nela!

Clarice Ramos acordou com uma vontade louca de trabalhar. Como era sábado, não teria aula naquele dia, e decidiu aproveitar para colocar a vida em ordem: navegar na internet, atualizar o blog pessoal com um texto novo, conferir o Orkut, responder às mensagens acumuladas no Facebook, chamar no MSN o Serginho, a Clarinha, o Mateus.

Dia bom para não fazer nada, fazendo muita coisa.

Tomou o café da manhã sentada no sofá, com o notebook entre as pernas, com os devidos cuidados para farelinhos do biscoito não se esconderem entre as teclas. Sentou-se às nove, e antes das dez já empurrava a xícara sobre a mesinha de centro e dava a última lida no texto, antes de conectar, copiar, colar e publicar.

Os primeiros a abrirem o blog “Clarice Ramos, escritora” encontraram a joia do dia:

Porque hoje é sábado, como já disse o poeta, acordo mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada, praticando o mais do menos – se é que vocês me entendem.

Porque é sábado, dia seguinte a uma sexta-feira agitada e véspera de um domingo praia-almoço-com-amigos-cerveja-escondida-dos-pais,-sorvete-à-noite-e-*Fantástico*-antes-do-sono, planejo escrever um romance, podendo enxugá-lo para uma novela ou, se o fôlego negar fogo, finalizar como um conto.

Minha história – romance, novela ou conto – vai acompanhar os passos de Eciralc Somar (Clarice Ramos ao contrário, se é que vocês me entendem), uma jovem de classe média que tem espinhas, olheiras, piercings, unha encravada, um pouquinho (só um pouquinho, resultado dos refrigerantes e do chocolate) de celulite e um sonho: se tornar uma escritora blogueira internacionalmente famosa, mesmo escrevendo em português.

Depois de clicar em “Publicar”, fazer o texto viajar insignificantes antisse segundos antes de aterrissar no conforto da página digital, Clarice se levantou para beber água, fazer xixi e retornar ao sofá, notebook no colo, para ler os comentários da turma, que costumavam ser quase automáticos.

E lá estavam:

Não. Não entendo, não, Clarice. Dá pra ser mais clara?

Assinado: Clarinha.

Além de linda, tão talentosa.

Assinado: Mateus, o que continua pedindo a Deus para um dia ser teu...

O último comentário era uma pergunta:

Cla, como você faz para usar o travessão? Onde está o travessão no teclado, que procuro sempre e nunca acho?! Quando vou usar,

imprimo o hífen, ou underline. Meu sonho era poder usar o travessão.

Assinado: Lu.

Clarice achou que Clarinha é que não estava sendo clara e optou por não responder à provocação da amiga. O comentário de Mateus, amigo que a paquerava desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, achou que não mereceria novos comentários. Mas a pergunta de Luciana, a Lu, merecia uma explicação, em nome da ciência prática.

Clarice respondeu:

Simples, Lu, muito simples: aperte a tecla Alt e digite, no quadrado numérico à direita do teclado, os algarismos 0150 (zero, um, cinco, zero).

Clarice Ramos tinha tudo para ser uma grande escritora. Carregava o DNA espiritual, com nome e sobrenome capazes de abrir portas e caminhos, carimbo em caixa-alta no papel timbrado das altas letras. A mãe era fã incondicional de Clarice Lispector. O pai, admirador exaltado de Graciliano Ramos. Abriram mão de seus sobrenomes para presentear a filha, que um dia haveria de ser uma glória nacional, com uma assinatura que já vinha ao mundo com sonoridade, energia, história e carisma para transformar qualquer destino.

No dia seguinte, logo cedo, Clarice (ou Eciralc) postou:

Li na internet (e onde mais?) que o mundo vai se acabar em 2012. Que, segundo o calendário maia, baseado em fases lunares e experiências espetaculares da ciência, da metaciência e da influência inquestionável dos astros, a Terra, o mundo e o universo tais e quais os conhecemos e os concebemos estão com os dias contados.

Então, eu pergunto: para que tanta disposição, tanto trabalho, se, como cantaria o poeta Gilberto Gil, “Tudo agora mesmo pode estar

por um segundo"? Ou, como diriam os versos de uma canção linda que minha mãe canta lindamente, e que vem lá dos tempos da juventude dela, "Para que tanta ambição, tanta vaidade?/Procurar uma estrela perdida?".

Respondam-me. Ou não me respondam. Depois confiro. Por enquanto, fui, pois tenho aula de Física. Se o som não atravessa o vácuo, para que tentar colocar coisas pensadas e pensantes nessas cabecinhas ocas de vocês?...

Brincadeirinha, queridos.

Entre cursos de letras, aulinhas de redação criativa, oficinas literárias e muitos quilômetros rodados em meio a palestras, workshops, lançamentos de obras-primas e performances de gênios das prosas e dos versos, Clarice Ramos contabilizava os anos de espera angustiada dos pais, a expectativa dos amigos, o estímulo de professores e tutores literários.

Conferia no espelho as olheiras profundas, os olhos vermelhos, as unhas roídas de quem atravessava noites a amassar rascunhos, e concluía, para seus botões ansiosos: "Um dia, vai".

Estudiosa e dedicada, Clarice Ramos conhecia de cor as mais importantes orientações aos neófitos no ofício de escrever, começando pela sólida máxima do "velho Graça" – intimidade que o sobrenome lhe conferia –, recomendando que o bom escriba obrasse à moda das lavadeiras do interior das Alagoas, que "torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer [...] enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão [...] batem o pano na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, até não pingar do pano uma só gota", para concluir: "Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa". Também apreciava recitar

o mantra do genial mexicano Juan Rulfo, para quem, “no começo, você deve escrever levado pelo vento, até sentir que está voando. A partir daí, o ritmo e a atmosfera se desenham sozinhos. É só seguir o voo. Quando você achar que chegou aonde queria chegar é que começa o verdadeiro trabalho: cortar, cortar muito”.

Com tanta leitura na bagagem, Clarice Ramos não podia mesmo concordar com certos usuários da internet que faziam campanha em prol da indigência da língua. Reclamava com os amigos que enviavam mensagens usando horríveis redutores como “vc”, “tb”, “qb” e outras bobagens tão em moda. Dizia que se deve sempre escrever corretamente (e falar também), mesmo tratando-se de um diminuto bilhete. Um dia reproduziu em seu blog uma crônica que considerou muito oportuna, de um autor amigo de seu pai, com o seguinte comentário:

Leiam e, sobretudo, reflitam:

“Juro que ouvi este diálogo, travado por dois adolescentes na Praça General Osório, em Ipanema, no Rio de Janeiro: – Méquié? Beleza?

– Beleza.

– Aí, boralá?

– Boralá.

– Demorô.

E aí foram.

Outro que ouvi: – Colé, malandro?!

– Pô, malandro, nem te conto! Malandreei legal pra cima da mina.

– Malandro, que malandragem, malandro!

Muito profundo.

As orações vão encurtando, as expressões e as palavras também. Frases inteiras viram onomatopeias. Tem uma assim: ‘Onumsêneunécotô!’. Tradução: ‘Eu não sei nem onde é que eu estou’. Uma expressão ou grunhido pode ter diversas definições gramaticais. Exemplo: ‘aê’. O ‘aê’ pode ser: 1. Advérbio de lugar

(‘A parada está por aê’). 2. Vocativo genérico (‘Aê, tu viu a parada?’). 3. [pô, +] Partícula composta iniciadora de frase (‘Pô, aê, sei lá, bro’).

Já existe um dicionário próprio da garotada. E circula por aí. Querem ver? Peguemos o verbete ‘arroz’: aquele que ‘só acompanha’; sujeito que vive rodeado de mulheres, mas que não pega uma sequer. Sinônimos: ‘arame-liso’ (cerca, mas não machuca); ‘mestre-sala’ (dança em volta, apresenta pra todo mundo, mas não encosta e não deixa ninguém encostar); ‘mosca de padaria’ (sempre sobrevoando a guloseima e tomando tapa). Outro verbete bonitinho é ‘bolado’ (adj. Condição de incompreensão momentânea ou preocupação em qualquer nível: ‘Aê, tô bolado no lance, mermão’). Outros bacaninhas: ‘sacalé’ (aglutinação de ‘sabe qual é?’, utilizada como vírgula ou ponto final: ‘Aí eu peguei o lance, sacalé?, mó boa, sacalé?’) e ‘sacode’ (ato caracterizado por várias pessoas se juntando para encher de pancada um infeliz qualquer).

Por que isto é um ‘sacode’? Não sei. Como também não sei por que resolvi ocupar o tempo de vocês com essas bobajadas.”

Por fim, ela comentou:

Curtiram?

No ofício incansável de devorar obras completas de inúmeros autores, Clarice Ramos deparou um dia com um tal João do Rio, em texto que mexia com certas excentricidades como “a alma das ruas”. “Eu, hein?!”, pensou, a princípio, para em seguida concluir: “É isso o que me falta. Chega de ficar tocaiando a inspiração entre lençóis, almofadas e delírios

alheios. Vou para a rua, em busca de sua alma encantadora. Quem sabe me encanto, me encontro, descubro entre bueiros e paralelepípedos meu rumo?”.

E assim, dito e feito, a agora definitivamente predestinada à literatura Clarice Ramos botou a cara para fora da toca na qual hibernava, para castigar os olhos sensíveis à luz do belíssimo dia de verão que fazia em sua cidade. Partiu ao encontro das ruas, que a esperavam de becos e esquinas abertos, porque, como escreveu certa vez o Sr. Julio Cortázar, “as formas da felicidade são muito variadas”, e era hora de ir à busca do que poderia lhe render a felicidade suprema de iniciar um texto de ficção, o que poderia significar sua entrada neste louco e nebuloso mundo literário. Que fosse um conto turvo e introspectivo, à moda de Lispector, ou um primeiro capítulo de romance – seu romance! – (entre travessões, ou entre 0150), denso e seco, ao feitio de Graciliano. Algo de que seus pais pudessem finalmente se orgulhar.

Na primeira esquina Clarice Ramos esbarrou com uma possível-provável escritora, ex-colega de oficina literária em conhecida instituição das letras. Recebeu da amiga, em um parágrafo curto, de pontuação enxuta, o convite que poderia mudar a sua vida: – Vamos para a Festa Literária de Paraty. Lá estão flipeando grandes escritores do mundo inteiro, além de um público ávido por respirar literatura. O artista deve ir aonde o povo está; sobretudo, aonde estão seus pares.

Clarice riu e anotou para registrar no blog: “A humanidade não pode viver sem um clichê. Ele reforça o paladar com um sabor cafona muito especial”. Foi o tempo de passar em casa, pegar umas roupas, caderninho de anotações (leu, em algum lugar, que uma grande obra às vezes começa com pequenos lembretes, e adorava um conto de Ivan Lessa sobre certo escritor que preferia não escrever, apenas anotar) e laptop (gostava de escrever à mão, mas em certas situações ou ambientes, ajuda muito um computador aberto na mesa ou descansando sobre as pernas, em ônibus ou aviões).

Os pais demonstraram alguma preocupação, dissipada quando Clarice Ramos justificou: – Como disse minha amiga, o artista deve ir aonde o povo está... ou uma bobagem dessas.

Antes do embarque, cuidou de postar para a galera que a acompanhava:

A partir de amanhã, estarei postando as novidades, excentricidades e caraminholas da vida diretamente de Paraty – que nos próximos (com alt 0150 igual a travessão) será a capital da literatura nacional e internacional. Sim, grandes nomes das letras – ao lado dos quais um dia estarei – vão bater ponto no município bucólico da Costa Verde carioca.

Ah, esqueci não: o romance está a caminho, falou, galera? Vai sair, promessa e mistérios de Clarice...

Paraty foi mesmo uma festa. Durante os dias em que durou a efeméride, Clarice Ramos ouviu e anotou dicas, roteiros e conceitos fundamentais para a formação de um escritor iniciante, ou praticamente, ou até mesmo consagrado. Conheceu as artimanhas, o engenho, a labuta e a arte dos romances na palestra do baiano Antônio Torres; a maestria dos contos contados pelo mineiro Sérgio Sant’Anna; a força da poesia do maranhense Ferreira Gullar; o humor do gaúcho Verissimo; petiscos do talento de africanos da moda como Agualusa, Mia Couto e Pepetela; tantos europeus bebedores de vinho e de cachaça; norte-americanos viciados em sorrisos e em caipirinhas; o mundo ao alcance de seu mouse ou da canetinha Bic.

Fechando o caldeirão de sabedoria apreendida, Clarice Ramos degustou, extasiada, os canapés temperados com teorias revolucionárias e polêmicas minimalistas da jovial e espirituosa geração zero-zero (para os que só pegam no tranco, é a geração saúde-literária formada por

geniais escritores que entraram em cena, para agitar o palco, a partir do emblemático ano 2000).

E agora, Lispector? E agora, Seu Ramos?

Recebida em casa, em sua volta, por um pai e uma mãe que interromperam a leitura de *Vidas Secas* e de *A Hora da Estrela*, respectivamente, para abraçá-la, Clarice Ramos mostrou o caderninho de notas recheado de preciosidades e o laptop pronto para destrinchar a produção.

– Filha, como foi por lá? – perguntaram.

– Muito bom, meus pais. Muito bom. Estou cada vez mais convencida de que eu quero mesmo é ser escritora. Que nem Clarice... que nem Graciliano...

– Ora, ora... então daqui a pouco teremos seu livro! Papel branco... capas coloridas... aquele cheirinho de tinta... lugar na estante... produto para sempre.

– Não. O lugar do meu livro é no espaço virtual. Para sempre? Quem sabe. Vou começar publicando os contos no portal que criarei, uma vez que o blog já está muito pequeno para a produção que me aguarda. Os poemas vão todos pro Twitter. E lá vai arte, em direção ao infinito.

* * *

AUTOR E OBRA

Jornalista e escritor, Luís Pimentel trabalhou em diversas redações de jornais e revistas e tem muitos livros publicados, entre contos, poesia, ficção infantojuvenil, textos de humor e sobre personagens ou aspectos da música brasileira. Destacam-se *Com Esses Eu Vou – Crônicas e perfis da MPB*, *Grande Homem Mais ou Menos*, *Pau-Brasil*, *Plantio e Colheita* e *Neguinho Aí*. Baiano, mora no Rio de Janeiro.



11 desconectado ou é possível ser feliz sem internet?

Luiz Antonio Aguiar

Existe coisa pior do que ser desconectado pela namorada? É o que um garoto descobre em “Desconectado ou É possível ser feliz sem internet?”.

Foi o que ela me disse. Foi, sim. Foi o que me quebrou. Ela disparou. À queima-roupa: – Você não é apresentável!

Esse então é o meu problema. O meu defeito. Pelo menos, ela acha. Daí, tem vergonha de me apresentar como seu namorado e ter de dizer: “Ele não tem internet”.

É por isso que não sou apresentável. Mas eu me recuperei; consegui até contra-atacar: – Mas você tem de dizer isso assim? E logo de cara?

- É uma coisa que não dá pra esconder por muito tempo.
- Feito cê-cê? Chulé? Nhaca generalizada? Caspa? Bafo de onça?
- Feito um perfil no Facebook que só diz: “Eu não tô aqui!”.
- Mas foi você quem abriu essa coisa no meu nome. Eu nunca...
- Tá vendo? Eu bem que tentei.
- Mas, se tentou, é porque gosta de mim. Não é?
- Gosto... mas não seguro essa. Quem quer ser esquisito fica sem amigos. Vou desconectar você do *meu* Facebook antes que todos os meus

amigos me desconectem do deles.

– Então, é assim que termina. Sou desconectado.

– Você não é deste mundo, cara! Isso é que eu não seguro. Meus amigos nem sabem como entrar em contato com você.

– Ora, então...

– Então, se eu namoro um esquisito, sou esquisita também. E logo *eu* é que fico sem amigos.

– E sem *seguidores*. É uma tradução horrível, sabia? A intenção era dizer que tem gente que *acompanha* seu diário... seu blog, mas daí os bobalhões pegaram o sentido mais literal e...

– Tá vendo?

– Hum...? Mas...!

– Você ainda debocha. Não dou conta, entende?

Tomei fôlego. A tristeza no rosto dela doeu, doeu à beça... Daí, tentei:

– A gente não tá conversando aqui, cara a cara?

– Que tem a ver?

– É que do outro jeito eu não consigo. Trava.

– Hein?

– Eu travo. Fico completamente *dããã*! Vai dizer que nunca escutou falar daquelas pessoas que não se dão com engenhocas?

– Feito o pessoal que vai para a fila do caixa no banco porque não sabe tirar dinheiro na maquininha?

– Isso.

– Que tem DVD player em casa e só sabe dar play e stop no controle remoto?

– Por aí.

– Que não tem celular amora-preto? Nem fone-esperto? Só aquele que é telefone e mais nada?

– Eu não tenho celular.

– Bem que eu já estava desconfiando. Não acredito. Você não existe!

– É... só ia existir se estivesse também virtualmente existindo.

Pois é... A gente estava lá, na beira da praia, num banco de pedra, vendo o mar que ia, ia, e não acabava mais. Mas minha vida parecia que ia acabar logo ali. Bem do meu lado.

Era a última tentativa de dar certo. Ela arriou os ombros, com um suspiro doído. Daí eu entendi: mas que tentativa, que nada; ela já estava correndo de mim.

Eu queria ser diferente. Bem que eu queria.

Quer dizer, queria agora, que conheci essa garota tão... tão...

A pele dela é cor de ameixa. E tem mesmo cheiro de fruta. Os cabelos são cacheados, cheios, cor de melado. Os olhos, gozado, ora são cinza, que nem nuvem de chuva, ora são negros, desses que dá vontade de beijar. Ela toda me dá vontade de beijar.

Por ela, eu queria ficar diferente...

– Olha – disse ela –, concordo numa coisa com você. A gente exagera. Nada disso é tão sério assim. É até um pouco besteira.

(Ahhhh!) – Mas...

(Ohhhh!) Ela balançou a cabeça, fazendo que não para si mesma. E eu balancei a minha fazendo que sim, que entendia, que sabia como eram as coisas, o mundo, as pessoas, tudo.

Mas não sabia. Quer dizer, sei lá se sabia. Não fazia isso para defender princípio nenhum, ideia nenhuma. Fazia porque me dava agonia ficar plugado o tempo inteiro, ficar on-line o tempo inteiro, ficar... Ufa! Era o cúmulo eu estar escutando lá por dentro música e poemas, ao olhar, perdido, entregue, os olhos dela e de repente tocar um celular. Ou dizer a ela “Gata, você é um assombro... você me assombra!” e receber de resposta uma bolota redonda e vermelha com uma boquinha e olhos sorridentes de resposta. A Face Sorriso, já tive pesadelos com ela.

– Você assim... isolado do mundo... – disse ela. – Não tem medo... de estar perdendo.

Ela percebeu tudo. Sacou tudo. O pior é que eu tinha mesmo medo... de estar perdendo... alguma coisa, muita coisa... (Tava a pique de perder ela!) Por isso que, mesmo sem querer defender princípio nenhum, nem

ideia, nem política nenhuma, às vezes, quando me encostavam nas cordas, eu reagia. Com raiva. Com medo.

Isso eu sabia. Um pouco de mim eu entendia.

Por exemplo, entendia que, no momento em que ela se cansasse de duelar comigo, naquela beira de praia, e virasse as costas e fosse embora, uma parte de mim ia junto. Arrancada. Arrancada. Como um tubarão arranca uma perna de um surfista debaixo d'água. Arrancada. Uma parte de mim que já não era só minha, era também dela.

Daí que eu tanto queria naquela hora prometer que ia mudar. Tanto que eu queria...

– “É impossível ser feliz sozinho”...

Ela sorriu.

Algumas manias minhas passei para ela. Feito cantarolar músicas de antigamente. Beatles, bossa nova. Geralmente sabia um verso aqui, outro lá. Ficava uma cantarolada banguela. Mas ela gostava. Passei minha mania de não me importar com isso também. De ficar feliz de ter pelo menos um pouco da música dentro de mim.

Ela sorriu. E me olhou com carinho. Me querendo. Era a primeira vez que isso acontecia, naquela conversa de final de namoro.

Ficamos olhando o mar, as ilhas, mais distantes, uma ou outra pessoa na praia.

Acho que nenhum dos dois sabia direito nem como fazer nem o que fazer. Minha nossa, como eu queria saber onde tocar, o que dizer, como dar um tranco nela... como puxar ela para me beijar.

Conversa de fim de namoro é uma cacetada.

Já tive duas. Uma fui eu que terminei, a outra foi a garota.

E nessa? Era ela que estava terminando comigo. Mas não fui eu, antes, que terminei (sem dizer) com ela? Custava eu...? Ora!

E se foi? E se fiz besteira?

Minha nossa, ela ali, olhando para mim... como eu queria tascar um beijo nela!

Parou um sujeito do outro lado da rua. Um mendigo. Ergueu os punhos e a cabeça para o alto e começou a esbravejar, a rosnar. Que ódio no rosto! Com quem ele estava brigando?

Eu e ela ficamos olhando o cara. Ele berrava. Senti vontade de correr dali. Ela se levantou, deu uma parada, me esperando, eu fui atrás.

Será que ela olhava o cara brigando contra o nada e pensava que eu era um pouco assim também?

Mas eu tenho de dizer a ela que, quando ninguém me ataca, eu não brigo, eu não fico brandindo os punhos, eu não rosno... Eu tenho de dizer a ela que não é briga, eu só não gosto.

– Tem uma coisa comigo... quando pego numa enge... quer dizer, num computador... num aparelho desses, cheio de botões, de luzes, de vibrações e... me dá náusea.

– Alergia? – disse ela, rindo.

Pelo menos, riu. De mim. Deve ter me achado doido. Mas riu. Rir é bom. É melhor do que sofrer.

– Sei lá – respondi, me odiando pela reflexão óbvia. Ainda bem que não falei, só pensei. Senão... – E se a gente tivesse um caso secreto?

Ela arregalou os olhos, mas me olhou como, quem sabe (pensei), tivesse gostado da ideia...

– Feito gente mais velha? – disse ela. – Aqueles lances... esquisitos?

– Feito a gente querendo ficar junto sem ninguém precisar saber disso.

– Mas... – Ela pensou por um instante. – E se um carinha perguntar se eu tenho namorado?

Meu primeiro impulso foi achar a pergunta idiota. O segundo foi ver que o mais idiota era achar uma pergunta dessas idiota.

– Você enrola. Quanto cara chega junto e você dispensa?

– É, uma porção. Sou muito seletiva, sabe?

– Obrigado pela parte que me toca.

Ela riu de novo. Para quem tinha chegado com cara de quem vinha a um velório (acendendo vela pro nosso namoro), conseguir dela um segundo riso em dez minutos era muito legal.

Ela parou, respirou fundo...

– Olha... A primeira vez que eu recebi uma carta sua, achei a coisa mais linda, mais querida, mais... incrível do mundo. Uma carta. Escrita à mão. Selo e envelope. Com meu nome no envelope. Achei... que era um jeito de você me dizer que eu era especial...

– E não era?

– Não. Depois eu entendi. Era o seu jeito de ser... você. Era o jeito como você faz.

– Não escrevo cartas assim à toa. Também exijo qualidade, sabe?

Ela riu. O terceiro riso. De quantos eu precisava para puxar ela pra mim e lhe dar o beijo? O beijo, minha boca estava seca; o beijo, meus lábios estavam formigando: o beijo, o beijo, o beijo dela – beijar a boca dela. (Sei que soou mal... “bocadela”... Vou pensar nisso, numa hora dessas: beijar a boca dela, beijar a boca dela...) – Ah, não me olha assim, que eu não aguento... – disse ela.

(Opa...?) – Você não tem e-mail. Como...? Acha mesmo que vai conseguir viver a vida inteira assim?

– Acho que não.

– Vê se cresce.

– Prefiro não. Ainda não.

– Mas... não é natural, não... Tá, internet não tem nada de natural, mas... E dizem que celular dá câncer no cérebro. E que relacionamento virtual é bobaquice, que nem é relacionamento, mas... mas...

– Eu juro que vou fingir. Que vou disfarçar. Faço a maior fita pros seus amigos, aprendo a linguagem deles. Prometo nunca mais usar frase de mais de dez palavras na frente deles e...

– Olha, tá vendo o preconceito?

– Tá, tem razão. Cretinice minha. Sou um cretino. O maior cretino do mundo. E juro que acho eles engraçados, eles é que me estranham, mas... Olha! Visto uma camiseta com um slogan... “Boy on-line”. Faço de tudo. Qualquer coisa. Por você.

– É...?

– Juro... quer dizer, mais ou menos. É que eu assisto a todos os jogos do Mengão no meio da torcida. Na arquibancada. Cercado de gente suada. Meus amigos, sabe? Bando de garotão com sovaco cabeludo, braços pra cima, super... fedidos... e a gente adora aquilo. E se abraça quando o Mengão faz gol. Além disso, traço a três por quatro churrasco e feijoadada. Mas prometo que não chamo mais você de herbívora, por ser vegetariana. Tem mais: durmo pouco à noite e por isso gosto de fazer a sesta. E tem vezes que eu saio de casa com a camiseta pelo avesso, porque nunca lembro de olhar no espelho. Não dá então pra consertar tudo, sabe? Tem coisa que não ia ser conserto, ia ser forçação, ia... – Respirei fundo. Era tudo ou nada: – Eu quero você, garota. Quero uma garota que não me dê um chute por causa das minhas manias. Eu sempre soube que essa garota é você.

Ai, joguei pesado. Arrisquei. E se ela não soubesse que era essa garota? E se ela não quisesse ser essa garota? E...

Ela ficou me olhando cravado um instante. Ai, desespero, como eu queria acessar os bits dela, ter a senha, hackear os pensamentos dela, como eu queria... (“Nossa, de onde estão vindo essas taras? É você, garota, você desmagnetiza meus polos, você me vira do avesso e me pinta de roxo, você...”).

– O mais engraçado é que eu *quis*... eu *desejei* isso. Dessas coisas que a gente vê em filme e fica sentindo, meio tristinha, que perdeu sem nunca ter tido. É... Eu queria tanto um namoro... diferente.

– Eu!

– Só não precisava exagerar, puxa... – Ela soltou um suspiro como se tivesse aberto a geladeira e descoberto que alguém havia comido o último pedaço de torta de chocolate, que ela reservara para aquele finalzinho de noite... Então continuou: – É verdade, eu gosto dessa sua esquisitice. Gosto disso tudo, do pacote inteiro... – disse ela. – Eu amo tudo isso em você. Nunca pensei, acho um horror em qualquer outro garoto, mas em você... Deixa pra lá a camiseta “Boy on-line”, tá?

– Tá.

“O beijo. Falta só o beijo! Ah, por favor, essa boca na minha boca... Agora! E tem de ser ela a fazer o primeiro avanço, tem de ser ela... Puxa, garota... Me beija!”

– Peraí um pouco... – disse ela.

E ficou pensando. Saquei (às vezes, raramente, me bate alguma inteligência) que tinha mais é que ficar calado, deixar ela ir, revoar, voltar...

– Caso secreto? – ela quis confirmar.

– Negócio fechado.

– Até parece...

Ela cravou os olhos nos meus. Quarto riso. E se pendurou no meu pescoço.

O beijo.

* * *

AUTOR E OBRA

Luiz Antonio Aguiar é carioca e nasceu em 1955. Escritor, com diversos prêmios no Brasil e no exterior, é também mestre em Literatura Brasileira e consultor editorial.

Veja mais e contate o autor em: www.luizantonioaguiar.com.br



12 LEIA-ME *luiz ROCHA SOARES*

E se uma mensagem banal como “Leia-me” for um pedido de socorro?

Até agora não consegui entender como vim parar aqui; tampouco sei como vou sair, mas tenho esperança de ser resgatado. A última coisa de que me lembro lá de fora é de estar baixando um programa muito grande, a conexão lenta, o relógio indicando alta madrugada, o corpo sendo tomado pelo sono, a levitação. Depois, o sufocamento, a queda, o esforço para acordar, como se meu corpo desmanchado tivesse de ser recomposto, e simplesmente já estava aqui.

O espaço não é amplo, uma espécie de saguão com o pé-direito alto, ocupado por algumas caixas de tamanhos diferentes, que, depois de abertas e investigadas detalhadamente, fiz questão de retornar enfileiradas junto à parede dos fundos. A parede da esquerda tem duas portas. A da direita, uma porta. Janela, só uma pequena abertura a uns dois metros de altura. Apesar disso, a luminosidade e a temperatura são agradáveis. Para ser mais preciso, não consigo sentir a temperatura. O que incomoda é um barulhinho, um nhéqui-nhéqui lento que não para.

Desde que cheguei, nem sei quanto tempo faz, só penso num modo de sair. No primeiro momento, ingenuamente, pensei: “Tenho de voltar para casa, daqui a pouco é hora de acordar, tomar banho, sair para a longa jornada de trabalho e escola noturna. Se der, ainda tiro mais uma ou duas horas de sono”.

Experimentei as portas à esquerda: uma não tinha maçaneta e as dobradiças mostravam que abria para o saguão onde eu estava, a outra estava trancada com uma fechadura eletrônica, dessas em que a gente entra uma senha de letras e números. Na parede à direita, mal encostei na maçaneta e a porta se abriu para uma saleta que continha uma pequena caixa e o mesmo tipo de janelinha alta. Nenhuma saída.

Voltei ao saguão e me concentrei na porta trancada. Pensei que se estava trancada era porque daria para o exterior. Olhei por um tempo para a fechadura e desisti, não tinha a senha e, mesmo que tivesse, não havia um teclado para digitá-la. Forcei a porta, não se moveu. Gritei algumas vezes por socorro – “Alguém me ajuda! Me tira daqui!” – e apurei o ouvido esperando pela resposta. Acho que foi nesse momento que percebi pela primeira vez o nhéqui-nhéqui. O som parecia vir de uma caixinha preta presa ao teto, um metro acima da janelinha. Na cabeça, ao ritmo dos nhéquis, pulsava a frase “sem saída – sem saída”. Sentei numa caixa e tentei organizar meus pensamentos: “Como vim parar aqui? Onde estou? Como saio daqui?”.

O que me pareceu mais fácil foi saber onde estava. Havia uma dezena de caixas com possíveis respostas a essa questão.

Comecei por uma caixa grande que continha uma pilha de álbuns de fotografias identificados com rótulos como “Entrega do Prêmio Melhor Vendedor 2002”, a mesma coisa para “2003” e “2004”, “Evento de fim de ano no Sítio Santa Rosa”, “Nossa equipe de vendas” *etc.* As fotos, legendadas na margem branca inferior, mostravam invariavelmente uma gente engravatada e sorridente: “Sr. Guimarães, gerente da filial de Estrela do Norte, ao lado da esposa, dona Ivanira, recebe os cumprimentos do dr. Aguirre”, “Sr. Valente, dona Alice e dr. Aguirre na sede da empresa”, “Time dos Casados e dr. Aguirre”, e por aí ia. Na maioria das fotos, lá estava o tal dr. Aguirre, abraçando gente, sentado à cabeceira da mesa nas salas de reunião, vestido como técnico nas fotos do time de futebol. Não reconheci ninguém.

Nas outras caixas havia papéis: sulfites impressos ou datilografados, formulários em branco, folhas de pedidos também em branco, catálogos de peças mecânicas, convites (inclusive o do churrasco no Sítio Santa Rosa), lembretes, recortes de revistas e jornais. Algumas caixas continham caixas menores, que, abertas, mostravam mais papéis ou caixinhas menores ainda, que por sua vez continham, finalmente, mais papéis.

Cheguei a pensar que estava preso no almoxarifado de uma empresa, mas não encontrei nada daquele material de escritório: caixas de canetas, cartuchos de impressora, pacotes de fita adesiva *etc.* Todas as caixas continham somente papéis. Minha melhor conclusão foi a de estar preso em alguma sala de despejo, uma espécie de arquivo morto de empresa.

Desanimado, irritado com o barulho, decidi sondar a janela. Para alcançá-la, puxei uma das caixas grandes e só então notei que elas traziam etiquetas coladas na lateral. Informações curtas e óbvias como: CONTATO, CADASTRE-SE, ÁLBUNS, NOSSOS PRODUTOS, NOTÍCIAS, LINKS, DOWNLOAD... Não me surpreendi quando virei as primeiras caixas da fila e li os rótulos que faltavam: HOME e QUEM SOMOS.

Um site!? Algum funcionário zeloso guardava o site da empresa nesta sala. Confirmei a suspeita ao ler com mais atenção o que estava escrito nos papéis. Da pequena caixa QUEM SOMOS, tirei uma página com a apresentação da PMA – Peças Mecânicas Aguirre, “há 30 anos vendendo qualidade e confiança”, e outra relatando “Nossa Missão, Nossa Visão, Nossos Valores”. Na caixa PRODUTOS – a maior de todas – havia uma lista enorme de peças mecânicas, separadas por categorias e subcategorias e pelo menos uma dezena de caixas menores onde se encontravam catálogos descritivos. Sem dúvida, um site. Puxei a caixa rotulada com FALE CONOSCO, com a leve expectativa de encontrar uma lista de nomes, possivelmente algum conhecido, mas, diferentemente do que esperava, dei de cara com uma pilha de formulários cujos campos a ser preenchidos – Sua empresa, Seu nome,

Seu e-mail e Deixe sua mensagem – estavam em branco. Em CADASTRE-SE, a mesma coisa, porém com um formulário mais extenso.

“Tá bom”, pensei, “e daí? Não sei como nem por quê, mas alguém me prendeu no arquivo morto dessa... PMA. Agora preciso sair daqui...” A janela! Ainda faltava ver a janela. De onde eu estava, dava para ver que era fechada com um vidro fixo. “Do lado de lá deve estar o depósito de peças ou um escritório. A essa hora não deve ter ninguém, quebro o vidro e caio fora, ou, se tiver um guarda-noturno, bato no vidro, peço ajuda e depois tento me explicar.” Subi na caixa de catálogos e olhei. A imagem era estranha. Um lugar aparecia pequeno e distante, como visto através de um binóculo invertido. Era familiar, mas parecia ter sido virado do avesso. Tive de recompor, peça a peça, o que via. Talvez por isso tenha demorado tanto a entender que, lá longe, aquele recorte de mesa em primeiro plano, os dois pequenos volumes pretos sobre ela, depois algo parecido com um teclado de computador, uma pessoa dormindo sentada, uma estante ao fundo, e ao lado, parcialmente visível, uma cama; enfim, o espaço reconstituído não era galpão nem escritório, mas um quarto... e a colcha amarela sobre a cama não deixava dúvida, era meu quarto! O homem que dormia era eu!

Bati com força no vidro, várias vezes; e gritei “Socorro! Socorro!”, e foi então que percebi que, por mais forte que eu socasse o vidro, não sentia nas mãos a dor que deveria sentir. Um choque de desentendimento – ou melhor, de reentendimento – atravessou meu corpo da cabeça aos pés. Parei, assustado, e toquei o vidro de leve; desci da caixa arrastando as mãos pela parede e toquei de novo as caixas e os papéis. Não é que eu não sentisse nada, mas era uma sensação que se formava menos na pele que na cabeça, era como se eu sentisse porque sabia que devia sentir. Belisquei forte meu braço e concluí duas coisas: não estava dormindo e o tato estava diferente. Estendi as mãos, levei uma delas à testa, levantei a camiseta. Não consegui sentir a temperatura. Num impulso, trouxe uma folha junto ao nariz, aspirei forte e não senti o cheiro. Toquei a língua na

ponta dos dedos e não senti gosto. Fechei os olhos por um instante e os reabri; ver, eu via. Tapei os ouvidos, o nhéqui-nhéqui sumiu, destapei e o barulho voltou. Eu via e ouvia, não sentia cheiro nem gosto e agora olhava para minhas mãos para entender esse tato estranho.

Andei pelo cômodo tocando as paredes e, ao aproximar a mão estendida sobre uma das caixas, comecei a entender o que podia estar acontecendo. Mesmo sem tocar a caixa, a mão sentia a proximidade. Experimentei várias vezes, aproximando e afastando, e a sensação estava lá. Olhando para a mão indo e vindo, me pareceu que ela arrastava um mouse. Era isso! Meu tato era um tato de mouse! Quando movia as mãos pelo espaço da sala, quase podia ver uma flechinha na ponta dos dedos; quando tocava uma caixa, a flecha se transformava em mãozinha; finalmente, quando passava a mão estendida sobre uma página escrita, era como se a mão, feito um cursor pulsante, pudesse selecionar aquelas palavras. Tato de mouse? Claro que essa ideia era absurda, mas foi graças a ela que eu montei a teoria que, por mais absurda ainda que seja, tem me servido para explicar onde eu estou e me traz esperanças de fuga. Já disse, não sei como nem por que vim para cá, só sei que minha mente se desligou daquele corpo lá fora e parou aqui, no site da revendedora de Peças Mecânicas Aguirre Ltda. – www.pmaguirre.com.br –, cuja missão é “promover o equilíbrio moral e comercial por meio da venda de peças mecânicas de alta qualidade e da eficácia no atendimento, atendendo às necessidades do cliente, buscando sempre a satisfação completa de todos”. Cujas visões são “ser referência regional em peças mecânicas, obtendo respeito e credibilidade no mercado de Estrela do Norte e Região”. E cujos valores são “Qualidade, União, Ética, Respeito, Segurança e Responsabilidade”.

No início relutei em aceitar essa ideia. “Isso é impossível!”, repeti mil vezes. A suspeita de estar em um site era tão absurda que imediatamente me pus a buscar provas do contrário. Voltei à janela torcendo para ver um escritório, um depósito... A cena era a mesma: eu dormindo (ou morto?!) na cadeira, cercado pelo meu quarto, mais real do que nunca,

visível, mas inatingível. Imaginei que, se alguém entrasse no quarto naquele momento e olhasse para o monitor, veria minha cara bolachuda e assustada tomando a tela toda. Fiquei com vergonha da minha situação e me escondi. Desci para rever o conteúdo das caixas, com nova abordagem: “Se estou num site, tenho de agir como um internauta”. Comecei a aceitar a situação e, conseqüentemente, a conhecer e dominar minhas novas capacidades. Abrir caixas com um simples toque das mãos era fácil. Melhor foi descobrir que podia selecionar blocos de texto e mudá-los de lugar na página. Por acidente, levei algumas palavras para outra página. Isso abria uma possibilidade interessante: se eu conseguisse mover uma palavra-senha até a fechadura da porta... Você dirá: “Mas de que adianta ter palavras? Você precisa de uma senha!”. Nessa altura eu sabia que o dr. Aguirre não poderia faltar.

Funcionou. Depois das tentativas frustradas com “aguirre” e “pmaguirre”, a palavra-chave “dr. Aguirre” abriu a porta. Nem na senha o homem abria mão do doutor! Ah, a alegria de desvendar um mistério! Durou pouco. Na sala – pouco menor que o saguão, mais rústica, as paredes de um branco opaco, o chão cinza-cimento – só havia mais algumas caixas e outra porta, que eu prontamente abri, e, meio envergonhado, me vi de volta ao saguão – na verdade, era a tal porta que não tinha maçaneta e só permitia a passagem da sala para o saguão. Não restava outra saída, me pus a investigar o conteúdo das novas caixas. Aos poucos fui entendendo que, enquanto o saguão funcionava como área pública do site, nessa saleta funcionava a área administrativa, área restrita, onde só se entrava com login e senha. Aqui estavam os contatos de internautas: fichas e mais fichas com cotações de preços, pedidos de brindes, ofertas de serviço e mão de obra. Em outra caixa, pedidos de polias, mangueiras, bombas-d’água, embreagens reconcondicionadas. Nesse momento me ocorreu que se a PMA usava o site para fazer vendas, em algum lugar devia estar o cadastro de clientes. Lá estavam: formulários completos com nome, CPF, CNPJ, telefone e e-mail para contato e até dados bancários. “Então é essa gente que navega por este site?” Reli

algumas fichas com interesse, gente de todos os cantos do país. “Não importa, a internet não tem fronteiras; se alguém do Acre me salvar, que diferença faz?” De repente vi uma saída. Estava tão assustado com a janelinha que dava para meu quarto que não consegui ver que o site estava aberto para o mundo. “Claro! Seis bilhões de pessoas! Agora mesmo alguém pode estar pesquisando preço de carburador!” Ao mesmo tempo me dei conta de que o internauta do carburador iria direto para o catálogo de peças, leria umas poucas linhas técnicas, procuraria um preço em negrito e não teria a menor indicação de que existe uma pessoa presa aqui. Corri para o saguão e gastei um bom tempo remanejando as palavras, de preferência as que estavam em negrito, de modo que cada página levasse no primeiro parágrafo, em destaque, um pedido de socorro.

Voltei para a sala de manutenção e retomei a investigação. Reparei que no pé de cada ficha estava a data de entrada. O primeiro registro de cliente, um certo Ademir Quintana, era bem antigo. Ademir... Julguei que as fichas estivessem em ordem alfabética e me propus a ordenar por data. Repassando todas elas, constatei que já estavam em ordem cronológica, e, para meu desânimo, a mais recente delas era mesmo a do Ademir. Corri à caixa de contatos; também lá, a ficha mais recente, de um colecionador de brindes pedindo bonés e canetas, datava de julho de 2005. A situação não era boa, ninguém visitava o site havia mais de cinco anos. Ainda fui confirmar as datas na caixa de notícias e eventos: “Dr. Aguirre prestigia o lançamento do Corsa 2005”, “PMA participa da feira de autopeças em novembro de 2004”, “Cerimônia de entrega do Prêmio Melhor Vendedor 2004”, e ficava por aí. Mesmo sem olfato, tive a sensação do cheiro de mofo.

Eu estava enterrado num site que não era visitado desde julho de 2005! Ninguém ia ler minhas páginas com pedidos de socorro! Voltei ao saguão. Tive de me segurar para não chutar aquelas caixas e rasgar aquela papelada inútil; xinguei mil vezes o dr. Aguirre, desejei sua morte, praguejei contra a empresa, amaldiçoei a caixa-preta, que não

parava de fazer barulho. Quando a raiva baixou, subi mais uma vez para ver meu quarto; precisava ver alguma coisa mais atual que esses malditos papéis velhos. O quarto estava lá, eu não mais. Não consegui – e ainda não consigo – imaginar o que acontece comigo do lado de lá. Amanheceu, o quarto estava inundado com a luz do dia. A suspeita de estar parado no tempo, que cheguei a considerar, não tinha fundamento. Não sei se isso seria bom ou ruim, na hora me pareceu bom; eu teria a eternidade para esperar um visitante ou... O fato é que eu não tinha a eternidade. Não podia ficar aqui, esperando a chegada de alguém que viesse atrás de um brinde e aceitasse me levar como tal. Mesmo sem tirar meus pedidos de socorro das páginas do site, porque nunca se sabe até onde um internauta pode chegar, me enchi de energia e fui buscar uma estratégia alternativa.

De volta à salinha da administração, continuei a prospecção das caixas que faltavam. Uma delas, com o rótulo ADMIN, me apresentou três fichas que, pelo que deu para perceber, controlavam quem podia entrar aqui, na área administrativa, e em quais ferramentas podia mexer: por sorte, eu estava aqui com o nome do dono – “Valha-me, dr. Aguirre!” – e podia meter a mão onde bem entendesse. Contatos, Clientes e Pedidos eu já havia explorado; o que me chamou a atenção foi o nome da última ferramenta: E_cartas. Procurei por ela, e lá estava. Na caixa, o rótulo curto: E_CARTAS: CRIAR E ENVIAR; na prática, um disparador de mala direta.

Aos poucos fui entendendo as funções da ferramenta. Seu funcionamento é simples: primeiro puxo uma folha timbrada da PMA; sobre a folha monto uma mensagem com as palavras que recolho no site público (já não me importo se para isso tenho de desmontar alguns pedidos de socorro). Em seguida escolho um e-mail na lista de contatos e o colo no campo de endereço. Aperto o botão “Enviar” e pronto.

É isso que tenho feito desde então. Não sinto fome, não sinto sono. Desde que aprendi a tirar palavras das fichas de contato e cadastro, tenho

passado mais tempo na sala da administração; o repertório é menor, mas tem a vantagem de não ficar exposto ao nhéqui-nhéqui do saguão.

O que importa é que agora não sou mais o alvo improvável de algum internauta perdido, e sim um internáufrago dominando sua ilha e buscando socorro por meio de garrafas soltas nesse oceano de informações.

Só rezo para que minhas garrafas não sejam classificadas como spam.

* * *

AUTOR E OBRA

Luiz nasceu em 1958, na cidade de São Paulo, onde mora com a mulher, a psicóloga italiana Sara Margelli. Formado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, trabalha como webdesigner, ilustrador e escritor.



13 EU SOU ELA *miguel sanches Neto*

Um blog pode ser a outra vida de alguém, até mesmo de uma forma estranhamente radical, como em “Eu sou ela”.

Entrar na padaria na frente da escola, de manhã bem cedo, é uma coisa boa. Tudo tão quentinho por causa dos fornos funcionando, o cheiro de comida; eu gostava de ir lá mesmo que fosse só para acompanhar minhas amigas. Sei que vou sentir falta disso, mas esta talvez seja a última vez. Elas me perguntam o que vou querer, digo que nada. Escolhem um salgado, compram chicletes. Em outros momentos, eu também pegaria ou um salgado ou um doce, gastando o dinheiro dos últimos dias.

Quando me levanto e me troco para ir para a aula, minha vó já está acordada. Ela faz um café bem doce para mim. E tira de uma bolsinha com zíper a moeda de um real e me dá: Para você comer algo na escola. Ela não sabe que com esse dinheiro não posso comprar quase nada; minha vó vive no mundo dela, na época em que era menina, e acha que é muito dinheiro que ela me coloca na mão todas as manhãs. Junto os trocados de dois ou três dias e daí compro alguma coisa aqui na padaria. Mesmo quando estou juntando meu dinheirinho, venho com minhas amigas. Elas me dizem: Carol, você não vai querer nada hoje? Respondo que estou fazendo regime, e elas riem, pois sou bem magra, e todo mundo sabe que o que não tenho é dinheiro.

Gosto de minha vó, ela tem um cheiro estranho de roupa antiga. Não de roupa suja, está sempre muito arrumadinha, com sua saia cinza, sua

blusa branca ou bege, seus sapatos de salto baixo, e não falo do cheiro da roupa, mas dela mesma. Ela é que cheira roupa antiga. Sei disso porque um dia abri um armário onde a mãe guarda o vestido de casamento, coberto por um plástico transparente, tirei o vestido já meio amarelado e senti o mesmo cheiro de minha vó. Quando chego em casa, na hora do almoço, todos se espantam com minha fome. A vó deixa um pouco de comida no prato porque sabe que vou rapar tudo. Essa menina come mais do que lima nova. Eu não sei de que lima ela fala, mas não é aquela laranja meio sem gosto que eu provei na casa de meu tio.

Agora tenho outro destino pro meu dinheiro. Gastarei uma vez por semana na lan house aqui ao lado da padaria. Desde que o professor de Português falou que é bom a gente escrever, ajuda nos estudos, e que é uma coisa prazerosa, e daí explicou como se faz um blog – ele tinha levado a gente ao laboratório de informática, com seus computadores meio antigos, mas funcionando –, aprendi a criar uma página; só não fiz na hora porque não quero que ninguém saiba meu endereço. O professor disse também que o assunto de um blog é a gente mesmo, basta escrever o que acontece com a gente. Bem, isso para mim é fácil, mas tenho medo de que os outros me descubram. Então, decidi criar uma personagem, o professor falou que isso é comum. Uma forma de ficção. Ficção eu sei bem o que é, são esses livros que o professor pede pra gente ler, alguns até legais, outros nem um pouco. Mas todos estão tão longe da gente... Queria que a ficção fosse eu.

Então não espero a hora de começar a escrever no meu blog. Já tenho um nome secreto. É no que estou pensando quando saímos da padaria, a Karine me oferece um pedaço do bolo que ela comprou, eu digo que estou sem fome. Isso já faz parte da minha ficção. Vamos todas rindo para a aula, encontrando outros amigos na escola. O bom de a escola ser pública é que todo mundo chega antes, e ficamos na frente do portão conversando. Quando passo de ônibus na frente de uma escola particular, só vejo os carros dos pais deixando os alunos. Aqui, a gente vem sozinha. É mais viva a escola.

Na lan house os computadores são mais novos, mas ainda não se parecem com aqueles dos anúncios da TV. Eu me sento numa cadeira de funcionário e começo a criar o blog. Tento meu nome secreto, mas já tem uma pessoa com o mesmo endereço. Não esperava isso. É um nome tão diferente, eu mesma inventei meu apelido. Os apelidos que as meninas me davam não me serviam, então resolvi achar um que fosse só meu. Quando eu estava meio desanimada, eu me chamava de Magrona. Faça isso agora, Magrona, digo para mim mesma, interiormente. Então queria criar um blog com esse nome. Na hora, acrescentei o número dois na frente, e o programa aceitou. Fiquei sendo a Magrona2.blogspot.com. Eu então coloquei minha primeira postagem:

Meu nome é Magrona, por favor, não confundir com Madona, tenho dezoito anos, e escreverei neste diário o que acontece na minha vida. Trabalho em uma loja de cosméticos durante o dia e faço faculdade de Direito à noite. Gosto de sair com meus amigos e de ver comédias românticas na televisão.

Procurei uma foto na internet, de uma moça morena e bem maquiada, pois agora estou trabalhando numa loja de cosméticos, e postei.

Copiei também um poema de amor que dizia tudo o que eu pensava sobre o assunto, e se era tão parecido comigo podia ser meu. Foi minha segunda postagem.

Daí me veio uma curiosidade. Queria conhecer a Magrona número 1. Seria o primeiro blog que eu ia seguir. Entrei no endereço da outra e fiquei assustada. Não tinha foto, e era uma menina de quinze anos, que estudava numa escola pública e sofria muitos desejos. Ela tinha vontade, por exemplo, de tomar café da manhã com pão, presunto e queijo e depois beber um suco de laranja.

Enquanto todas as meninas do mundo querem emagrecer, e para isso vão às academias, eu quero engordar. Queria engordar tanto que sentisse a barriga chacoalhando quando eu desse uma gargalhada. Aliás, eu não dou gargalhada nunca. Sou tímida, por isso escrevo aqui. Só os tímidos deveriam escrever. Eles nunca falam nada, então escrever é uma forma de conversar.

Fiquei pê da cara. Quem tinha a coragem de falar de mim assim na internet? Eu já tinha pensado nesses assuntos, mas nunca escreveria. Tem coisas que a gente não escreve nem mesmo às escondidas. Para que falar no sofrimento da gente? Eu queria falar das coisas que eu sonhava ser.

Quando, na outra semana, juntei dinheiro para a lan house, entrei no meu blog e comecei a escrever rapidamente:

Esta semana foi muito corrida para mim. Não tive tempo para dedicar a este diário. Mas queria contar uma coisa. Apareceu na loja um rapaz, ele queria comprar um perfume caro para a mãe dele. Pediu a minha ajuda. Eu fui borrifando – é assim mesmo que se diz? – perfume nos papéis para ele cheirar. Gostou de um perfume, mas disse que o papel podia mudar a fragrância, o bom mesmo era ver como funcionava o perfume na pele de uma mulher, e daí pediu a minha mão, a minha mão emprestada, ele brincou. Eu estiquei a mão bem no dia em que o esmalte de minhas unhas estava lascado. Ele mesmo passou um pouco do perfume no meu pulso, esfregou o pulso dele no meu e depois ergueu a minha mão bem perto da boca dele e cheirou. Ficou mais tempo do que precisava e daí me olhou, falando Eu vou levar. Eu perguntei: Este? Ele falou: É. Mas olhava tanto para mim que parecia que ele queria era me levar.

Depois de ter descrito essa aventura na loja de cosméticos, entrei no blog da outra. Queria ver se ela conseguia escrever uma coisa assim tão bonita. O professor disse que as pessoas que escrevem não precisam falar só dos fatos, podem inventar à vontade.

Estava lá no blog dela:

Cada vez que posso juntar dinheiro para pagar a internet, eu me sinto feliz e triste. Feliz porque poderei ler algumas coisas aqui, acompanhar alguns sites, mas daí vem o remorso, eu devia estar usando isso para estudar, é uma oportunidade de aprender algo. Fazer uma pesquisa mais demorada sobre algum assunto, porque lá na escola são poucos computadores para muita gente, e me sinto tão sem jeito na frente das pessoas. Isso é normal quando você usa o mesmo uniforme a semana inteira, e repete o tênis vagabundo durante o ano todo, e não tem nem um desodorante para usar, a minha vó me ensinou a cortar um limão pelo meio e esfregar debaixo do braço, eu faço isso e sinto a minha pele arder. Então, mesmo sem ter cheiro de suor, tenho vergonha de me aproximar das pessoas. Não abraço ninguém na escola, fico de longe ouvindo as meninas, e mais longe ainda dos meninos. Sei que é uma coisa feia o que vou escrever aqui, mas eu gostaria de ter nascido em outra família. Quando minha mãe chega do trabalho de noite, a minha vó já fez uma sopa qualquer, geralmente de feijão e macarrão, e tomamos a sopa com umas fatias de pão velho que a vó pega na casa de uma senhora para quem ela trabalha de diarista. Daí sinto vontade de chorar. Eu gosto de minha mãe e de minha vó, não posso falar o mesmo de meu pai, que só vem para casa no fim do mês, pois trabalha em outra cidade. Mas eu não chego a odiar meu pai. Posso dizer que gosto de minha família, mas também queria ter nascido em outra.

Quem ela pensa que é? Não pode ficar inventando essas coisas. Eu tenho, sim, desodorante em casa. Compro os melhores da loja, com desconto, porque sou funcionária. Olhe aqui minhas unhas pintadas. Sinta o cheiro desta colônia. Ela não podia fazer isso comigo. Eu não sou ela. Ela que fique lá com essa reclamação toda. Não vou mais entrar nesse diário idiota.

Durante duas semanas não fui à lan house. Com o dinheiro que economizei, comprei um desodorante bom no mercado. Ninguém mais me chamaria de Cheirosa. Ou só me chamaria de Cheirosa no bom sentido. Porque toda palavra tem um sentido bom e outro malvado.

Mas depois arrumei mais dinheiro e corri pros computadores alugados. O rapaz que atende me olhou de um jeito alegre. Será que ele estava sentindo minha falta?

Abri o blog e comecei a escrever:

Arranjei enfim um namorado que me compreende. Ele faz o curso de informática na universidade. Na hora do intervalo, ficamos namorando nos bancos dos corredores. A família dele mora em outra cidade, então ele veio este domingo almoçar em casa, e minha mãe fez meu prato preferido, stroganoff, com a batatinha palha preparada pela minha avó. Não bebemos álcool em casa, mas a mãe preparou um suco de laranja tão gostoso, ele elogiou a comida, e aí ficamos vendo televisão na sala. A mãe e a vó acharam alguma coisa para fazer na cozinha, foi uma tarde ótima. Eram umas quatro horas quando senti um cheiro bom de bolo de chocolate. Depois de uns minutos, a mãe trouxe um pedaço para cada um de nós, um pratinho em cada mão, o garfo se equilibrando na lateral, e falou que o bolo ainda estava meio morno, mas bolo morno é muito mais gostoso, e logo voltou com um copo de leite

gelado. Só se cuide para não engordar, o Pedro falou. Gosto de seu corpo assim, Magrona. E nós dois rimos. Eu tinha contado para ele o meu apelido e gostava de ouvir o jeito como ele pronunciava esta palavra, alongando a letra o: Magrooona.

Aposto que a outra não podia escrever nada tão bonito assim. O problema de algumas pessoas é que elas são frustradas, e daí ficam falando mal dos outros. Vou ignorar essa invejosa, eu disse para mim mesma, e na hora fui abrindo o blog dela. Notei que tinha outros seguidores. Olhei todos e, aliviada, vi que não conhecia ninguém. Imagine se alguma de minhas amigas descobre o que ela está dizendo de mim.

Veja o que ela inventou agora:

O pior momento é o final de semana. Tenho que ficar o tempo todo em casa. No sábado lavo minhas roupas e depois passo. É um acordo nosso: a mãe e a vó estão tão cansadas de trabalhar fora, de preparar nossa comida que não podem cuidar de minhas coisas. Se não lavei minhas roupas durante a semana, e eu geralmente não lavo, tenho que fazer isso no sábado. A vó então prepara o almoço, nós comemos e cada uma ajuda com a louça. Depois é a faxina na casa. Trocar lençóis, toalha de banho, disso a vó cuida, mas fico com dó dela e acabo ajudando um pouco. No domingo, a vó vai cedo para a igreja e depois almoça na casa de meu tio. Só volta à noite. Então, a mãe dorme até perto das cinco horas. Se tenho fome, vejo o que sobrou na geladeira, faço um mexidão de arroz e feijão com algum pedaço de frango ou de outra coisa do sábado. Quando a vó chega, ela traz sempre um pedaço de bolo da casa de meu tio e faz um café fresco, e esta é a melhor parte do dia. Assim, na segunda-feira de manhã eu vou para a escola com muita fome.

Na hora do recreio, corro para a biblioteca fazer algum trabalho. Estudar com fome parece que deixa a gente mais inteligente. Eu aprendo tudo o que leio.

É mentira! Ela não pode contar isso. Para quem eu vou reclamar? Não tinha nem terminado meu tempo na lan house, eu deixei o computador e saí chorando. Esbarrei na Karine, que estava atrás de mim, talvez me espionando.

Na outra semana, corri para abrir o meu blog e vi um comentário na minha última postagem. O primeiro comentário. Era anônimo:

Nós sabemos quem vc eh. Pare de mentir.

E apareceram dois seguidores no meu blog. Eu não conhecia nenhum deles, só podiam ser falsos. Na internet, a gente não conhece ninguém, não é verdade? As pessoas se escondem. Não quis nem ler o que eles escreviam.

Eu queria contar as últimas novidades. Eles iam sentir a minha força.

Saíram as notas do curso. Fiquei em primeiro lugar. A coordenadora me deu os parabéns. Mesmo trabalhando, eu me esforçava, não perdia nenhum tempo, e estava ali o resultado. Foram só elogios para mim. A sala toda me abraçou, dizendo que eu seria uma boa advogada. A professora daquela disciplina me falou na orelha: Só não deixe o namoro atrapalhar. E nós duas rimos. Eu falei na orelha dela: O amor só ajuda. E rimos de novo. Era verdade. Pedro e eu nos reuníamos para fazer os trabalhos, ler os livros, pesquisar. Os assuntos eram diferentes, mas ele ouvia as coisas que eu estava preparando para as aulas e eu escutava as dele, sem entender bem.

O importante não é entender o que o outro fala, o importante é querer entender. E isso eu queria. Ele começava sempre assim: Escute isso, Magroona. Eu parava o que estava fazendo e escutava. Depois, ele me dava um beijo como pagamento. Existe salário melhor?

Eu estava completamente apaixonada por Pedro. Por isso esses maldosos escreviam coisas contra mim. Quero que se danem!

Entrei logo no blog da outra. Ela já tinha muitos seguidores. Resolvi ler os comentários:

É bonito ver uma pessoa falando com tanta sinceridade de sua vida. Continue assim.

Não queria ler mais nada. Mentira agora era a mesma coisa que sinceridade? As palavras estavam mudando de sentido? O bonito então era acusar os outros?

Li mais um comentário:

A escola inteira apoia você.

Essa gente não sabia mesmo o que estava falando. Magrona número 1 devia saber tudo da minha vida, porque o que ela contava, com um pouco de exagero, era o que realmente acontecia. Mas eu não revelava isso a ninguém. Nem a mim mesma. Nunca eu ia contar, por exemplo, o que ela tinha postado esta semana:

Neste começo de mês, minha mãe proibiu meu pai de entrar em casa. Ele chegou com a mala cheia de roupa suja e deixou na porta. Todo mês era a mesma coisa. A mãe pegava a mala, lavava a roupa no sábado, depois acordava bem cedo no domingo, passava as camisas, as calças, até as meias e as cuecas dele. Daí ele ia ao

mercado, comprava carne, chocolates, cerveja e refrigerante, e ela preparava o almoço para nós. Eu gostava da visita de meu pai só porque teria um verdadeiro almoço de domingo. Mas dessa vez foi diferente. Ela jogou a mala dele no quintal, disse que não era para voltar mais, tinha cansado de ser escrava, que ficasse com as vadias dele, não aparecesse em casa. Minha vó saiu na hora da briga, foi para a casa de meu tio. A mãe ficou o sábado e o domingo dormindo ou chorando na frente da televisão ligada. Eu roí umas bolachas, comi um pão velho, bebi uns restos de leite. No domingo à noite, quando minha vó voltou, ela trouxe um sanduíche para mim e outro para minha mãe. Eu comi o meu rapidamente. A mãe ficou mastigando o dela, sem vontade de engolir. Olhava para a parede. A vó a abraçou e disse que tinha sido melhor assim. Vou sentir saudade dos almoços de domingo.

Toda sexta-feira eu me atrasava por causa do blog. Quando chegava em casa, a vó já tinha voltado para o trabalho, mas havia um prato de comida para mim no forninho. Eu comia e ia estudar ou dormir um pouco. Nessa sexta, eu chorei a tarde toda. Nem comi o arroz com feijão e ovo que a vó tinha preparado. Quando ela chegou, quis saber o que estava acontecendo. Eu tinha começado a namorar, disse para minha vó, mas ele arranhou outra. Ela me consolou. Os amores vão e voltam nessa idade. Não era para eu me preocupar. Mesmo assim, passei o final de semana mal. A vó resolveu não ir pra casa de meu tio e fez uma macarronada muito gostosa. A mãe acordou na hora do almoço e veio para a mesa com a gente.

Quando cheguei à escola, na segunda de manhã, as meninas vieram me contar. Todo mundo estava falando de mim. Que eu era uma

mitômana. Eu sabia mais ou menos o significado dessa palavra. Elas ainda disseram que a escola tinha descoberto os meus blogs, o da vida real e o da vida inventada, era sobre isso que se falava, das minhas mentiras. Eu nunca minto, foi o que disse para elas. E elas riram.

Ao passar pelos meninos no portão, eles disseram: E aí, Magroona. Alguém falou: Não foi trabalhar no shopping hoje? Corri para a sala de aula e sentei na minha carteira. Quando a turma toda entrou, eu fiquei só ouvindo uns risos, as pessoas conversavam umas com as outras, eu entendia parte das frases: curso de Direito, a melhor da turma e outras coisas. Como eles tinham descoberto? Karine. Só podia ter sido ela. Eu devo ter deixado as minhas páginas abertas na hora em que saí correndo.

No meio das aulas, alguém fazia para o professor uma pergunta irônica: O senhor acha Direito um curso muito puxado, professor? E a sala toda ria.

Não sei se foi para me defender, ou se foi por acaso, na aula de Biologia, o professor falou sobre a pergunta que o ser humano vem se fazendo desde que se tornou *Homo sapiens*: Quem sou eu? Essa é a grande pergunta, a essência de tudo, ele falou. Nós sempre nos questionamos sobre isso. E, se a pergunta é a mesma ao longo da história da humanidade, as respostas são as mais variadas. Daí ele deu algumas respostas dos filósofos. E depois de falar muito, sem que ninguém fizesse gracinha, ele terminou a aula dizendo que cada um de nós tinha o direito de ser quem era, de se transformar em outra pessoa e de inventar quantas identidades quisesse. Porque nós somos, ele disse, aquilo que imaginamos ser.

Era a última aula. Todos saíram em silêncio. Eu segui para a minha outra vida, leve e alegre. Queria contar logo ao Pedro a bela aula que tínhamos tido.

AUTOR E OBRA

O paranaense Miguel Sanches Neto é ficcionista e poeta. Escreveu, entre outros, os romances *Chove Sobre Minha Infância* e *Um Amor Anarquista*, os volumes de crônicas *Herdando uma Biblioteca* e de contos *Hóspede Secreto*, vencedor do Prêmio Cruz e Sousa de 2002. Também é autor de livros para crianças e jovens, como *A Cobra Que Não Sabia Cobrar* e *Amor de Menino*.



14 o garoto virtual *RAONIX*

Carlos vivia viajando para mundos distantes. O computador já estava fundido a seu corpo e tinha até nome: Fred.

– Ô, rapaz! Presta atenção no serviço! Olha a cliente esperando!

O pai de Carlos era um homem de pouca paciência, principalmente com o filho. Isso porque Carlos vivia viajando na maionese. A qualquer hora do dia ou da noite, fizesse chuva ou sol, o rapaz arrumava uma escapatória para mundos distantes, dormia de queixo na mão ou era pego contando os azulejos da parede. “Marmota”, “Bicho-Preguiça”, “Marcha a Ré” eram alguns dos apelidos que o pai de Carlos usava para o filho, carinhosamente. Carlos não se importava com a chacota, desde que o pai não ameaçasse vender o computador.

O computador já estava fundido ao corpo de Carlos, era sua mente e seu coração. Passava a noite atirado sobre sites e mais sites sem fim, ora paquerando meninas de outros países, ora detonando em algum videogame on-line. Às vezes ele sentia que podia viver apenas de computador para o resto da vida. Não seria difícil. Já sabia como pedir pizza, como comprar roupa, como ganhar dinheiro e até como praticar esporte sem tirar os olhos da tela. Seria o primeiro ser humano completamente imerso no espaço virtual. Integração total, homem e máquina.

Mas, se dependesse do pai de Carlos, Fred já teria sido vendido há muito tempo. Fred era o nome que Carlos tinha dado ao computador,

devidamente escrito com aerógrafo na lataria do monitor de dezenove polegadas. A única coisa que mantinha Fred em casa era a mãe de Carlos. Sempre que o pai ameaçava, dona Marta vinha em defesa do filho: “Deixa o menino, Romero, ele só tá se divertindo”. E assim Fred e Carlos seguiam em sua jornada rumo ao ciberespaço desconhecido.

Decidido a tirar o filho da lerdeza e certo de que não venceria a batalha contra Fred e dona Marta, o pai de Carlos o demitiu do serviço de caixa na loja e deu a ele um trabalho um pouco mais radical: office boy. Seu Romero acreditava no poder da selva de pedra para transformar um moleque mal-amanhado em um homem de verdade, forte, esperto e vigoroso, pronto para estapear a vida e jogar porrinha com a morte.

– Pega estes cheques e vai depositar. Vê se não demora, que já tenho outro serviço pra você.

O prédio ficava no Centrão. O sol também estava bem no pico, um farol incandescente raiando em noventa graus. Parecia que seu Romero havia escolhido o horário de propósito, para ver se um pouco de calor na moleira despertava o rapaz do seu sono de múmia. Com suas olheiras escuras e gordurosas, Carlos avançava pelo calçadão procurando os canais vazios no meio do fluxo de gente. Vez por outra apalpava os bolsos para se certificar de que não havia esquecido nada. “Colocou as passagens? Os cheques tão aí? Tome meio sanduíche, pro caso da fila do banco estar grande. Ah! e leve essa garrafa d’água, com esse sol é perigoso desidratar.” Se Carlos não tivesse reclamado, sua mãe teria feito ele levar até um guarda-chuva. “Nunca se sabe, com esse tempo maluco.”

Seguiu pelo calçadão saltando buracos de quase um metro, verdadeiras armadilhas. Tentando arrancar algum divertimento da situação, experimentou um salto diferente, meio cheio de pose, entre uma boca de lobo e um desnível. Aterrissou infalível do outro lado. Aquilo produziu em Carlos certa satisfação, o fazia lembrar dos videogames com seus obstáculos e desafios que exigem perícia e nervos de aço. Imaginou-se um Mario Bros, arriscou outros saltos, um caminhar mais acelerado. Passou a enxergar na multidão um imenso cenário virtual. As pessoas

agora eram terríveis rolos cheios de espinhos venenosos, pelos quais ele precisava se esquivar com toda a agilidade. Os cheques viraram pastilhas de energia que precisavam ser depositadas na câmara secreta para que o mundo fosse salvo. Por fim chegou à parada de ônibus.

Dentro do ônibus, Carlos cochilou uma, duas, três vezes. Sua cabeça pendia e só retornava à posição original depois de a testa quase experimentar a superfície macia da barra de aço do banco da frente. Pior foi quando seu pescoço resolveu experimentar a trajetória lateral. A senhora que vinha do lado já estava sentada com um quarto da bunda para fora da cadeira, o corpo pendido para o corredor, com medo dos voos rasantes que a cabeçorra de Carlos executava sem a menor prudência. Vez por outra, sempre ao chegar ao limite de uma acrobacia, Carlos acordava, com um gosto acre na boca, como se tivesse lambido o cabo de um guarda-chuva. Pelo corpo passava uma onda de calor, quase um calafrio às avessas. Olhava em volta desconfiado e sentia certa vergonha, pois tinha consciência da performance cabeçal, apesar de não poder controlá-la. Podia ver no rosto de algumas pessoas um risinho disfarçado.

– Segura o lençol – arriscou um sujeito atrás dele.

Mas o que interessa é que, entre uma pescada e outra, alguma coisa aconteceu na mente de Carlos. Nos intervalos entre estar consciente e estar sendo o motivo de chacota do ônibus, podia sonhar. Sua mente não apagava por completo. Ele podia visualizar janelas de bate-papo, barras de rolagem, teclas se afastando e se fundindo, textos sendo digitados, programas abrindo e fechando, inimigos feitos de pixel sendo derrotados e a barra de score aumentando. É comum que alguém que passou a noite tentando se fundir ao computador sonhe com parafernalias virtuais. A noitada virtual de Carlos passava inteira na sua frente em poucos segundos, então ele acordava e estava de volta ao ônibus. O que não é comum é o sujeito acordar do cochilo e ver que as pessoas do ônibus possuem pequenos balões saindo da cabeça.

Primeiro Carlos ficou assustado. Era como se o ônibus fosse uma enorme sala de chat. Tudo ficou mudo e ele podia ler o que as pessoas falavam em balões pixelizados. As falas iam surgindo letra por letra, como se estivessem sendo digitadas. De repente, uma exclamação dentro de um círculo vermelho surgiu no seu campo de visão com um som sintético alarmante. Era a senhora do lado dele, que havia tocado em seu braço e estava tentando entregar-lhe sua carteira, que havia caído no chão. A mulher abriu e fechou a boca como se estivesse dizendo algo, mas Carlos não ouvia. Então um balãozinho surgiu e a fala da senhora foi aparecendo escrita dentro dele: “Cuidado, meu filho, nunca se sabe a qualidade de gente que se encontra por aí”. Carlos tentou desentupir o ouvido com o dedo, então uma janela subiu no seu campo de visão: era uma janela de computador estreita e comprida com uma barra e um botão “play”. Carlos tentou alcançá-la com a mão e viu que era tangível, podia jogá-la para lá e para cá. Apertou o “play” e uma de suas músicas preferidas começou a tocar. Podia arrastar o cursor da barra e avançar ou retroceder a música. Podia também trocar de música. Todas faziam parte da playlist da sua cabeça, boas músicas guardadas no HD da sua memória.

Carlos ficou um tempo parado, ou melhor, paralisado. Tentou abrir e fechar os olhos, tentou beliscar as coxas, mas não era sonho. De repente, um “ping” sonoro e outro alerta em forma de exclamação. Dessa vez não era a senhora tocando em seu braço. Ela já havia mudado de lugar fazia muito tempo. Da mesma forma, o pessoal do corredor tinha aberto um espaço que os separava do banco onde Carlos estava e todos o olhavam de soslaio como se ele tivesse ficado doido ou estivesse com o tênis sujo de cocô. Carlos se desesperou, pois não sabia o que queria indicar aquele alerta. Foi quando olhou pela janela e viu uma enorme seta vermelho-berrante flutuando no ar em frente ao prédio do banco. “A parada!” Carlos levantou e puxou a cordinha em cima da hora. O motorista freou bruscamente. Algumas pessoas do corredor tentaram se agarrar umas nas outras para não cair. Carlos passou voando, pedindo licença. O

motorista estava irado e do seu balãozinho de fala pixelizado saíam vários símbolos: !@#\$%^&*()+.

Na rua, ele viu um caminho pontilhado luminoso no chão que serpenteava, atravessava o semáforo e parava na porta do banco. Não podia ouvir barulho de buzina, nem de motor, nem qualquer som, apenas a música do player de áudio. O caminho luminoso começou a piscar e um cronômetro vermelho mostrava uma contagem regressiva. Ele não estava entendendo nada. Então viu, justaposto ao cronômetro, um botão azul com uma interrogação no meio. Carlos apertou o botão e uma janela com um texto explicativo surgiu na sua frente:

O contador regressivo indica quanto tempo resta para que o usuário estabeleça conexão com o atalho. Se a contagem terminar antes que o usuário estabeleça conexão, o atalho sumirá e o FindYourWay buscará outro espaço entre a causalidade para definir um novo atalho seguro e veloz.

Carlos não entendeu o que significava o atalho, mas deduziu que seria ruim deixar o cronômetro chegar a zero. Então correu o mais depressa que pôde. O semáforo estava na iminência de fechar, porém ele procurou esquecer esse detalhe e olhar apenas para o cronômetro. Enquanto corria, teve uma sensação estranha: de repente sentiu que podia deixar suas pernas no piloto automático e fazer outras coisas ao mesmo tempo. Era como navegar na internet enquanto se edita uma foto, aguarda um e-mail, ouve uma música e espera um filme carregar – tudo podia ser feito ao mesmo tempo. Decidiu trocar a música para um rock pesado que combinasse melhor com a adrenalina do momento. Em seguida, passou bem perto de um grupinho de meninas, só gatas, e pensou que queria ter o e-mail delas: de pronto outra janela apareceu com o nome de cada garota, seu endereço real, escola em que estudava e o e-mail. Ele experimentou mais a brincadeira e pediu para o programa perguntar qual a cor da calcinha que elas estavam usando. O programa respondeu

de imediato, mostrando cor, modelo e tamanho; se ele quisesse, poderia até requisitar um *snapshot* da peça em uso. Só então ele entendeu o que estava acontecendo. Qualquer informação, qualquer necessidade que tivesse para sua vida estava ali a um clique. Era só digitar mentalmente o que queria achar e uma ferramenta de busca poderosa encontraria. O banco de dados era o mundo inteiro, cada ruela e buraco dele estava ali pronto para ser explorado.

Quando o passeio terminou, havia aberto tantas janelas que uma mensagem amarela apareceu:

Memória insuficiente. Por favor, feche alguns aplicativos.

Limpou sua área de trabalho e viu que estava parado em frente à porta do banco. De fora viu que a fila estava gigante. Trocou a música do player para uma mais tranquila e preparou-se para enfrentar horas de pé. Ao atravessar a porta, levou um baita susto: uma janelinha pop-up apareceu, seguida de uma sirene alta da polícia.

– Por favor, senhor, celular, chaves, guarda-chuva e outros objetos metálicos na caixa.

Era só o guarda do detector de metais. Ele olhou para Carlos com suspeita. Carlos retirou seu celular da pasta chamada bolso e apertou em “Enviar”.

Aproveitou o tempo na fila para pôr ordem na sua área de trabalho. Jogou algumas inutilidades na lixeira, organizou os arquivos por ordem alfabética e criou uma pasta para coisas interessantes. Ainda não estava completamente acostumado com os ícones voando na sua frente. Tinha de fazer um esforço enorme para olhar para eles discretamente, evitando que as pessoas o achassem um maluco. Acessou a pasta “Meus documentos” por curiosidade e descobriu que lá estavam os arquivos de toda a sua vida, tudo em forma de textos, fotos e vídeos. Aproveitou e deletou uma pasta chamada “Primeiro beijo”, assunto traumatizante, o qual não queria acessar de novo. Navegou pelas memórias boas, que se

resumiam basicamente a: “Meu primeiro videogame”, “Vitória no campeonato da lan”, “A menina dos meus sonhos” e até uma pasta chamada “A primeira vez que zerei ZombieFighter no modo Very-Ultra-Mega-Hard”.

Só havia um caixa atendendo e a fila parecia não andar. Carlos pensou: “E se eu pudesse compactá-la?”. Abriu a lista dos programas disponíveis e lá estava o compactador de arquivos. Selecionou todas as pessoas da fila com um arrastar das mãos, bem discretamente. Não percebeu, mas o guarda do detector de metais estava de olho nas suas esquisitices havia algum tempo. Carlos clicou no botão “Compactar” do programa e o que viu em seguida foi lindo. Uma barra de progresso se abriu no canto superior direito da sua visão. De repente, mais dois caixas surgiram e passaram a atender os clientes em ritmo frenético, fazendo a fila andar depressa. Além disso, algumas pessoas sentiram de repente uma grande vontade de ir embora e saíram da fila, fazendo-a encolher como um jogo de Tetris na horizontal. Uma janela de conclusão se abriu. Carlos fechou o programa e a fila estava bem menor que antes, devidamente compactada. Agora ele se dava conta de mais uma faceta do seu novo dom. Podia não só acessar qualquer informação do mundo real, como também alterar a realidade.

Contudo, mal Carlos pôde começar a pensar nas maravilhas que aquele novo estilo de vida só traria e um alerta gigante pipocou na sua cara. Era uma janela nada discreta, com faixas listradas em preto e amarelo nas laterais, além de uma enorme exclamação vermelha em um dos cantos. O barulho do alerta sonoro era quase ensurdecedor. Acima da janela, uma sirene como a dos carros da polícia jogava luzes laranja e amarela na área de trabalho de Carlos. Ele sabia que se tratava de um programa antivírus, mas não imaginava o que era o vírus ou onde estava. Carlos tapou as orelhas e olhou em volta. Entrava pela porta principal do banco um sujeito corpulento e uma exclamação vermelho-berrante piscava sobre sua cabeça. Com um pouco mais de imaginação, Carlos deduziu que era um bandido. Sim, senhor, um bandido, provavelmente armado e

pronto para tomar o banco de assalto. Estranhamente, sobre a cabeça do guarda da porta giratória havia uma exclamação igual. “Terá ele facilitado a entrada do bandido?”, pensou Carlos. Na janela do programa antivírus havia a seguinte informação: Relatório da ameaça: Nome do vírus: Homem Armado.

Ações de combate: – Mover para quarentena – Deletar o arquivo – Ignorar

Carlos sabia que podia fazer alguma coisa e não queria simplesmente ignorar a ameaça. E se deletasse o arquivo? Será que o bandido morreria? Ele não queria arriscar, afinal tratava-se de um ser humano e não de um amontoado de bytes. Restava apenas uma opção: Carlos apertou o botão “Mover para a quarentena”, mas não funcionou. Talvez os dados do programa não estivessem atualizados. Então uma gritaria se espalhou.

– É um assalto, todo mundo deitado!

Carlos quase esqueceu de se deitar, procurando o botão de atualização do antivírus. O assaltante estava com duas armas, uma apontada para o caixa e a outra para os clientes. Carlos achou o botão e o antivírus começou a baixar da internet os novos dados. Mas a conexão estava lenta e a coisa parecia que ia demorar. Então teve uma ideia que poderia retardar o bandido: buscou no sistema do banco a pasta onde estava o dinheiro, clicou com a mão direita sobre ela e escolheu a opção “Ocultar”. Quando o bandido chegou ao cofre, não enxergou dinheiro algum. Isso só o deixou com mais raiva. O bandido agarrou uma funcionária e a fez de refém. Ameaçou atirar nela se ninguém dissesse onde estava o dinheiro. Mas ninguém entendia o que estava ocorrendo, nem os funcionários sabiam o que havia acontecido com o dinheiro. Por um momento o bandido olhou para seu cúmplice, o guarda do detector de metais, com uma expressão de “Que merda é essa?”, só que o guarda também não sabia o que se passava. Com isso Carlos ganhou um bom tempo, mas a barra de atualização do antivírus ainda não estava completa – faltava um terço do total. A cada minuto que se passava o

bandido ficava ainda mais furioso, até que começou a contar até dez, jurando que ia atirar na moça ao final. Carlos procurou, desesperado, a pasta do dinheiro para torná-la visível novamente. Foi quando o bandido o viu fazendo gestos no ar.

– Ei, você! Deixa de graça e enfia essa merda dessa cara no chão!

Nessa posição, Carlos não conseguia procurar a pasta do dinheiro.

O bandido retomou a contagem, que havia parado no quatro. Carlos tentou encarar o fato de que uma mulher inocente ia morrer porque ele tinha resolvido brincar com a realidade.

– Seis.

Desesperou-se e forçou seus neurônios para encontrar uma solução. Olhou novamente para o botão “Deletar o arquivo”.

– Sete.

Foi nessa hora que ouviu um “ping” confirmando o fim da atualização do antivírus. Levantou-se para poder visualizar a janela do programa e clicar na opção “Mover para a quarentena”. O bandido viu Carlos levantar e disparou: “Tou!”.

Carlos havia fechado os olhos por reflexo, tamanho o barulho do disparo. Quando os abriu novamente, o bandido estava se contorcendo no chão. Felizmente, Carlos havia conseguido apertar o botão do programa antivírus a tempo, e outro segurança do banco disparou contra o bandido, atingindo-o no braço.

A polícia chegou logo em seguida. A moça estava bem. O disparo do bandido não havia sido contra ela. Carlos olhou para seu corpo esperando pelo pior, mas o bandido havia errado o tiro. Procurou os ícones no seu campo de visão, porém haviam sumido. Tinha perdido seu dom.

Passaram-se alguns meses. Quando soube o que havia acontecido com o filho no seu primeiro dia como office boy, a mãe de Carlos decidiu que aquele não era serviço para ele. Fez o marido investir num sistema de informática para a loja e colocar Carlos para coordenar essa parte do negócio. O filho agora dividia sua vida virtual com a real, pois, enquanto

checava os estoques e balanços financeiros para o pai, podia navegar na internet, jogar um videogame e ouvir música.

Assim, Carlos perdeu a vontade de passar as madrugadas conectado e passou a dormir mais. Até suas olheiras haviam diminuído. Mas não era esse o único motivo de sua atual perda de ânimo pela internet. Carlos se lembrava daquele dia maluco e, apesar do susto que havia levado, sentia vontade de ter aquele poder novamente. Agora, navegar na internet usando mouse e teclado parecia muito sem graça. Ele queria de volta a capacidade de descobrir a cor da calcinha das meninas, de ouvir suas músicas preferidas na cabeça, sem precisar de fones, de compactar uma fila de banco. Será que tudo não havia passado de alucinações por causa do excesso de computador? Não havia como saber. O dom que surgiu de repente também sumiu de repente. Para ele, tinha sido tudo de verdade. E ficaria firme na sua convicção, até o dia em que pudesse tornar aquilo real novamente, fundir-se ao mundo virtual, homem e máquina totalmente integrados.

* * *

AUTOR E OBRA

Nascido na Paraíba em 1984, Raoni Xavier Lucena é ilustrador e quadrinista. Escreve contos desde 2004 e participa do Clube do Conto da Paraíba desde 2005. Atualmente escreve um livro de contos e dá vida a seus personagens Sirici e Lila (www.sircielila.com.br).

Contate o autor pelo e-mail: raonix@hotmail.com



15 um CORAÇÃO ACELERADO *Roberto* *MENEZES*

Na foto do perfil do Orkut, um rosto bonito, tatuagem no braço, uma estrela... Mas, quando ela consegue contato com ele pelo MSN, acaba seu tempo pago na lan house...

* * *

Conheci Vítor hoje à tarde. Aproveitei os quinze minutos de Clara, da meia hora que ela pagou na lan house da Praça Central. A gente veio ao Centro pagar o crediário pra minha mãe. Clara queria ver os e-mails, coisa que não fazia havia uma semana.

Agora, aqui na lan house, enquanto Clara lê um e-mail enorme de uma amiga que foi morar em Cuiabá, eu, ao seu lado, escuto o choro suave de “Revelação” em meu MP3, ainda tentando esquecer Paulo, aquele safado. Mas vamos deixar Paulo pra lá. No fundo a culpada fui eu. Entre um sambinha e algumas lembranças, sou agraciada com o tempo que restou de Clara. E entro na net ainda sem saber da existência de Vítor. Se eu soubesse, não perderia o tempo que vou perder com outras coisas.

Sou rápida. Quinze minutos é quase nada, ainda mais nesta lan house do Centro, com net mais lenta do que meu pensamento.

No Hotmail, besteiras, só correntes e propaganda de coisas que não posso comprar. No MSN, só meu primo Caio e meu professor de Geografia. Caio me manda dois links, vídeos do YouTube. Chato! Meu professor, nunca falei com ele. Só adicionei por adicionar. Fecho o MSN.

Abro o Orkut, treze scraps. Respondo a quase todos. Pronto! Tenho dez minutos. Nove. O relóginho desta lan house até que é bem engraçadinho.

Paulo me vem à cabeça. Que merda! Só me apaixono por cara sem-vergonha. Quase caio na tentação de ir ao perfil dele.

– Não e não – digo a Clarinha.

Aperto “Home” (tenho que mudar a foto do meu perfil) e entro na comunidade *O Destino se Encarrega*, gosto do pessoal de lá. Nem entro no fórum, vou direto, confesso – tenho esse costume: quando entro em uma comunidade, vou logo olhar as fotos dos membros que aparecem na página. Das oito fotos, é na de uma menina ruivinha – o nome dela é Bebel – que clico. Cara de desaforada. Quero ver as fotos dela. Vejo as fotos. Fotos banais de uma menina banal. Se acha. Vou aos scraps dela, o primeiro é de um menino.

– Ai, Jesus! Olha, Clarinha!

Que rosto bonito! Que tatuagem no braço esquerdo! Uma estrela. O nome dele é Vítor. Ele diz pra ela que não vai no fim de semana, sei lá pra onde. Vou correndo ver as fotos dele, todas sem camisa, numa praia, com uns amigos, parece surfista, mas acho que não é; é branco demais pra ser surfista; espero que não seja surfista. Leio as duas páginas de scraps dele. Que menino lindo! Olhos verdes, queixo rachado. Tomo coragem e mando um scrap pra ele:

tou te adicionando, tá?

Falei assim, toda afobada. E quando clico em “Home”, depois de olhar pro relóginho da lan house em três minutos, uma grande surpresa: tenho agora 4.052 scraps, um a mais. Será que é Vítor? Não pode ser. Sim, é Vítor! Quando clico, meu coração a mil, já sabia. Vítor diz:

com todo prazer, vc tem MSN?

– É ele!

Respondo ali mesmo, dou meu Hotmail pra ele e saio correndo pro cantinho do Windows pra abrir o maldito Messenger, que eu tinha fechado quase agora. Clico errado e abre a janela da data. Aff! Agora, sim, aperto o bonequinho verde e boto o meu e-mail e senha. Pronto! Surge a janelinha de Vítor pedindo pra que eu o aceite como amigo.

– Ele é rápido, viu?

Sim, aceito! Eu digito “oi”. Ele fala “oi”. Só isso, porque o relógio zera. A tela do Windows é trancada. Aparece o símbolo da lan house. Acabou o tempo. Ai, meu Deus! Não tenho mais dinheiro; Clarinha também não. Que ódio!

Vou pra casa apressada. Catar algum real. Mas é tudo correndo contra mim. O ônibus não passa. E, quando chega, demora uma hora em cada parada. Só pra implicar comigo, tem alguém pra subir. Sei que nem estou certa em dizer isso, mas fico com raiva de uma senhora que leva um milênio pra descer.

Meu coração bate a mil. Clarinha reclama de fome. Eu quero lá pensar em comida?

– Estou apaixonada outra vez. Eu e Vítor, a gente percorreu um caminho longo pra se encontrar; estamos predestinados um pro outro. É muita coincidência, ele respondeu rápido, deve ter gostado das minhas fotos. Foi bom ter escondido a barriga. Talvez ele não goste só de meninas de barriga sequinha. Mas vai dá tempo de secar a barriga até eu encontrar com ele pessoalmente. Nem que eu passe fome, vou seguir a dieta de Bárbara; daqui até encontrar com Vítor, vou tá um avião.

Clarinha só ri do que eu falo. Ela não curte muito a internet. Só usa o e-mail, nem tem Orkut. Mas Clarinha tem namorado, eu não. E, pelo que sei, Rafael não é safado que nem Paulo. Vai todo dia à casa dela e assiste à novela das sete. Ele não é de sair nos finais de semana com os amigos.

– Será que Vítor é de farra que nem Paulo? Pelas fotos, pode até ser, mas as fotos enganam, né, não? Mas bonito ele é. Agora é torcer pra que ele tenha um recheio bom, que goste do que eu goste. Nem deu tempo de

ver a idade dele! Será que é velho demais? Não, não parecia. E onde deve morar? Espero que perto. E se for no outro lado do Brasil? E se ele tiver namorada? Nem vi se era solteiro. O que ele deve tá fazendo agora? Eu caí assim, do nada, só deu pra eu dá oi.

Clarinha, ao meu lado no ônibus, tenta me acalmar, mas não consigo. Tenho que entrar na internet urgente! Vítor pode neste exato momento estar conversando com outra menina que tenha internet em casa ou um notebook que pegue sem fio.

– Por que o mundo é injusto, hein, Clarinha? Tem menina que fica ligada o dia todo. Tem internet até no celular. Eu, nem crédito no meu tenho. Preciso ficar dando toque pro dos outros. Na hora da briga, Paulo veio me dizer que não conseguia falar comigo. Me chamou de lisa, imagina, amiga! Quem é Paulo pra falar de mim? Quando a gente saía, eu tinha que pagar a minha parte. Aff! Além de safado, a educação dele passou longe. Pirangueiro que nem ele não tem, não. Só pensava em sair pra comer. Espero que Vítor não seja assim. Pelo jeito, não. E que ônibus demorado pra chegar, hein? Já vai dar sete horas. A lan house de Marquinho fica aberta até que horas, Clarinha? Sete?! Ai, meu Deus, e agora?

Clarinha pede calma, o mundo não vai acabar.

– Calma? Como posso ficar calma? Faz quanto tempo que a gente saiu de lá? Vinte minutos? Em vinte minutos, quantas meninas já deram em cima de Vítor? Ele tem cara de passar a tarde toda na internet. As meninas têm webcam, microfone, quarto só pra elas.

Clarinha me chama de doida. Ignoro. Tento encontrar uma solução.

– Já sei, Paulo tem internet em casa! Mas ele só pode entrar depois da meia-noite.

Clarinha dá uma gargalhada e diz que é doidice minha.

– Loucura, Clarinha? Quero nem saber. Vou lá na casa dele. Sim, à meia-noite. E não é o que você tá pensando, não quero ficar com Paulo na casa dele até meia-noite pra fazer nada com ele, não. Paulo é caso

passado, a fila anda. E ele mesmo disse que queria continuar a ser meu amigo. Então, ele vai entender.

Clarinha discorda.

– Vai, sim, Clarinha, parece que você tá torcendo contra. Tenho que correr atrás do prejuízo. Se eu tivesse um namorado como Rafael, não tava tão desesperada assim. Mas nesta cidade encontrar um menino que nem Rafael é difícil, você teve sorte. E não me venha dar uma de pabulosa agora. Não sei como vocês ficam mais de dois dias sem se falar, é muita confiança. Nem celular você tem. Clarinha, parece que você nasceu no século passado!

Clarinha olha pra mim como se dissesse: “Sua lesa, eu nasci no século passado. E você também”.

– Ah, não sou tão burra assim. É claro que nasceu no século passado. Mas entendeu o que quis dizer? Parece que você ficou lá. Você nunca se perguntou o que Rafael tá fazendo agora? Eu aposto que tá lendo um livro. Ele adora livro. Não sei como ele tem paciência pra ficar deitado e ler aqueles livros gigantescos. Tentei ler *Harry Potter*, mas é grosso demais, e vai ficando mais grosso. Você já viu a grossura do último? Ah, claro, é claro que já leu, só pra agradar ao teu Rafaelzinho. Você não me engana, amiga.

Clarinha me dá um sorriso e tenta compreender meu nervosismo.

– Só vou me preocupar em ler esses livros quando tiver namorado fixo. O tempo que se perde lendo um livro é uma eternidade. Não sei como você aguenta.

Ela faz cara de prazerosa. Tenta me lembrar que um livro é sempre melhor do que os filmes.

– Prazer? Não venha com esse papo. Vou te dizer o que dá prazer: é ler scraps dos outros, entrar nas comunidades só pra ver os barracos. Ah, Clarinha, vai dizer que você não gosta de fuçar as fotos daquelas amostradas do colégio? Ah, esqueci que nem Orkut você tem. Você não existe, Clarinha! Vou ligar pro Paulo, sim. E pior que tô sem crédito.

Dou um toque. Dois. Desgraçado. Deve tá com outra estas horas. Três toques, é o último, prometo. Lá vem a nossa parada.

Clarinha puxa a cordinha do ônibus, e eu quase caio quando ele para. A gente desce correndo.

– Vamos ver se Marquinho tá aberto. A gente pede pra pagar amanhã. Você conhece ele mais do que eu. Rapidinho, bora, Clarinha. Rafaelzinho espera. Tá bem. Essa tua novela, você não pode perder por nada, hein? Tchau, amiga. Amanhã te conto tudo. Podexá. Brigada.

Não tenho sorte, mesmo. Marquinho está fechado. E nem são sete. Fechou antes das seis, disse o cara da farmácia. Calma, tenho que respirar. Vítor está lá. Não vai fugir. Não vai cometer orkuticídio. Acho que ele nem está logado. É hora da janta. Deve estar comendo na sala, talvez vendo a novela, se for que nem Rafael. Espero que seja. Calmaaaa. Calma nada!!!

O celular me salva.

– Oi, Paulo, você tá onde? Vai, Paulo, sério. Tô em frente à lan de Marquinho. Preciso falar contigo. Adiantar o quê? Preciso fazer um trabalho no teu computador. É, da escola. Quebrado? Deixa de conversa, cara. É sério! Hein? Verdade mesmo, Paulinho? Mas não era novo? Que azar! Hoje tá brincadeira. Então tá, né? O que você anda fazendo? Trabalhando?! Que novidade, Paulinho! Desde quando? É, faz tempo que a gente não se vê, né? De vez em quando entro no teu Orkut, mas você não tá usando muito, não, né? E a galera? Você... caseiro? Só falta querer me dizer que virou pastor. Quem não te conhece que te compre. Não vem com essa, não. Tô sem crédito, o bônus foi embora logo de manhã. Se fosse mais cedo, a gente podia conversar. Moto? Não acredito, menino, você comprou uma moto? Que emprego é esse? Quero ver. Vem cá agora! Faz assim: vou em casa, tomo um banho e aí você passa por lá. Tá certo assim? Beijo, seu safado, não pense que eu te perdoei, não, viu?

Vou a passos largos pra casa. Tomo banho, me arrumo toda e espero Paulinho. De moto, eu vou achar uma lan house aberta até do outro lado da cidade. Minha mãe está bem-humorada, me dá dinheiro de sobra. É

bom assim: é certo que Paulinho me cobre a gasolina. Estou tão ansiosa que até rejeito a sopa maravilhosa da minha avó.

Paulo chega e já quer me dar um beijo.

– Peraí, Paulinho. E aquela história de ficar amigo? Só quero uma carona, tá? Já me arrependi de ter te chamado.

Ele faz aquela carinha de gato molhado. Ai, Paulinho, Paulinho...

– Vamos achar uma lan house aberta – ordeno.

Pra se amostrar, ele dá uma arrancada que quase me derruba da moto. Eu agarro forte na cintura dele. Acho que foi a intenção da tal acelerada. Quando dobramos a esquina, debaixo da luz forte do poste, vejo uma tatuagem no seu braço.

– Que tatuagem é essa?

Lembro de Vítor – na verdade, lembro da tatuagem de Vítor, não era tão bonita quanto a de Paulinho. Paulinho é bem mais bonito que Vítor. Ele está caseiro mesmo? Aperto bem forte quando o motor ronca na reta da avenida e quero que o tempo demore a passar, não pra que Vítor não fuja, mas pra sentir o coração de Paulo batendo. Preciso respirar, preciso respirar. O tempo passa tão rápido que não dá nem pra pensar. Eu sei que Paulo ainda gosta de mim. Ele está aqui. Vítor nem sei onde. De Vítor, só umas fotos e um oi abortado. O coração de Paulo bate como uma conexão lenta de internet, sem pressa de descarregar o arquivo. E esse toque me deixa feliz por dentro. É um sentimento tão forte que me desacelera por dentro e me acalma. É aquela coisa especial que só o silêncio entende. Vou me acalmando e encostando a cabeça no braço tatuado.

Quando a moto se perde na estrada, tenho uma vontade gigantesca de assistir à novela das sete, de ler *Harry Potter*. E, é claro, com Paulinho ao meu lado. Será que ele topa?

– Tá com fome? – pergunto aos gritos.

Paramos e comemos um hambúrguer. Na hora da conta, quando eu estava pra pôr a mão no bolso, ele interrompe: – Não, Andreia, deixa que eu pago.

Olho pra ele e dou um abraço. Foi a primeira vez no dia que ouvi alguém falar meu nome.

– Volto pra você, mas promete, promete ser menos safado.

Voltamos, voltamos também pra casa. Combinamos sobre amanhã, depois e depois de amanhã. Paulo, com certeza, mudou nesses dias em que estive sem ele. E eu acabo de perceber que também mudei, entre uma batida e outra do coração safado de Paulo.

* * *

AUTOR E OBRA

Pernambucano radicado na Paraíba, Roberto Menezes tem dois romances publicados: *Pirilampos Cegos* e *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa*. É membro ativo do Clube do Conto da Paraíba e professor adjunto de Física da Universidade Federal da Paraíba.

Veja mais e contate o autor em: www.betomenezes.biz
www.betomenezes.tumblr.com (com aforismos poéticos)



16 ligadão *Rogério Andrade barbosa*

Virar um “ligadão” pode ser um problema e tanto, como virar um monstro, um zumbi...

* * *

I

Desde que me entendo por gente passo a maior parte do tempo grudado ao computador. A primeira coisa que faço ao levantar é ligar o meu notebook pra ver se alguém deixou uma mensagem.

Sou vidrado em blogs e fotologs. Tenho páginas no Orkut, no Facebook... Sigo todo mundo no Twitter e mantenho altos papos pelo MSN e pelo Skype com internautas do Brasil e do exterior. Pena que o meu inglês seja fraco. Já perdi grandes oportunidades nas redes de relacionamento por causa do meu monolinguismo. Se bem que arranho um portunhol. Matado, é verdade, mas dá pro gasto.

Tô sempre com um fone no ouvido, ligado, ouvindo música sem parar no iPod. O som das minhas bandas favoritas me acompanha na rua, na praia, no metrô... E também quando estou estudando, lendo, fazendo ginástica, correndo, andando de bicicleta.

Celular, então, é como um cordão umbilical que não foi cortado. Não me desgrudo dele por nada. É a minha segunda pele. Sem ele, não sou ninguém.

Quando estou na escola, aciono o vibrador, de modo que possa ver quem me ligou ou passou uma mensagem. É lógico que os professores não gostam e nem entendem essa nossa fissura tecnológica.

Um deles, inclusive, recolhia os nossos aparelhos antes de entrarmos na sala de aula. Acabou transferido depois que, orientados pelo pai de um colega, que é advogado, fizemos um abaixo-assinado protestando contra a arbitrariedade e o desrespeito aos nossos direitos.

Espectadores de cinema também são uns chatos. Tem sempre alguém para reclamar quando verifico as mensagens que recebo incessantemente.

– Desliga! – chegam a gritar alguns, sentindo-se incomodados pela luz que emana da tela.

Geralmente são pessoas mais velhas que não conseguem se adaptar às novas tecnologias. Fingem não perceber que pertencemos a uma geração

bem diferente da deles.

Psicólogos, então, são os piores. Dizem que somos inseguros, que levamos mais tempo para amadurecer, crescer *etc.* e tal. De acordo com uma dessas sumidades, o acesso perpétuo aos nossos pais, amigos e parentes acaba nos deixando infantilizados, prática que nos leva a permanecer num estado de dependência permanente, blá-blá-blá...

Segundo eles, ainda, por esses e outros “desvios de comportamento”, ficamos impedidos de descobrir por nossa própria conta o que fazer e decidir da nossa vida. Quer dizer, pura teoria de quem não tem mais o que escrever.

Sabem de uma coisa? Tô me lixando pra todo mundo!

Somos de outro planeta mesmo. Não temos a pretensão de querer mudar o mundo. Eu e a maior parte dos meus amigos não tamos nessa de protestar ou ir à rua para nos manifestar, como, segundo os meus pais, ocorria em outras épocas. Não acreditamos que podemos derrubar governos nem fazer grandes mudanças sociais dessa forma. Lutar pra quê? Por quem? Por qual causa? Nada vai mudar mesmo.

Tenho consciência de que não nasci pra ser herói ou mártir de qualquer causa. Tô fora de movimentos e grêmios estudantis, passeatas ou qualquer outro tipo de manifestação.

Adoro mesmo é navegar pela madrugada adentro trocando ideias com a minha comunidade de internautas.

Os meus pais não se preocupam com a minha compulsão pela parafernália midiática. Preferem que eu passe boa parte do dia enfurnado no meu quarto a ficar na rua de bobeira, sujeito às “más influências”, ou então a que eu seja vítima da violência urbana, das balas perdidas, dos sequestros. Enfim, padecem daquela paranoia típica de quem vive em cidade grande.

II

De uns tempos pra cá, percebi, APAVORADO, que estou ficando surdo! Os primeiros sintomas foram zumbidos que me deixavam atordoado, como se um enxame de abelhas ruidosas tivesse invadido minhas orelhas.

A primeira pessoa a notar o problema foi uma das minhas professoras. A princípio ela implicava comigo, achando que eu não estava prestando atenção na aula.

– Hein? O quê?

Era assim que eu respondia, feito um nerd.

Na verdade, eu não conseguia ouvir direito o que ela estava falando. Nem ela nem os outros professores. E, gradativamente, os meus colegas. Pra piorar a situação, passei a ignorar os apelos angustiados de “passa a bola, passa a bola”, na hora do futebol, e até o apito do juiz. Resultado: fui apelidado de “surdinho”!

A primeira reação dos meus pais foi a de me levar a um médico otorrino, pra ver se eu estava com cera na orelha.

O especialista, depois de me examinar durante “horas intermináveis”, diagnosticou que eu apresentava perda auditiva considerável, causada provavelmente pelo meu hábito de ouvir música em altos decibéis.

– Quer dizer que não vou poder mais curtir um som? – perguntei, angustiado, com a péssima notícia.

– Depende, desde que seja com moderação. Você sabia que o hábito de ouvir música em altos decibéis equivale praticamente ao barulho produzido por uma britadeira? – explicou o sabe-tudo de jaleco branco.

Saí do consultório com a recomendação de que evitasse o máximo possível a exposição prolongada a qualquer som alto. Como? Só se eu me trancafiasse numa cápsula submarina.

Quem disse que eu segui os conselhos do médico? Ao contrário, passei a aumentar o volume do som o mais alto que podia, de modo que conseguisse escutar as minhas músicas favoritas.

Não deu outra. Em pouco tempo fiquei completamente surdo. Perda de audição total, conforme o diagnóstico que recebi.

III

Com a minha surdez, passei a ficar ainda mais dependente do computador. Ali, pelo menos, conseguia me manter conectado por meio da escrita. Escrita essa criticada pelos professores. Não entendiam que quando estamos na rede não dá pra escrever de acordo com as regras gramaticais. E que a nossa linguagem cifrada ou abreviada das palavras é a forma que utilizamos para dar maior agilidade às nossas conversas virtuais.

Nem tudo é perfeito na vida. Não demorou para que eu começasse a apresentar os primeiros sinais da síndrome da visão do computador.

De acordo com uma pesquisa que fiz no “dr. Google”, eu apresentava todos os sintomas da doença, ou seja, dores de cabeça, vista embaçada, cansaço ocular e desconforto permanente no pescoço.

Aliás, esqueci de dizer que sou um hipocondríaco virtual. Daqueles que, em vez de procurar um médico, ficam fuçando obsessivamente nos sites em busca de informações sobre saúde, pra qualquer mal-estar que sintam. Assumo que sou mesmo um cibercondríaco. Obsessivo, quase maníaco.

Só que dessa vez o meu problema era real. A síndrome, de acordo com o oftalmologista que eu consultei, atinge noventa por cento das pessoas que ficam mais de três horas por dia em frente ao computador. Três horas? Isso não era nada para mim, acostumado a ficar um dia inteiro com a cara encostada no monitor. Encostada mesmo, pois, à medida que a minha visão piorava, mais eu aproximava o rosto da tela do computador. Foi assim que fiquei cego, envolto na mais sinistra escuridão.

Fui me fechando cada vez mais. Como não ouvia, fui perdendo, aos poucos, a fala. A partir daí, passei a me comunicar através de grunhidos, como se fosse um homem das cavernas.

Os meus dedos, após “séculos” ao teclado, se atrofiaram, vítimas de uma galopante e dolorosa artrose. Logo ficaram retorcidos que nem as garras de uma ave de rapina. A situação se agravou quando a minha coluna, depois de tantos anos de má postura, começou a dar sinais de falência. Para enganar a dor, o meu corpo de dezesseis anos se encurvava para a frente, enrijecendo-se como o de um velho de noventa anos.

Revoltado, passei a me recusar a tomar banho e a cortar o cabelo. Cego, surdo, mudo, corcunda, imundo, cabeleira desgrenhada, atormentado... Eu havia me transformado em um monstro, em um zumbi, em uma alma penada, condenado a vagar eternamente entre as sombras do meu pesadelo.

IV

Esse foi o trabalho que eu entreguei à professora de Português, de acordo com o tema que ela havia solicitado: “Como a moderna tecnologia influi no comportamento dos jovens de hoje”.

Pensei que ia tirar uma boa nota. Afinal, eu tinha copiado a maior parte do texto, descaradamente, de matérias tiradas da internet. Que nada! Os meus pais foram chamados à escola e orientados a me encaminhar o mais cedo possível a um psicólogo...

* * *

AUTOR E OBRA

Nascido em Campo Belo, Minas Gerais, por onde passavam os pais dele na hora, e carioca de coração, Rogério Andrade Barbosa é professor, escritor e contador de histórias. Boa parte de sua obra, baseada em sua experiência como voluntário das Nações Unidas em Guiné-Bissau, África, aborda a temática africana e afro-brasileira. Publicou mais de oitenta livros, alguns traduzidos para o espanhol, inglês e alemão. Recebeu diversos prêmios, entre eles o da Academia Brasileira de Letras de literatura infantil e juvenil de 2005.

Veja mais e contate o autor em: www.rogerioandradebarbosa.com



17 game over *ROSA AMANDA* *STRAUSZ*

Não adianta pedir, apelar, nada. Quando a maquininha diz "game over" é o fim. O que rolou, rolou; o que não rolou...

Sou nerd, sim, e daí?

Não entendo a implicância. nerd não perturba ninguém, não faz barulho, nem fala muito... Mas sofre. Ah, se sofre.

Hoje mesmo eu tive que encarar uma zoadinha estúpida do Otacílio, que se acha o máximo. Nem tinha motivo, ele faz isso só para se exibir para os outros. Para as meninas, principalmente. E para a Bia, mais do que principalmente.

Também pudera. Com um nome desses, precisa compensar mesmo. Só não precisava ser à minha custa. E nem todo dia. E nem na frente da Bia. É aí que está o prazer dele. Fazer a Bia rir de mim.

Mas o que é dele está guardado.

Deixa só eu terminar o dever de matemática e voltar para a construção do meu novo jogo, *Greatest Battles*. Vou modificar os atributos do idiota do Ota de tal modo que ele vai levar a maior surra da vida dele.

Prontinho, equações resolvidas.

Agora somos só nós dois, Otacílio.

É bom que fique claro que sou nerd, mas não sou gênio. Só consigo produzir meus próprios jogos porque existem softwares que já vêm com parte da programação resolvida.

Já estou construindo o *Greatest Battles* há mais de um mês. Acho que é o melhor jogo que fiz até agora.

Dos oito cenários, quatro são campos de batalha: o castelo de Lord Zeka, as ruas da cidade, a floresta e a plantação de milho. Às vezes, tenho vontade de transformar também o convento, onde Bia está bem guardada, em campo de batalha. Mas isso é só quando estou com muita raiva dela. Não é o caso hoje. E, como ela riu de mim, modifiquei seus atributos. Tirei dois pontos de sua inteligência e um de sua beleza, o que vai tornar sua vida um pouco mais complicada.

Greatest Battles é o primeiro jogo em que consegui resolver essa história dos atributos. Nos anteriores, todo mundo morria e o jogo acabava rápido demais. Cusei a entender que, para que um atributo como força não se esgotasse em poucos minutos, era necessário criar cenários onde o personagem pudesse encontrar comida (como a plantação de milho ou a taberna). Se eu criasse mais ambientes favoráveis, como albergues ou acampamentos para os guerreiros dormirem, a força levaria mais tempo para se esgotar.

Lição número um dos jogos: até os seres eletrônicos precisam comer, dormir e amar. Dã!

Da mesma forma, o atributo de sabedoria não durava nada se não houvesse uma biblioteca nem tempo livre para que os cavaleiros conversassem.

Das habilidades, então, nem se fala. Sem campos de treinamento, eu não conseguiria botar nem um ponto nos espadachins. Sem a biblioteca do convento, minha Bia não seria capaz de dialogar nem convencer a madre superiora a ajudar seu herói, Lord Zeka, a escapar das poderosas armadilhas do exército dos IdiOtas.

Para quem olha de fora, parece que os jogos de luta só têm luta. Bobagem. Para que uma boa batalha tenha seu lugar, toda uma vida precisa ser posta em movimento.

Mesmo o mais simples dos jogos é feito de uma incrível quantidade de variáveis. O que mais me fascina nesse universo é que, aqui, a lógica funciona. E é implacável. Tudo funciona na base do SE e do ENTÃO.

Vou dar um exemplo simples. Para que um personagem se mova dentro do cenário que criei, digito assim: //Movimento de Lord Zeka

```
if keyboard_check(vk_left) and place_free(x-5,y){x -=5}  
if keyboard_check(vk_right) and place_free(x+5,y){x +=5}  
if keyboard_check(vk_up) and place_free(x,y-5){y -=5}  
if keyboard_check(vk_down) and place_free(x,y+5){y +=5}
```

Traduzindo para língua de gente, estou dizendo que SE a tecla da seta para a esquerda for clicada, ENTÃO meu personagem vai se mover cinco pontos para a esquerda. A mesma coisa para a direita, para cima e para baixo.

É simples e cristalino. A toda ação corresponde uma reação. Basta que a gente determine a reação desejada. Ela não mudará. Nem estará sujeita às variações de humor dos humanos.

Apesar disso, a coisa pode se complicar a um nível de tirar o sono de um garoto quando muitas variáveis se encontram. Afinal, mover alguma coisa para a direita ou para a esquerda é o mínimo que um jogo pode fazer. Mas, por exemplo, dar um soco no general dos IdiOtas não é tão simples assim. Necessita de programação especial para que, ao receber o soco, ele seja arremessado a muitos metros de distância, espirrando sangue por todo o seu trajeto.

Pois bem, Otacílio. Aqui vamos nós.

Eu amo isso.

Leva tempo, mas é uma doce vingança calcular os movimentos que deixarão o general dos IdiOtas levando uns tapas em looping – que é quando, ao terminar, a ação volta imediatamente ao começo, num giro sem fim.

Só falta testar.

Vamos lá... rodando...

Hummm... Podia estar melhor. O soldado mais fraco do exército de Lord Zeka está embolachando lindamente o general dos IdiOtas, mas ficaria melhor se a cabeça do general fosse jogada para trás quando o tapa o atingisse. Do jeito que está, com a cabeça fixa, nem parece que ele está apanhando de verdade.

Não é difícil. Basta mudar a imagem quando o tapa a atingir. Trocar general de perfil com a cabeça reta por general de perfil com a cabeça jogada para trás.

Tenho uma bela coleção de imagens do general dos IdiOtas em todas as posições possíveis. Mas acabo de constatar que nenhuma delas o mostra de perfil com a cabeça jogada para trás. Falha minha.

E nem vou poder fazer uma imagem nova agora, porque minha mãe está chamando para jantar.

Mesmo imperfeito, deixo executando o script do Grande IdiOta. Em looooooooooping.

Fui.

A primeira coisa que fiz hoje, assim que olhei na cara do Otacílio, foi me lembrar do avatar dele apanhando no meu computador. Deu certo conforto.

Mas a tranquilidade só durou até a hora do recreio.

Mal tocou o sinal e lá estava ele, barrando minha passagem no corredor.

– Zequinha, Zequinha, você não está com uma cara muito boa hoje...

As meninas riem. Eu fico vermelho. Depois fico vermelho porque morro de vergonha de ter ficado vermelho. Minhas orelhas ardem.

– Mas eu já sei do que você está precisando – diz ele com um tom de voz que não indica nada de bom.

Antes que ele termine de falar, tento passar, mas Otacílio está mesmo decidido a me barrar.

– Nã-não, Zequinha. Não seja ingrato. Eu aqui, tão preocupado com o seu bem-estar, e você tentando fugir.

Agora as meninas riem de verdade e começo a ficar mais agoniado, porque reconheço o nó na minha garganta, sinal indiscutível de que vou começar a chorar. Isso não pode acontecer. Mas não há vontade interna que impeça meus olhos de se encher de lágrimas. Que ódio!

– Ota, larga ele – pede Bia, mas só agora, depois que todos já se divertiram bastante com minha cara. Você não perde por esperar, Bia. Vou trocar a madre superiora do seu convento. Vou botar uma muito rigorosa lá dentro e você vai passar um bom tempo trancada em sua cela a pão e água.

Otacílio, finalmente, lentamente, zombeteiramente, afasta o corpo e me deixa passar na direção do pátio. Só não vou para o banheiro chorar porque tenho medo de que ele venha atrás de mim.

Sento num canto e, como é proibido levar qualquer coisa com acesso à internet para a escola, o que inclui meu tablet, rabisco no caderno mesmo um script. Tenho que encontrar uma solução para neutralizar de vez o exército dos IdiOtas.

Mal começo a pensar, toca novamente o sinal. Hora de voltar para a sala de aula.

Ainda bem que é História. Dá para distrair um pouco. Aproveito para fazer umas anotações a respeito da queda do Império Romano. Nunca se sabe. Sempre podem ser úteis para um futuro jogo.

É por isso que me chamam de nerd. Porque presto atenção às aulas. A quase todas, pelo menos. O problema fica com as duas matérias que detesto. Graças a elas, meu boletim parece uma montanha-russa. Tenho média dez em seis matérias e nota que oscila entre zero e três nas demais.

Sim, sou repetente, o que torna minha vida ainda mais patética.

Um nerd repetente é o fim da picada.

Chego em casa e minhas orelhas ainda ardem. O nó na minha garganta está mais apertado. Corro para o banheiro e, finalmente, choro aos soluços.

Quando saio, vejo que a solução para o meu jogo estava bem ali, à minha frente, e eu não tinha percebido. Nada de batalhas honestas, ganhas com muque e espada. Não quero dar uns tabefes no Otacílio. Quero que ele queime no inferno.

Por isso, a primeira coisa que faço é mudar o nome do jogo. *Evil Revenge* soa muito melhor. Em seguida, crio o ambiente Inferno, cheio de chamas e com um diabão com tridente. O problema é que fazer as imagens dá uma trabalhadeira danada. É preciso produzir, pelo menos, umas cinco de cada personagem para que a locomoção deles pareça natural.

Está na hora do jantar. Já destruí os ambientes da batalha, e o inferno ainda não está pronto. Droga. Logo hoje, não posso deixar Otacílio passar impune.

Então rapidamente produzo um bug, um erro. No meu caso, proposital. Movo a figura do general dos IdiOtas de modo que sua cabeça fique acima do campo de visão do jogador, fora da área do jogo. Só se veem suas pernas balançando. Como o personagem é acionado a partir da cabeça, ele ficará preso ali até que Deus, ou Lord Zeka, ou eu mesmo, Zeka, tenhamos a bondade de corrigir o script.

Que lindo, seu IdiOta! Vai ficar aí, pendurado, com as perninhas balançando, até que eu decida o que fazer com você.

Aula de História. Segundo tempo. Ainda tonto de sono. Mesmo assim, percebo claramente quando a professora sorteia os grupos. Eu e Bia estamos juntos. E temos que apresentar um trabalho sobre a Idade Média.

Eu sabia, eu sabia que a sorte ia mudar e que ia mudar para o meu lado.

Pois já tenho um exército prontinho para a batalha. E castelos, masmorras, conventos. E um general no ponto certo para passar vergonha. Tudo rigorosamente programado, perfeitamente executado, muito bem calculado.

Como só um bom nerd conseguiria fazer.

Que Otacílio não se engane. Ele tem a força, eu sei. Mas, quando assumo o comando do teclado, o mundo é meu.

E agora Bia está aqui, ao meu lado. Seus olhos brilham quando mostro uma princesa com seu rosto aprisionada no convento. Seu coração dispara quando Lord Zeka puxa sua espada e encurrala o general dos IdiOtas no canto da tela, onde fica apanhando em looping enquanto eu, de carne, osso e coração aos pulos, estou a dois passos de dar um beijo de verdade na Bia de verdade, que agora me olha com verdadeira admiração.

Deve existir uma forma de programar essa cena para que não haja erro.

E algo me diz que levarei a vida inteira em busca dos cálculos perfeitos para esse script.

* * *

AUTOR E OBRA

Rosa Amanda Strausz, carioca, é escritora e jornalista. Estreou na literatura com o livro *Mínimo Múltiplo Comum*, pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti em 1991. Em 1995, publicou *Mamãe Trouxe um Lobo para Casa!*, que lhe rendeu o Prêmio Revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Escreveu muitas outras obras para crianças e adolescentes, entre as quais *Uólace e João Victor*, *Alecrim*, *Deus me Livre!* e o livro de contos de terror e suspense *Sete Ossos e uma Maldição*.



18 blecaute *ROSANA RIOS*

O computador apagou de repente. E não foi só... Os sons sumiram. Tudo ficou escuro... “Blecaute”!.

Sabe aquela pergunta básica: “Onde você estava quando as luzes se apagaram?”?

Eu estava no mesmo lugar de sempre: na frente da tela do computador.

Foi assustador, cara. O mundo ficou escuro ao meu redor. Todos os sons sumiram de repente. Ouvi um cachorrinho latindo a mais de um quilômetro de distância...

Parecia um filme de ficção científica em que todas as pessoas desaparecem.

Meu fiel PC não desligou, claro, porque eu tenho um nobreak. Tive tempo de salvar o texto do trabalho de História do colégio que tinha escrito e a planilha onde marco todos os games que eu zerei e os que ainda me desafiam. Também fui fechando as janelas carregadas: minhas três caixas postais, o webmail onde ficam os e-grupos, mais o MSN, o Twitter, o Facebook, o Orkut e outras duas redes sociais que andava experimentando, além dos meus três blogs e dos sites em que armazeno minhas imagens.

Foi a conta. Quando ia desligar o sistema operacional, a bateria do nobreak acabou.

Fiquei sentado ali, totalmente no escuro, perdido, esperando a energia voltar. Cinco minutos, dez, vinte, meia hora... Comecei a ouvir as vozes abafadas que vinham do mundo lá fora: alguém em algum apartamento reclamava que a água do chuveiro tinha ficado gelada, um bebê chorava sem parar, vozes indistintas murmuravam coisas indistintas, mais cachorros latiram, e de repente ouvi os passos da minha mãe chegando perto.

Logo ela ia perguntar se estava tudo bem comigo.

Mas é claro que não estava.

Cena imaginária.

Uma sala cheia de gente sentada em círculo. Uma mulher se levanta e diz: – Oi, meu nome é Fulana, e eu sou viciada em internet.

– Oi, Fulana – responde um coro de vozes.

Daí todas as pessoas imaginárias nas cadeiras imaginárias da cena imaginária olham pra mim. Mas eu não vou me levantar e dizer que meu nome é Tom e que sou viciado em internet. Porque eu não sou! Uso a internet como usaria qualquer ferramenta. Passo muito tempo conectado porque preciso falar com as pessoas, jogar, fazer pesquisas para a escola, mexer com textos e imagens.

Não sou viciado!

Posso parar na hora em que eu quiser!

Todas as pessoas imaginárias me olham feio, porque sabem que eu tô mentindo.

Descaradamente.

Fim da cena imaginária.

Por onde eu começo?... Bom, acho que vou começar pelo princípio.

No princípio era o e-mail. E o e-mail estava na internet, e o e-mail foi minha porta de entrada para o mundo virtual. Criei meu primeiro e-mail no computador da biblioteca do colégio. E vi que era bom.

Depois do e-mail veio a navegação pelos sites; os e-grupos se fizeram, e todas as coisas foram feitas por intermédio dos browsers, e aí veio o MSN e habitou entre nós, cheio de graça e verdade. E eu descobri as redes sociais e conheci sua glória.

Também conheci a Glória, mas isso eu conto depois.

Passou algum tempo até eu conseguir ter meu próprio computador; não era novo, nem tinha as versões mais modernas dos programas, mas era meu. Meu! *My preciousss*.

Então, sim, é que foi a glória. Com “g” minúsculo, por enquanto.

Acontece que no Orkut ou no Facebook eu não sou mais o Tom do colégio, tímido, que vive escondido no fundo da sala de aula e faz os trabalhos sozinho, sem se enturmar com os caras descolados. Nos e-grupos de que faço parte, sou conhecido por milhares de pessoas – pelo meu nick, é claro. Apelido. Todo mundo conhece o Internauta0007 e já conferiu meu perfil na rede; a foto que postei lá me mostra em meia-luz, na sombra. Sou um mistério internético, sabe? Pela foto não dá pra saber quem eu sou na vida real. Pelo meu endereço IP até daria, mas noventa e nove por cento dos internautas nem sabem o que é isso.

E quem precisa de vida real quando se tem a virtual?

Num dos meus blogs coloco artigos, resenhas de livros, arquivos de som legais e indicações de filmes; já é campeão de acessos. Sabe os tais caras descolados do colégio? Nenhum deles nunca conversou comigo nada além de perguntar qual a próxima aula. Mas todos eles entram no blog e baixam minhas sugestões de ringtones pro celular, copiam minhas resenhas dos livros que a profa manda ler na aula de Literatura e que geralmente já li há tempos. E quase todos deixam comentários nas caixas postais do Internauta0007.

Em outro dos meus blogs, mais técnico, me mandam perguntas com dúvidas de instalação de programas, porque eu consigo resolver a maior parte das encrencas informáticas. Mas eles continuam sem nem

desconfiar de que aquele internauta descolado que sabe tudo de computadores e games é o Tom quase mudo do fundo da sala...

Quase mudo. *Quasímudo...*

E as garotas? Nunca saí com nenhuma das meninas do colégio. Elas me ignoram. Apesar disso, tenho mais de duas mil seguidoras no meu Twitter, dá pra acreditar? Elas acham divertido tudo o que eu tuíto, replicam meus posts sem parar. Todas. Até a Glória.

Ah, a Glória... ela é minha musa.

Você já ouviu falar de amor platônico? Aquele que acontece quando a gente baba por uma garota de longe, sem ter nem chance de chegar perto? Não tenho a menor ideia de o que o tal do Platão tem a ver com isso, mas eu sempre amei a Glória platonicamente.

Cada vez que ela entrava no MSN eu levava um choque. Poucas vezes tive coragem de falar em PVT com ela... A Glória não é de ficar muito na rede, só tuíta de vez em quando. Não tem Facebook, mas está no Orkut. A foto do perfil dela é linda demais.

Já batemos papo pelo MSN. Uma vez eu a ensinei a baixar um antivírus legal pro computador do pai dela. Naquele dia, ela tuitou isto:

@internauta0007 vc é de+! Adoro vc, kra!

Eu imprimi o tweet da Glória e grudei na frente da minha tela. Quando fico deprimido, olho pra ele e meu humor melhora...

Mas naquele dia, no escuro, não conseguia enxergar nem isso. Nem nada.

Bom, eu ia dizendo que a luz se apagou. Falta de energia elétrica.

O pior é que era quase meia-noite, e nada de a eletricidade voltar. O telefone não funcionava; os celulares estavam mudos. Minha mãe acendeu velas pela casa. Meu avô tirou não sei de onde um lampião de querosene, fedorento pra burro, e meu pai desencavou um radinho de

pillas que transmitia notícias cheias de chiados. Eu nem sabia que aquela velharia ainda existia. E como a tal da rádio transmitia, eu não imagino: vai ver que tinham geradores. Pelo que dizia o sujeito no noticiário que meu pai estava ouvindo, o país inteiro estava no escuro. “Apagão”, foi o nome que deram.

– Blecaute – disse meu avô.

Ai, meu avô. Enquanto a gente jantava, à luz de velas, ele contou pela milésima vez que, na época da Segunda Guerra, quando ele era criança, era obrigatório a certa hora todo mundo apagar as luzes e botar panos pretos nas janelas. Nenhuma luzinha podia ser vista na rua, caso um avião alemão ou japonês sobrevoasse o Brasil, para eles não enxergar as luzes e bombardear as cidades!

Chamavam aquilo de *blackout*, blecaute.

Eu sempre achei essas histórias do vô um porre, mas dessa vez prestei mais atenção. Podia ser porque aquela escuridão toda estava me dando nos nervos ou porque tinha um clima de ficção científica no ar. Dava mesmo a impressão de que a gente tinha de ficar no escuro, todo mundo bem quieto, porque a qualquer momento um zumbido de avião ia soar. Os nazistas iam soltar bombas em cima da gente. Ou os alienígenas. Ou os zumbis.

E o filme de ficção científica ia virar um filme do Tarantino. Com explosões cinematográficas e sangue, muito sangue espirrando...

Acordei cedo, com minha mãe chamando para o colégio. Ainda não tínhamos eletricidade, mas meus pais diziam que a gente devia levar a vida normalmente. Que piada! Como aquele podia ser um dia normal se não dava pra ligar meu computador?!

Além disso, pra mim, sem eletricidade nada ia funcionar no mundo. Muito menos o colégio. Eles resmungaram que ia ter aula, sim, e que era bom eu me apressar.

Durante o café, meu pai contou o que ouviu no radinho chiante: a Companhia de Eletricidade botava a culpa do apagão, ou blecaute, no governo, que tinha cortado as verbas para a manutenção das centrais elétricas. O governo dizia que a falha era sabotagem da oposição, mancomunada com os inimigos do regime. A oposição dizia que tudo era uma conspiração sei lá de quem pra desestabilizar o processo político. Eu não tinha a menor ideia de como funcionava esse tal processo político, mas achei legal que a essa altura meu avô tinha concluído que aquilo era só um plano de dominação alienígena. Segundo ele, a solução era chamar os Homens de Preto.

Saí de casa com a sensação de que ainda estava no meio de um filme e de que, quando dobrasse a esquina, ia aparecer uma multidão de zumbis sugadores de cérebros prontos pra saltar em cima de mim...

Mas não apareceu. Cheguei ao colégio com meu cérebro intacto, só meio embotado, porque fazia horas que eu não me logava, não tuitava, nem postava nada na web.

Era como se faltasse uma parte de mim, um braço, um rim, um pulmão. Meus dedos martelavam minha perna, com ímpetos de digitar. O que é perfeitamente normal. Porque eu *não* sou viciado em internet, tá?

Fui para o pátio. Tinha bem menos alunos do que costumava ter. Acho que os pais de muita gente não tinham forçado os filhos a tentar “levar a vida normalmente”, sem computador, videogame, celular ou TV. Sorte deles.

Como sempre, ninguém falava comigo e eu fiquei ouvindo as conversas do pessoal. Meu avô teria se sentido feliz: estava cheio de gente que acreditava mesmo que o apagão era coisa de alienígenas; outros pensavam que podia ser um ataque de zumbis; e um pessoal jurava que era encrenca do governo – revolução, golpe, sabotagem, sei lá.

Eu só queria voltar pra casa, me enfiar na cama e dormir até o pesadelo acabar.

E então... foi a Glória.

Sério, cara, a Glória, com “G” maiúsculo, estava parada no corredor, me olhando. Mais linda ainda que na foto do Orkut. Ela me perguntou assim, na lata, direto: – Tom, você entende de tecnologia! Sabe o que tá acontecendo?

Eu fiquei com cara de idiota, olhando pra ela e imaginando como sabia que eu *entendia de tecnologia* se nunca tinha conversado comigo na escola, só com o Internauta0007 pela internet. Respondi alguma coisa bem descolada e inteligente, feito: – É, bom, hã...

Ela sorriu daquele jeito que costuma me fazer derreter e continuou: – Eu sei muito bem qual é o seu nick. Te reconheci pela foto no perfil do Twitter. Se tem alguém que pode explicar uma confusão tecnológica, é você.

Juro, eu queria que naquela hora aparecesse mesmo um bando de zumbis sugadores de cérebros, só pra sair gritando e não ter de ficar morto de vergonha na frente da Glória. Mas, claro, os zumbis nunca aparecem quando a gente precisa deles.

Nunca vou saber de onde tirei a coragem pra conversar com ela como se fosse um sujeito normal, não um personagem virtual qualquer. Conteí das explicações que tinha ouvido nos chiados do radinho de pilhas do meu pai. Falei dos blecautes do tempo do meu avô... Começamos a discutir e chegamos à conclusão de que o mais lógico seria a falha nas centrais elétricas por causa da falta de manutenção. Incrível! O papo saiu tão natural que eu nem reparei que tínhamos entrado na sala e estávamos sentados juntos no fundão.

Pouco antes de o professor chegar, uns carinhas lá da frente chamaram: – Ei, Glória, não vem sentar com a gente?

– Hoje, não, eu e o Tom temos muito que conversar – respondeu ela.

Continuamos o papo até o professor começar a falar e nem demos bola pros assobios e risinhos do pessoal. Naquele dia não houve laboratório nem biblioteca, por causa da falta de eletricidade. Na sala de aula as

janelas eram grandes e tinha luz suficiente; tivemos aulas normais, depois fizemos educação física na quadra externa. O apagão continuava, e nem o sinal barulhento funcionava. Cada professor só olhava o relógio e avisava que a aula tinha acabado.

Na saída do colégio a Glória me disse tchau e me beijou no rosto.

E eu fui pra casa com a sensação de que o mundo tinha acabado *mesmo*.

Cena imaginária.

Tem uma praia imaginária com areia branca e ondinhas que vêm quebrar nos meus pés imaginários. Aí, no meio do caminho entre a areia e a arrebentação, eu vejo a Glória.

Dá vontade de cantar alguma coisa como “Glória nas alturas”, mas a trilha sonora desta cena imaginária tá mais pra Metallica que pra música de igreja.

A Glória está usando um vestido branco justinho no corpo e com a saia esvoaçante. Vem correndo na minha direção, os cabelos soltos dançando no vento. Em câmera lenta, claro. Eu começo a andar para ela, em câmera lenta também, me sentindo o maior imbecil da história de todas as cenas imaginárias.

É brega. É kitsch. É coisa de novela das seis. Mas é bom...

Aí, bem quando a Glória imaginária chega à minha frente na praia imaginária e eu estou planejando um beijo cinematográfico que *não* pode ser mostrado na novela das seis...

...minha mãe bateu na porta do quarto e avisou: – Tom, a luz voltou!

Eu não estava mais na praia. A lâmpada do meu quarto estava acesa, o rádio-relógio piscava e a luzinha do led no computador brilhava em verde. O blecaute, apagão, falta de eletricidade, ataque de zumbis ou aliens tinha terminado.

Ficamos ali um tempo, minha mãe e eu, sem dizer nada.

– Em meia hora chamo pro jantar – disse ela, antes de sumir.

Já era quase noite e estava escurecendo. Olhei pela janela e vi a cidade iluminada como sempre, janelinhas se acendendo em toda parte. Sons altos: músicas, vozes de locutores de tevê, buzinas, sirenes sirenando, crianças dando gritinhos, pais bronqueando.

O mundo tinha voltado ao normal.

Ou não?

Liguei o computador. Sentei na frente dele, lembrando que tinha de checar minhas três caixas postais, o webmail dos e-grupos, o MSN, o Twitter, o Facebook, o Orkut e as duas redes sociais novas, atualizar os três blogs mais os sites de armazenamento de imagens. Mas não tive tempo. O telefone tocou e meu avô gritou lá da sala: – Telefone pra você, Tom!

Atendi.

Isso mesmo, você acertou. Era a Glória.

– Oi, Tom, tudo bem? Acabei de ver na TV que você tinha razão. O apagão foi mesmo culpa de uma falha na manutenção de uma das centrais elétricas...

Conversamos um pouco, eu imaginando se ela estava com os cabelos soltos e usando um vestido branco esvoaçante. Aí ela disse: – Escuta, tô a fim de tomar um sorvete. Quer me encontrar na sorveteria da praça?

Olhei para o monitor me esperando cheio de ícones dos programas, o teclado a postos, a internet conectada.

– Chego lá em cinco minutos – respondi.

Chequei se ainda tinha dinheiro no bolso da calça, ensaiei um jeito convincente de avisar minha mãe de que não estava a fim de jantar e ia pegar o mouse pra clicar em “Desligar o computador”. Mas a setinha branca do cursor foi lá sozinha e clicou por mim.

Sério. Não é mentira, não. O sistema operacional fechou e a tela ficou negra.

Eu ri comigo mesmo.

Blecaute...

E eu tinha só cinco minutos pra chegar à praça.

* * *

AUTOR E OBRA

Autora de literatura fantástica, infantil e juvenil, Rosana Rios, em mais de vinte anos de carreira, publicou mais de cem livros, alguns deles premiados. Mora em São Paulo com a família, uma biblioteca enorme e uma coleção de dragões. Tem um site, três blogs, vários grupos de discussão na internet, e morre de medo de um blecaute.

Contate a autora no Twitter em: @RosanaShelob



19 UMA NOVA MENSAGEM *Sandra* *pina*

Em Uma nova mensagem, parte do mistério se revela uma ilusão de ótica – não apenas dos olhos, mas das tecnologias que usamos para ver, registrar e transmitir. Outra parte fica sem resposta: quem postou as mensagens ameaçadoras... Até porque em nossa sociedade também é difícil dizer o que aconteceu e o que foi criado por essas ilusões digitais.

Não acreditei quando abri o pacote embrulhado pra presente que chegou pelo correio justo no dia do meu aniversário. Vinha com um cartão assinado: “É para você me ligar sempre que sentir vontade. Feliz aniversário. Papai”.

– Ele pode até nem aparecer muito – minha mãe comentou –, mas pelo menos se lembra das datas.

Fingi que não ouvi; afinal, meu pai tinha essa qualidade: sempre sabia exatamente o que eu queria. Mas não lembro de ter comentado com ele que tinha perdido o celular e muito menos da bronca que levei. Acredita que minha mãe disse que eu não tenho “responsabilidade suficiente para ter um aparelho desses”? Tudo bem que foi o terceiro aparelho perdido: o primeiro deixei cair na privada, e o segundo foi parar no poço do elevador do prédio, em pedaços, é claro.

Nem liguei, afinal, além do meu aniversário, a única coisa que importa agora é o celular supermoderno, novinho e com tudo o que eu preciso. Ele tira fotos, tem acesso à internet, uma agenda onde cabem todos os

meus contatos e mais alguma coisa e, melhor de tudo: dá pra fazer vídeos! Decididamente, foi o melhor presente de aniversário que eu ganhei.

Não preciso dizer que, por causa do meu supercelular, descobri como é divertido sair gravando em vídeo tudo o que vejo pela frente.

Como eu precisava treinar, comecei gravando cenas em casa: minha mãe na cozinha, meu quarto, o gato se espreguiçando. E aí resolvi fazer vídeos na escola, flagrando meus amigos em situações hilárias, como o tombo que a Bia tomou quando subia a escada correndo ou o seu Paulo, da cantina, deixando cair um saco cheio de moedas, que se espalharam pelo chão.

É claro que meus vídeos fizeram o maior sucesso e o pessoal me convenceu a montar um blog, onde todo mundo passou a deixar comentários muito engraçados.

Mas tenho que confessar: eu tava ficando meio cansada de fazer vídeos só em casa e na escola. Então, comecei a usar meu supercelular pra gravar flagrantes pela rua, pela janela do meu quarto, dentro do ônibus ou do metrô. Tive que aprender a borrar os rostos antes de postar, pra evitar problemas. Acredita que teve gente que postou comentários bem malcriados no blog? E nem coragem de mostrar a cara o desgraçado teve! Postou como anônimo!

Sempre que voltava de ônibus pra casa, eu ia gravando um pouco de tudo, até porque era assim que eu conseguia as melhores cenas. Então, num dia desses fiz um flagrante que me deixou apavorada. Gravei um homem num beco. Ele tava com um facão enorme nas mãos, e eu juro que vi sangue. Acho que tava esfaqueando alguém! Caramba! Filmei um assassinato! E nem sabia quem era a vítima. Mas o pior de tudo, pelo menos pra mim, foi que fiquei com a impressão de que o homem percebeu que estava sendo filmado.

“Arranca rápido, seu motorista, por favor”, falei só pra mim, é claro. Mesmo porque eu acho que ninguém viu o que eu vi, senão alguém teria

feito alguma coisa, né? O ônibus começou a andar. Mais dois pontos e eu estaria segura em casa.

Meu coração pulava tanto, mas tanto, que dava até pra ver. Corri pro quarto, botei o celular na escrivaninha e fiquei encarando o aparelhinho, morrendo de medo. Medo do celular, do que eu tinha gravado, daquele cara com a faca na mão, medo de tudo. Tomei um susto quando minha mãe avisou que o jantar tava quase pronto. Tomei um banho rápido pra tentar me acalmar. Imagina se ela descobrisse!

Só não comi totalmente em silêncio porque não dá pra não responder à montoeira de perguntas e comentários que minha mãe adora fazer durante o jantar. Mas confesso que eu tava no piloto automático. A única coisa em que eu pensava era: “E agora? O que eu faço?”.

Bem que tentei dormir, mas, cada vez que fechava os olhos, aquele homem com as mãos vermelhas de sangue estava me encarando.

Dei o maior pulo quando ouvi um apito. *Low battery*. Botei o celular pra carregar e, nem sei como, acabei adormecendo.

No dia seguinte acordei mais atrasada que o normal. Foi tanta correria pra não perder a aula que nem lembrei mais do tal vídeo. Mas é claro que o que é bom dura pouco, né? Maldita a hora em que fui me preparar para gravar um belo banho de mostarda que Júlio estava prestes a levar.

– Gravou? – perguntou Silvinha, minha melhor amiga.

– Tá dizendo que o chip tá cheio – respondi.

– Você não baixou os vídeos de ontem?

– Não. É que... – Um frio correu pela minha espinha.

– O que foi? – Silvinha percebeu meu pavor.

– Posso confiar em você?

– Claro!

– Mas é segredo. Você tem que jurar que não vai contar nada pra ninguém! NINGUÉM mesmo.

– Caramba, Elisa! O que é tão importante assim pra você duvidar de mim? – Silvinha começou a ficar impaciente.

Cheguei bem perto dela, procurei o arquivo e apertei o *play*. O vídeo começou como qualquer outro, com pessoas jogando papel no chão, olhando vitrines, falando ao celular. E, de repente, a cena do homem.

– O que ele tá fazendo!? – perguntou Silvinha, assustada.

– Não sei. Não tenho a menor ideia.

– O que a tua mãe falou?

– Não mostrei.

– Não?

– Sabe como é a minha mãe. Ela vai acabar colocando a culpa no meu pai, porque foi ele quem me deu esse celular.

– Então mostra pro teu pai. Ele é jornalista, deve saber o que fazer com isso.

– O problema é que ele tá viajando. Foi fazer uma matéria especial no interior do Chile ou da Bolívia, sei lá. Só sei que me avisou que ia ficar sem contato durante uma semana.

– A gente pode passar na delegacia quando a aula acabar...

– Ah, claro! Duas meninas da nossa idade mostrando esse vídeo. Eles vão acreditar muito que é de verdade. E também não vou mostrar pra nenhum professor, porque a primeira coisa que vão fazer é chamar a minha mãe.

Silvinha concordou. E agora éramos duas sem conseguir tirar aquilo da cabeça.

Mas o pior mesmo foi quando o celular tremeu quando eu tava voltando do colégio com a Silvinha. Apareceu no visor: Nova mensagem. Número desconhecido.

Muito estranho. Todo mundo que me liga ou manda mensagem tá cadastrado no meu chip. Achei que era da operadora, sei lá, e abri.

Eu sei quem você é!

Foi como se o meu coração parasse de bater por alguns segundos. Silvinha esticou o pescoço pra ver a mensagem.

– Ah, Elisa, isso é trote. Só pode ser.

– E se não for? E se for mesmo o cara que eu filmei? E se ele me seguiu e viu onde eu moro?

Eu não conseguia parar de falar e de tremer.

– Você nem tem certeza de que ele viu você! – Silvinha tentou me acalmar. – Vamos fazer uma coisa: vou avisar pra minha mãe que vou pra tua casa fazer um trabalho, tá? Aí a gente baixa o vídeo. A tela do computador é maior, e vamos conseguir ver melhor se ele viu ou não que você tava filmando.

O problema foi que, mesmo na tela grande do meu computador, era impossível ter certeza se o homem tinha me visto ou não. Parecia que sim, mas podia ser apenas a minha paranoia. Também não dava pra ver quem ele tava esfaqueando.

– Viu? Foi só um trote – confirmou Silvinha.

– Mas a única pessoa que sabe disso é você! E eu não te vi mandando mensagem pra mim, nem o teu nome apareceu aqui.

– Então, quem foi?

A pergunta ficou no ar, assim como a minha coragem pra rever o vídeo.

– Já sei! – gritou Silvinha de repente. – Vamos dar uma olhada na internet e ver se acha alguma coisa sobre a vítima.

Mas não encontramos nada.

Bem que tentei falar com o meu pai. Sem sucesso.

Então a gente lembrou que tinha um monte de outras coisas pra fazer e tentamos esquecer tudo aquilo. “Tentamos”, eu disse. Porque à noite, um pouquinho antes de me deitar, meu celular apitou de novo. Era mais uma mensagem do número desconhecido: Vou me vingar.

Ah! Não aguentei! Desliguei o aparelho na mesma hora e, pela primeira vez desde que eu tenho celular, dormi com ele desligado. Quer dizer, tentei dormir, porque aquelas mensagens ficaram passeando pelos meus sonhos a noite inteira.

A primeira coisa que eu fiz quando cheguei à escola foi mostrar a segunda mensagem pra Silvinha.

– Tô com medo, amiga – confessei.

– No seu lugar, eu também estaria – disse ela, tremendo.

Mais tarde, quando saí da aula de Inglês, tomei um ônibus diferente, que faz um caminho mais longo, mas não passa por aquele lugar onde eu gravei o tal vídeo. Tentei relaxar um pouco olhando pela janela, mas tive a nítida impressão de ver o homem de novo. Estava com a mesma blusa azul-marinho e, pior, entrou no ônibus que eu tava. Gelei.

Cheguei em casa, corri pro meu quarto e só saí de lá quando a minha mãe chamou pra jantar. E um pouco mais tarde, uma nova mensagem: Você vai se arrepender do que fez.

Chorei de pânico. Baixinho, pra minha mãe não ouvir.

Juro que tentei não pensar na coisa toda durante a sexta-feira, mas foi impossível. Eu tinha a sensação de que alguém tava me seguindo na rua. Ficava olhando pra trás o tempo todo. Isso sem falar dos dois comentários anônimos que foram deixados no meu blog. Um dizia: Você e seus malditos vídeos ainda vão pagar caro.

E o outro: Vai ter troco.

Como se não bastasse, antes de o dia terminar, mais uma mensagem no celular: Minha vingança já tem dia e hora.

Apavorada é pouco pro que eu tava sentindo. Fritei na cama durante horas e acabei decidindo que precisava fazer alguma coisa. Eu precisava, pelo menos, tentar descobrir quem era a vítima e por que não tinha saído nada na internet. Tudo sai na internet. Eu só não fazia a menor ideia de como ia fazer isso.

Acordei no sábado com o celular tocando. Era o meu pai.

– Mas você não tá viajando? – perguntei antes de dar bom dia.

– Bom dia, minha flor. Cheguei ontem à noite e estou morrendo de saudade. O que você acha de levantar e se arrumar rapidinho, que daqui a uma hora eu passo aí para buscar você e passarmos o dia juntos?

Fiquei superaliviada e chorei de alegria por meu pai ter chegado. Com certeza ele ia saber como me ajudar.

Entrei no carro e olhei séria pra ele.

– Preciso mostrar uma coisa – avisei e abri o netbook, que tinha posto na mochila.

– Que coisa estranha... Onde você gravou isso?

Contei. Meu pai ligou o carro.

– Foi bem ali – apontei.

Ele estacionou e andamos até o local.

De repente, apertei a mão do meu pai com uma força que eu não sabia que tinha. Era o mesmo homem, com a mesma camiseta e a mesma faca.

– Calma – disse baixinho o meu pai, sem parar de andar.

Quando chegamos lá, descobrimos um caminhão estacionado, diversos homens com a mesma camiseta, todos descarregando enormes peças de carne e entrando pela pequena porta que dava acesso ao grande frigorífico do açougue. Um homem em especial usava um enorme facão pra abrir uns sacos plásticos, muito grossos, com pedaços de carne dentro.

– Viu? – começou meu pai. – Acho que o mistério do seu vídeo está desvendado – e riu.

Mas eu não achei graça nenhuma. Na verdade, fiquei mais séria ainda e me enchi de coragem pra mostrar as mensagens que tinha recebido e contar dos comentários anônimos no blog.

– Continuo sem saber quem tá me mandando isso, pai – eu disse, quase chorando.

– Se todas foram mandadas pela mesma pessoa, temos um jeito de descobrir.

Ele fez uma ligação rápida, entramos no carro e fomos encontrar um amigo do meu pai que entende tudo de internet.

Depois de entrar num monte de telas, ele descobriu que os comentários tinham sido postados de um computador da escola.

– Deve ser algum colega seu que se sentiu humilhado ou traído por algum dos seus vídeos, filha. Vamos dar uma olhada em todos.

Mas a gente não achou nada que pudesse dar uma pista de quem tava fazendo aquilo.

Olhei pro meu pai e pedi a ajuda dele pra dar um basta naquela história. No domingo, quem visitou o meu blog encontrou um vídeo novo, euzinha falando como se fosse num telejornal: Ei, você aí que não tem coragem de aparecer, que fica enviando mensagens anônimas aqui pro blog e pro meu celular, fique sabendo que eu não vou parar de blogar, muito menos de fazer meus vídeos.

Na segunda-feira, quando cheguei à escola, Silvinha veio correndo me contar que não se falava de outra coisa que não o vídeo que eu tinha postado. Um monte de gente me deu parabéns e quase todo mundo queria saber mais detalhes sobre o que tinha acontecido. Contei apenas uma parte, é claro, a história completa é um segredo que só a minha melhor amiga conhece.

Ah! E é bom deixar registrado: nunca mais recebi mensagens anônimas no celular nem no blog, mas continuo intrigada, sem saber quem enviou aquelas.

AUTOR E OBRA

Carioca, Sandra Pina é jornalista e escritora. Estudou Jornalismo e Publicidade na PUC do Rio de Janeiro e cursou especialização em Literatura Infantil e Juvenil na Universidade Federal Fluminense (UFF). Trabalhou com assessoria de imprensa, marketing e assessoria artística na indústria fonográfica por muitos anos. Seu primeiro livro foi lançado em 2001, ano em que também se filiou à Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ), da qual é, atualmente, coordenadora de comunicação.

– Filho, filho, acorda. Tu estás chorando... Calma, estou aqui, foi só um pesadelo... Calma, caaaalllma, tô aqui, a mamãe tá aqui, vai ficar tudo bem.

– Para, mãe, não sou mais um bebê, esqueceu?

– Não, não esqueci, seu bobo. E por acaso só bebês podem ter carinho e cuidado de suas devotadas mães?

Ele, como que entendendo a singela ironia materna, ensaia um sorriso amarelo, quase verdadeiro, quase gentil. Súbito, pergunta: – E o papai? Ele está onde?

– Teu pai está na biblioteca, no computador...

– A esta hora, mãe? Por que ele não está contigo na cama, como a maioria dos pais?

– Ele gosta de trabalhar neste horário. Acho que seu pai pensa como Rilke, mesmo sem nunca tê-lo lido. O poeta costumava dizer que o mundo teima em nos silenciar. Na verdade, são mesmo muitos os chamados durante o dia, né? Um telefone que toca, a TV ligada, os celulares sempre urgentes e de diferentes operadoras que nos obrigam a ter, e-mails para responder, alguém querendo prontamente algo de nós... muitas e muitas convocações, nem sempre fáceis de nos desvencilharmos, infelizmente. Então, filho, queres me contar o pesadelo?

– Mãe, também não li ainda esse poeta, apesar de o professor de Literatura ter nos indicado o *Cartas a um Jovem Poeta*.

– Boa indicação. E por que não o leste?

– Porque acho estranho ler e-books. O professor de Literatura disse que a internet é uma ferramenta indispensável para as aulas hoje e quem não a usa já ficou para trás. Ele decretou o fim da papelada na sala de aula, nada de matar árvores para escrever livros. Todos os alunos da escola são, a partir de agora, ecociberestudantes. Tentei ler o livro no computador do papai e não consegui, me dá sono, fico angustiado, sinto logo fome. Não sei como poderei fazer prova e passar de ano se os outros professores todos também adotarem isso. Outro professor acha que

nossa turma já fará o vestibular virtual. Ah, mãe, tantas tarefas na escola e tanta coisa pra ser vivida... Como conciliar isso tudo? Aposto que no teu tempo não era assim...

– Tá me chamando de velha, mocinho? Não, filho, realmente não era assim. Tínhamos também inúmeras coisas para administrar e ainda nos sobrava tempo para os amigos, para as preocupações sociais. Conheci teu pai na militância estudantil. Participei sempre de projetos sociais, envolvendo idosos, crianças abrigadas, campanhas contra a fome... E isso muito antes de sonhar entrar na universidade. Diferente de vocês, que estão intermitentemente on-line e siderados pelos seus hipnóticos aparelhinhos, nós gostávamos de estar uns com os outros. Hummm, era tão bom, filho. Tu não fazes ideia.

– Ah, mãe, também gosto de estar com os meus amigos, mas ninguém tem tempo. Acho chato estar com eles apenas no MSN, mas não há outro jeito. Além do grande volume de coisas que temos para estudar, eles têm que atualizar sempre suas redes sociais. Boa noite, mãe. Tira logo o pai do computador e vamos todos dormir, né? O celular me despertará às seis horas; o dia tá quase amanhecendo e, se eu ficar sonado na aula e levar bronca do professor, a culpa é tua.

– Tu tens razão, meu caro, eu sou mesmo um pesadelo. Adeus, festa de aniversário de dezessete anos semana que vem, viu?

– Puxa, agora nem sob pressão e nem com toda a caixa de hipnóticos do papai eu durmo. Fala sério, mãe!

– Sério! Fui.

Ele de fato chega sonolento à aula, que parece nunca terminar. “Finalmente o intervalo”, pensa. Agora poderá entregar pessoalmente o convite da festa já anunciada há um mês.

– Pedro, Rafael, Pollyana, Arturo, Fernanda, Cecília, Flávia, Diva, Cynthia, Gorette, Igor, Géraldine, aqui estão os convites pra minha festa. Eu mesmo fiz a arte, o que acham? Como eu disse antes, minha avó emprestou a casa dela, na praia do Olho d’Água, todinha pra gente. Não será permitida a entrada de pais nesse dia. O trato é que esse aniversário

- Lu, tá lembrada de minha festa?
 - Hã?
 - Minha festa de aniversário no sábado que vem...
 - Ah, claro. Não posso falar agora, preciso aproveitar este tempinho para postar algumas coisinhas no meu blog. Nos falamos depois, certo?
 - Lu, depois não, agora. Dá para me ouvir um instante?
 - Vai, fala. Posso te ouvir e postar ao mesmo tempo. Faço isso o tempo todo na aula.
 - Preciso de tua ajuda para distribuir os convites restantes. Até agora só consegui entregar cinquenta.
 - Entregar? Como assim, pequeno?
 - Esqueceste que eu mesmo fiz a arte e a impressão dos convites e que pretendia mandá-los pelos correios e que desisti dessa ideia quando me dei conta de que era impossível conseguir o endereço residencial de todo mundo?
 - Sério? Tu pensaste isso mesmo?
 - Sim, claro. Por que o espanto?
 - Achei que tu estavas só tirando onda comigo e com a turma.
 - Até parece... Bom, não importa. Tu podes me ajudar com os trinta convites restantes? Célio Filho, Wilker, Wallace, Guilherme, Caio... Nossa, são tantos e...
 - *Sorry*... mas meu blog me espera e ainda tenho que dar um pouco de atenção aos meus seguidores do Twitter, antes de estudar para as duas provas de amanhã. Te contei que já tenho trezentos seguidores me tuitando?
 - Legal. Eu me viro. Vou nessa. Te ligo mais tarde...
- Frustrado, todavia determinado, Ele segue corajosamente sua saga, mas não sem a sensação de que Luísa era-lhe muito mais próxima, afetiva e amorosa quando estavam na internet. Pessoalmente é quase fria, quase estranha, quase indiferente, quase-quase.
- Dois dias depois, todos os convites com seus devidos destinatários encontram-se no MSN.

- Pensei que tu não fosses mais entrar. A turma toda tá on. Os assuntos são as provas de amanhã e teu mico carteiro. rssrrsrsrsrsrsr – *Écoute, c'est ma life*. Não espalha que eu tô aqui, Lu. Não qro falar disso com eles. Entrei invisível pra te ver...
- Que bom, amor! Fico maluca qdo tu desapareces do MSN, desliga o cel ou não responde aos meus SMSs.
- De boa, não tenho essa tua libido tecnológica e, além disso, tô ligado mesmo é na preparação da festa. Vou surpreender todos vocês com minha performance de DJ. A casa de minha avó será só nossa com aquele marzão arrebentando suas ondas sob uma lua animal. Ninguém conseguirá ficar parado até o sol vir nos cumprimentar, pode apostar.
- Nossa, amor, blz. Na escola não temos hábito de comemorar os aniversários assim juntos. Vai ser d+.
- Kkkkkkkkkkkk... Vamos amanhã ao cinema? Tô super a fim de ver o *Tropa de Elite 2*, todo mundo tá falando tão bem... fiquei curioso.
- Já tem na net. Só ripar, sabia?
- Não, Lu. Tô perguntando se queres ir ao cinema amanhã comigo. Só isso. *Tu veux ou tu veux pas?*
- Chaaaata essa tua mania de falar francês só para provocar. Não vai dar. Tenho três mil comentários no meu fotolog. Preciso mto agradecer aos meus fãs. Não seria educado deixá-los sem uma palavrinha, né? Isso vai me tomar um tempo absurdo. Tu vais e me fala ou eu vejo dia desses aqui no meu PC.
- Eu vou mesmo. Mereço uma relaxadinha depois dessa saga que tem sido organizar essa festa sem a ajuda maciça de meus pais. Nos vemos sábado na festa, OK? *Bisous*

Filho, teu pai e eu já fizemos tudo como nos pediste. Os garçons estarão hoje a postos no horário combinado, todo o bufê japonês, bolo, sucos, água, refrigerantes, mas nada de bebida alcoólica. Não te esqueças de que esse foi o nosso combinado. Nós e sua vó sairemos para jantar, se precisares é só ligar. Nada de excessos na casa da vovó, mocinho. Feliz aniversário, amor. Apressa-te, senão tu chegarás depois de teus convidados. Obrigado, mãe. Feliz aniversário, filhão! Juízo. Pode deixar, meu velho. Feliz aniversário, meu querido, o melhor ainda está por vir. Obrigado, vó. Sua casa nunca mais será a mesma. Dona Oneide nem assunta. Ele dirige-se ao táxi que o aguarda pacientemente lá fora, não sem antes olhar-se de soslaio no espelho que sempre estivera ali desde que Ele é ele mesmo. Apaziguado com sua imagem, coisa rara para um adolescente, marcha firme e triunfante em direção ao carro e àquela que será uma inesquecível celebração entre amigos, talvez a última antes de cada um seguir seus insondáveis caminhos depois do famigerado vestibular.

Cumprimenta os garçons, certifica-se de que tudo está impecável demais para uma festa adolescente (culpa de sua mãe e de sua avó), posta-se em frente à cabine de som e faz ecoar sua trilha sonora construída cuidadosa e sigilosamente para impressionar e surpreender seus colegas e imprimir em almas amigas uma noite como nenhuma outra. Este seu aniversário é seu presente maior para todos eles.

Fones na orelha, celular na mesa, distrai-se com sua trilha e só vez por outra confere o relógio. Apenas duas horas de atraso, nada grave. A lua, como que fisgada pelo seu som, espraia-se, derrama-se quase exclusivamente na casa de praia da avó. O mar num balé violento e belo ultrapassa barragem e muro e faz-se, tal como a lua, uma espécie de convidado-atração. Surpreso com os ilustres penetras, deixa cair os fones de ouvido, retira-se da cabine de som e observa imóvel aquele balé atavicamente aquático e virulento sob uma luz prateada intensa e irreproduzível. Não sabe quanto tempo ficou ali parado, em transe, em

comunhão. Ele é ao mesmo tempo aquela luz nada ofuscante, mágica, e aquela força incontrollável e revolta e bela. Consulta uma vez mais o relógio e é quase sol. Aproxima-se do celular e ouve um último alerta de SMS. Toma-o nas mãos e vê exatas oitenta novas mensagens, certamente oitenta parabéns, que não puderam vir, em forma de abraço. Nem alegre nem triste, com lucidez profana e uma leveza nunca vivida, atira ao mar relógio e iPhone. Caminha em passos curtos e firmes para o centro do jardim e, próximo à piscina em que nada desde antes de nascer, desfaz-se dos sapatos e da camisa. Deitado, Ele espalha-se entregue ao sol, que não tardará a vir.

* * *

AUTOR E OBRA

William Amorim de Sousa é mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, onde fez, também, todos os créditos do doutorado. Psicanalista, fundador e diretor do Centro da Infância e Adolescência Maud Mannoni (CIAMM), é autor do livro *O Amor em uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres: Uma abordagem psicanalítica* (prêmio de publicação pela Secretaria de Estado de Cultura do Maranhão). Autor de três livros infantojuvenis, prepara, atualmente, um livro de contos que deverá se chamar *Contos de Maio*. Passou muitos anos longe de sua adorada São Luís do Maranhão por conta de sua formação acadêmica e clínica (Maceió, Recife, São Paulo, Paris e Bélgica). As viagens continuam frequentes, mas, a cada volta para São Luís, a vida se reinventa, o coração se aquece e os amigos tornam a existência mais amena.



PARA PESQUISA, DISCUSSÃO

E Aprofundamento

A antologia *Internautas – Os chips reinventando nosso dia a dia* tem um título provocativo que nos sugere pensar justamente nosso cotidiano, do momento de acordarmos ao de nos recolhermos novamente para dormir, e perceber quanto nossas rotinas – ou mesmo os momentos especiais – estão interligadas a novas tecnologias. Muitos de nossos leitores não eram nascidos naquele tempo, hoje impensável para parte da população, quando não dispúnhamos de comunicação móvel (celulares e descendentes), computadores etc., quando não estava presente em nossa consciência essa sensação de estar – ou poder estar – plugado o tempo inteiro. Ao mesmo tempo, para muitos dos leitores que vieram acompanhando essas mudanças, surpreende a velocidade crescente em que essas mudanças acontecem, como se o ritmo de nossa vida, e também as exigências sobre cada um de nós, estivesse se acentuando cada vez mais. Este suplemento foi elaborado visando ampliar algumas questões destacadas pelos contos desta antologia.

- ⇒ Você acredita na disseminação da tecnologia como fator que estimule a democratização da informação, da cultura e mesmo dos espaços de formação da opinião pública, de discussão e de participação das pessoas nas decisões do país? Por quê?
- ⇒ Sempre geram discussão os *efeitos colaterais* da modificação de nosso cotidiano provocada pela introdução da tecnologia. Por exemplo, há quem contraponha as vantagens em termos de ampliação de recursos de comunicação, pesquisa, trabalho etc., uma exigência crescente sobre o indivíduo, forçando-o a abrir mão de partes de sua privacidade ou, em outro aspecto, a produzir cada vez mais, a se submeter às tensões para se manter atualizado em relação às novidades tecnológicas. Por

exemplo, a Receita Federal aboliu a declaração de renda feita *em papel*. Agora, só a aceita se for enviada pela internet. E quem não *encara* um computador, como fica?

- ⇒ Você já ouviu falar na expressão *exclusão digital*? Trata-se de um dos problemas que aos poucos vão se tornar mais graves nas sociedades do mundo inteiro. É algo que merece pesquisa, obtenção de informações, já que há vários aspectos desse problema, e muitas organizações e entidades trabalham para reduzir os prejuízos dos *excluídos* da vida digital.
- ⇒ Há quem diga que, se existisse GPS na época da aventura de Robinson Crusoe, no século XVIII, a história não seria escrita. Isso porque o enredo narra a história de um homem que, vítima de um naufrágio, ficou mais de vinte anos vivendo numa ilha isolado do mundo. No entanto, a história traz também a saga humana desse personagem, que, privado do mundo e da vida que conhecia, teve de reconstruir tudo partindo praticamente do nada. Você tem opinião ou algumas reflexões sobre essa polêmica?
- ⇒ E sobre quem acredita que a *realidade digital* supera e mesmo elimina as explorações da imaginação humana? Ou será, ao contrário, que abre novas perspectivas, novos universos, indo até onde nenhum ser humano jamais esteve?
- ⇒ Que tal entrar nessa discussão? A internet muda as formas de relacionamento – namoro, amor, amizade, trabalho? E muda também, de alguma maneira, mesmo sutil, os sentimentos humanos envolvidos nesses aspectos tão essenciais de nossa vida?
- ⇒ Os contos desta antologia se aventuram em diferentes gêneros (thriller, drama, romântico etc.), estilos e recursos de composição ficcional para contar as histórias. Alguns desses elementos se

destacaram mais do que outros para você? Por quê? Que questões você elegeria como mais interessantes nessas narrativas ?

- ⇒ E mais... exercite sua criatividade: há alguma história nesta antologia que você contaria de maneira diferente? Como ficaria?
- ⇒ Ou há alguma que despertou em você ideias para uma adaptação para teatro, cinema, audiovisual, performance ou outra expressão qualquer?
- ⇒ Publique no Facebook, em seu blog ou no Twitter um comentário ou mesmo uma resenha sobre esta antologia. Use essas sugestões para propor pontos de discussão com seus seguidores ou amigos. Confira como andam as reflexões de cada um sobre como a internet, o celular e as novas tecnologias mexem com a cabeça, o coração, o tempo e a organização do cotidiano de cada um.

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Organização: Veio Libri – Luiz Antonio Aguiar

© 2011 Autores: Angela Leite de Souza, Caio Riter, Celso Sisto, Edison Rodrigues Filho, Fernando Nuno Rodrigues, João Anzanello Carrascoza, Leo Cunha, Luciana Sandroni, Luis Eduardo Matta, Luís Pimentel, Luiz Antonio Aguiar, Luiz Rocha Soares, Miguel Sanches Neto, Raonix, Roberto Menezes, Rogério Andrade Barbosa, Rosa Amanda Strausz, Rosana Rios, Sandra Pina, William Amorim de Sousa

Capa: Claudia Xavier

Fotos da capa: webcams: Andresr/iStockphoto.com; globos: Doug Armand/Getty Images; bússola: Christine Balderas/Getty Images; cadeado: John Payne/Getty Images; circuito: Jody Dole/Getty Images Conversão em epub: {kolekto}

Projeto gráfico e diagramação: Andrea Yanaguita

Direitos de publicação:

© 2011 Editora Melhoramentos Ltda.

1ª edição digital, abril de 2013

ISBN: 978-85-06-07119-9 (digital)

ISBN: 978-85-06-06648-5 (impresso)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@editoramelhoramentos.com.br

